





ROZENDO MONIZ BARRETTO

28.7.73
c.



RIO DE JANEIRO
IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
21 - Rua 1ª de Março - 21

INTRODUÇÃO

Neve a descoalhar

I

Duas vezes, e com muita aproximação, tenho sido liberalmente quinhoado na fortuna litteraria de Rozendo Moniz. Inscreveu elle o meu nome, como em taboa votiva, na pagina inicial do livro com que tão esperançosamente estreou na vida de romancista; e já de novo me offerece as primeiras paginas de outro livro seu, talvez com o piedoso intento de lembrar ao publico que vivi algum tempo em regiões menos estercis do que a Siberia da nossa politica.

Mas que difficil tarefa, para mim, escrever de poesia, quando a idade já me arrefeceu a imaginação e me collocou entre as *almas silentes*, de que falla Propercio! Se nem tenho liberdade no escrever! A posição honrada, em que me aposentaram os meus correligionarios, me recommenda certo teor de gravidade convencional, exigida por Cicero quando descreveu o senador ^(*); e os annos, tendo crestado as flôres da primavera da vida, não me permittem

(*) *Quanta gravitas in vultu; quantum pondus in verbis: quam nihil non consideratum exhibat ex ore!*

a petulancia do mancebo e afugentam do meu lado a musa mais inspiradora da juventude — a inexperiencia.

Devo hoje sentir, devo escrever agora, como homem repousado, sem illusões, sem enthusiasmo. Na linguagem commum, a experiencia quer dizer a negação de todas as emoções generosas, de todas as virtudes nativas, de tudo quanto é bello e bom pela propria natureza das cousas, sem meditação reflexiva do egoismo. Assim a natureza é substituida pelo artificio, o sentimento pelo calculo, o rosto pela mascara. A experiencia transforma o sorriso e a lagrima em dóceis instrumentos da vontade. O homem experimentado compete com o actor que representa papeis decorados a muito custo nas horas tristes da vigilia forçada. Em politica é synonymo de extenuação, quando o não é de velhacaria, que diplomaticamente se envernisa de habilidade. Em frente do crime ou do vicio, o inexperto protesta irritado e fulminante; o experimentado abaixa os olhos silencioso, se conserva resto de pudor; e, se já o perdeu de todo, até se mostra prasenteiro e carinhoso!

Sancta inexperiencia! és sempre a mesma, pura e risonha, como a imagem do vergel divino em que abrolhou a humanidade. E essa lenda da ventura do primeiro homem, boa sob o dominio do coração, má sob o dominio da intelligencia, é a historia de todos os seus descendentes! A experiencia nos fecha para sempre a entrada daquelle vergel, porque não ha duas quadras de illusões, de crenças e de esperanças.

Bem fazem os moços de talento que assomam no horisonte litterario de nossa patria, Joaquim Nabuco, Taunay, Serra, Machado de Assis, Flavio Reimar, Rozendó, Varella, Guimarães, e tantos outros, bem fazem em publicar sem demora as impressões nobres e ardentes de seus primeiros annos. Se as guardassem para a época da reflexão (como tão presumposamente se chama o tempo do regêlo do espirito) talvez enriquecessem a litteratura com alguns

modelos de linguagem castigada, mas seguramente perderiam o perfume do sentir de vinte annos, o viço do amor puro, o lyrismo da esperança e da fé no limiar da juventude. Não seriam poetas aquelles inexperientes de hoje, seriam graves pensadores: a sua eloquencia se transformaria em sciencia de bem escrever; e em vez de inspirar-lhes boas paginas de naturalidade e de sentimento, lhes ensinaria phrases cadenciadas e trechos classicos para pontos de exames nos nossos collegios.

Ai! posso dizer como Schiller:

« E eu tambem! eu tambem nasci na Arcadia,
 " Na doce veiga da belleza eterna! »

Tambem eu tive assomos de inspiração e por vezes me animei a colher as flôres sylvestres da minha inexperiencia. Mas não cheguei jámais a compôr um ramalhete harmonioso, ora por indolente, ora por temeroso da critica. A critica não era então, como hoje, a complacente amiga do poeta: era mordaz como essa que provocou a brilhante represalia de lord Byron (e nem todos receberam de Deos tão extraordinarios dotes como o cantor de Manfredo). Assim foram os annos correndo e sahio-me ao encontro a politica, a infecunda Messalina, que de seus braços convulsos pelo hystericismo a ninguem deixa sahir senão quebrantado e inutil; veio-me ao encontro, arrastou-me para suas orgias, e com as emoções e fadigas me arredou das boas lettras, despenhando-me do cabo da poesia na terra calcinada do jornalismo de partido.

De minha mocidade, que se gastou nas luctas da politica, nada salvei, senão a fidelidade ao culto dos grandes engenhos que illuminaram o meu caminho e sobretudo daquelles, que já eu reconhecera estrellas de primeira grandeza, quando começavam a scintillar quasi imperceptiveis, como Gonçalves Dias, José Bonifacio, Maciel, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Carlos Guido, Junqueira

Freire, Silveira de Souza, Pedro Luiz. E só enumero os poetas, porque estou no territorio de um poeta mais moderno: porém conhecem, todos os que me tratam, a sympathia profunda e illimitada que voto a qualquer grande manifestação da intelligencia humana, como Alencar, Tavares Bastos ou Silveira Martins, almas gigantes que eu tive a fortuna de comprehender e apreciar primeiro que ninguem.

No entanto, se a politica esterilizou a minha vida litteraria, concedeu-me um grande beneficio, consolação dos meus dias de angustia, fortaleza dos momentos de duvida, a amizade de Martinho Campos, uma dessas naturezas firmes e convencidas, que temos a certeza de tornar a encontrar, a despeito dos acontecimentos, no mesmo ponto em que a deixámos. E não faz elle consistir a sua virtude em declamar contra o vicio; mas (como disse um escriptor da democracia franceza) ignora os expedientes dos habéis, que dão costas aos principios e guardam a bandeira no bolso para o dia do triumpho. Em cada um de seus companheiros de lucta abraça um irmão, pelo qual, sem reflectir, instantaneamente, sempre que a desgraça ou o perigo exija, dará a fortuna e a vida; —nunca os suspeitando de ambição, sempre lhes admirando a fé; nunca lhes pedindo arrhas e a elles se entregando indefeso; —nunca medindo as tarefas da partilha e para si tomando as mais laboriosas. Martinho Campos anima, applaude, incita, aconselha, inspira e colloca na frente o amigo, dando-lhe a espada mais fulgurante, mas cobrindo-o com um broquel invisivel. Superior em generosidade aos deoses de Homero, que sem perigo para si escudavam os seus protegidos, Martinho se offerrece para alvo dos golpes a fim de os desviar dos correligionarios, a quem todavia parece ceder a posição do perigo!

E o respeito religioso que esse homem de bem consagra á memoria do amigo morto! Prantêa-o com a lagrima do forte, a

veneração : divinisa-o perante os vivos : celebra a sua gloria, como o antistite primitivo, em estrophes sublimes e em sacrificios materiaes. E' o symbolo da fé robusta e conscienciosa, que não desmaia diante do obstaculo, nem mesmo quando esse obstaculo é um rei contra a monarchia ou um povo contra a liberdade. E', em summa, o typo mais perfeito dessa altiva raça, simples e nobre, audaz e generosa, que pôde ainda despertar-me, na aridez da politica, o sentimento poetico, quando saudei nas páginas do *Correio Mercantil* a «brilhante estrella do sul!

Insensivelmente divaguei do assumpto proprio deste livro. Fiz como o conego Boaventura, do quadro de Murillo, que sahio do tumulto para escrever as suas memorias. Não me pediu Rozendo a historia de minha vida e sim algumas paginas de critica a respeito dos seus bellos versos, não dessa critica maligna, indicio de character invejoso e de grosseira educação, que faz avultar os senões e escurecer as bellas, mas da critica sensata, conselheira discreta, que fazendo sobresahir o que é digno de realce, aponta com singelesa os desvios das boas regras e provoca a reflexão sobre as questões de arte. Critica, deste modo comprehendida, tem utilidade real, e eu conheço entre os moços quem a poderia intentar com erudição e delicadesa. Lafayette, Castiço e Souza Ferreira. A outra nada produz ; ou antes, produz grandes males : pedantesca e maligna, para defender-se de sua esterilidade, tenta rebaixar todos os grandes engenhos e desanima a muitos talentos, acanhados ao desabrochar, que poderiam, sob o influxo benefico de uma censura cortez, medrar no terreno soalheiro do applauso opportuno e sóbrio.

Xenophonte empresta a Cyro estas palavras, como dirigidas aos soldados que o haviam de acompanhar contra os Assyrios : « Tendes adquirido em vossas almas a mais preciosa e a mais guerreira das paixões, o amor do elogio. » E, em verdade, por mais stoico que seja o homem, por mais que descreia da justiça

VIII

e despreze o conceito dos seus contemporaneos, sempre o elogio lhe será incentivo para commetter grandes trabalhos ou proseguir com firmeza e perfeição no trabalho encetado.

II

O alaúde da mocidade tem sempre duas cordas sonóras que se alternam ou vibram ao mesmo tempo : são as cordas da liberdade e do amor. Já era velho Anacreonte quando se queixava de não poder a sua lyra resoar senão de amor. Qualquer que seja o bando politico a que pertençam os nossos poetas, podeis estar certo de que foram os seus primeiros versos hymnos de patriotismo democratico. Magalhães, accusado de desdenhar a democracia, foi um dos seus mais inspirados cantores e doutrinava que as turbas ignáras e vis podiam fazer um rei, mas não podiam crear um poeta. Tambem, com este céu hellenico, com a nossa tão esplendida natureza, immensas florestas, cordilheiras arrojadas e mares sem limites, qual será o desgraçado trovador, tão pequeno no meio de grandezas, que ouse celebrar o despotismo do homem sobre o homem, firmado em privilegio de raça, de casta ou de familia ?

E então se esse poeta é bahiano ! se nasceu no torrão sagrado, onde mais se batalhou pela independencia da patria, onde nem mesmo a cogúla do frade amortece o patriotismo e o amor da liberdade ! Na invasão dos hollandezes os conventos da Bahia foram acampamentos, as torres fortalezas, os bispos generaes. Na guerra da emancipação, até as freiras foram heroínas ; e no interior desses claustros, onde se esvaécêram sonhos de amor e se enterraram almas em desastre, não se ouviram jamais suspiros de saudade, nem os gritos do desespero ; mas ouviram-se preces pela salvação da patria e hymnos pelo seu triumpho !

Como poderia o bahiano adular o despotismo, se o maior braço de sua mãe é aquella ode immortal de José Bonifacio, que lh'a mandou do desterro, porque a nobre, — e nesse tempo altiva — Bahia affrontara a colera de um mal aconselhado principe, lembrando-lhe para o seu senado o nome importuno do mais illustre e honrado dos brasileiros ! ?

Rozendo ama estremecidamente e deve amar a sua formosa Bahia. Para em seus versos descreve-la grande, como Pindaro sua Thebas, basta-lhe com singeleza fallar verdade. Sólo feracissimo, onde se aclimaram os melhores fructos da Asia e da Europa ; territorio extenso como o de um vasto imperio ; rios soberbos entre os quaes o Mississippi do Sul, o famoso S. Francisco ; o maior porto da America, se não o maior do mundo : uma raça valente e de brilhante intelligencia, que ainda hoje assoberba as de todas as provincias, mostrando-lhes no senado Nabuco, Zacharias, Cunha, Paranhos, Tosta, Wanderley e Saraiva, servidores leaes da nação e quasi todos oradores de primeira ordem ;—a Bahia não pôde invejar o progresso material de algumas de suas irmãs, porque tem sobre ellas aquelle triumpho moral : é ainda a mãe dos Gracchos, que não ostenta braceletes nem diademas de pedras scintillantes, mas tem uma cintura de filhos benemeritos que lhe dão realce maior.

As poesias de Rozendo á Bahia, como a maior parte dos versos que elle vai publicar, foram escriptas no Paraguay. E' datado da Assumpção este seu bello cantico á patria :

Oh ! que saudades me inspira
a minha terra natal,
ênlevo de tanta lyra,
berço de tanto ideal !
linda gemma que se mira
sobre espelho sem igual ;
oh ! que saudades me inspira
a minha terra natal !

Como Gonçalves Dias, que não queria morrer entre estranhos

X

e ansiava por volver á terra das palmeiras, *onde canta o sabid*,
Rozendo diz á Bahia :

Mas, Princeza das montanhas,
quero em teu seio morrer :
com meu penar nada ganhas
e eu peno por te não ver !

Porém não ama o poeta somente a sua Bahla ; ama também os amores da Bahia : a liberdade, o talento, a democracia honrada.

Em um canto a Gonçalves Dias, que me avivou a lembrança daquellas melancolicas endeixas de Joaquim Serra á Athenas Brasileira (o Maranhão), Rozendo, elevando-se na proporção do assumpto, consagra o bardo como o rei de um territorio illimitado, o mundo inteiro, e superior aos *nescios reis*

« que formam acintosos
seus panthéons de mil trophéos pomposos
alcançados com sangue e ferro e fogo. »

Dirigindo-se aos operarios, elle os saúda, como exemplos que são de honra e de verdadeira fraternidade, pequenos que se fazem grandes pelo trabalho, desdenhados sómente pelos grandes que vão mingoando na indolencia.

Para os artistas de ordem elevada, Rossi, Adelaide Ristori e Arthur Napoleão, a lyra de Rozendo tem cordas sonoras : o bahiano está então no seu mais perfeito elemento, a musica e o drama, a orchestra e a scena. Desde o salão do fidalgo até o pardieiro do operario, a cidade de S. Salvador é um concerto geral, sobre tudo na vigilia do sabbado, a deshoras, em noites de luar. Quantas vezes, depois de ouvir as harmonias italianas ao piano de alguma senhora da alta sociedade, eu parava extasiado junto da rotula de algum pobre mercenario para decorar a letra improvisada, mas sempre terna, de uma modinha brasileira !

Não admira que o Paraguay despertasse tanto o sentimento poetico de Rozendo. Desde o estuario do Prata, o brasileiro pôde dizer que em cada rôlo de agua recebe uma lembrança da patria. Aquelles grandes rios, o Uruguay, o Paraná e o Paraguay, são peregrinos que descêram do Brazil a encontrar o Oceano para de novo beijarem a patria.

Quando, depois de visitar a Ozorio em Talacorá, fui saudar o general Mitre na sua tenda magnifica formada pela natureza, um extenso e copado laranjal, percebi que aquelle poeta soldado, honra de sua patria e digno da estima e do respeito de todo o homem de bem, deixando-me relancear as suas cartas topograficas, os seus planos e notas, procurava occultar-me uma tira de papel escripta em linhas regulares. Creio que o laranjal em flôr e a saudade dos filhos e da esposa o tinham arrastado a commetter algum pequeno crime de poesia. Ai! se elle soubesse que tambem eu não pudera manter a minha isenção e commettera por vezes igual delicto!

A esse tempo, por exemplo, atacavam alguns conservadores na imprensa da côrte o tractado do 1º de maio, que hoje se reconhece ter sómente o defeito de estar assignado, da parte do Brasil, por um nome obscuro. Nesses artigos até se inculcava a conveniencia de arredar os nossos rios de correrem para a formação do Prata! Eu lhes respondi nestas oito linhas, enviadas em carta a Tavares Bastos ou a Pedro Luiz, que reproduzo aqui sómente por assignalarem em prosa rimada o programma hoje felizmente adoptado por todos os politicos brasileiros que tractam, distractam ou retractam com os politicos argentinos:

O magestoso Prata bem claro nos ensina,
 Nesta junção feliz de rios tão distantes,
 Que os Sul-americanos, por uma lei divina,
 Devem viver unidos, se querem ser gigantes.
 Descem as suas aguas das duas cordilheiras,
 Das Andes argentinas, das Serras brasileiras,
 E, como dous amigos unidos peito a peito,
 Abraçam-se no encontro e tem o mesmo leito.

XII

Mas se as poesias de Rozendo foram escriptas no Paraguay, a musa que as inspirava era brasileira, porque o fazia celebrar os guerreiros illustres daquella brilhante epopéa que começou em Riachuelo e findou em Aquidaban. E se ás vezes foi essa musa excessiva na admiração e no louvor, nunca foi parcial, porque o coração generoso do poeta palpitou com enthusiasmo pór todos os grandes cabos de guerra.

Dessa imparcialidade, com que elle levanta a sua lyra sobre as vozerias e injustiças dos partidos, ha outro nobre exemplo no seu livro. Em uma nota á bella óde dedicada ao Sr. visconde do Rio-Branco, Rozendo anticipa, a respeito da lei de 28 de setembro, o juizo da historia, lembrando que o digno estadista encaminhou o seu partido para colher o fructo da idéa plantada por seus adversarios e bem medrada na opinião nacional; e que, se nessa gloriosa empreza superou difficuldades, teve no momento da lucta o apoio efficaz de homens eminentes do partido liberal. A historia accrescentará que, sem esse apoio, o Sr. visconde houvera naufragado e ainda hoje continuariam a nascer em torrão americano creaturas humanas destinadas á escravidão!

III

O nosso poeta é moço: está na quadra florida dos amores. Bôa parte de seus versos no-lo indica, e são esses, no meu sentir, os mais mimosos do livro. Se ás vezes, como Castro Alves, Rozendo deixa desvairar-se e tomar o tom sinistro de um Manfredo, vê-se logo que a sua musa não está bem na região tétrica do desespero. (*)

*) Castro Alves era um bello talento, que infelizmente se estragou no culto da antithese.

Ai de quem se demora nessa região escura e funesta! Não sacrificará sómente, a saudavel alegria, a imaginação dourada, o coração forte da mocidade: ha de alli tambem deixar a doçura da lingua materna: uma atroz syncopação mudará as palavras para sons gutturaes e proclamará duramente, casando a idéa com a phrase: « *P'ro infelix* não ha *'sperança!* »

Nunca animei o sestro de se entrar na vida com o traje de lucto e carão de carpideira. A mocidade é festa, não é enterro. A natureza não pôde inspirar ao moço threnos e imprecações, porém sim hymnos de admiração e canções de amor. Só o amargor do infortunio e das decepções é que nos pôde fazer apparecer o homem como ente sinistro, a mulher como monstro de perfidia e o mundo como logar de tormentos.

Felizmente no livro de Rozendo poucas vezes encontramos a tendencia malsan dos poetas tenebrosos. Se alguma negaça da mulher querida lhe traz uma duvida ou um quebranto de amor, o poeta não pragueja da sorte e do futuro: continúa a beber esperanças a furto d'olhos, a desenhar na imaginação vivaz os moldes daquelle lindo corpo, a lembrar palavras que cahiram daquelle labios, promessas que lhe flzeram aquelles olhos celestes, ou negros, ou verdemares. Elle sabe que uma bella virgem é para o mancebo como esse passarinho que lastima a flor e entretanto se diz que a beija!

Eu não disse que Rozendo estava dominado pelo amor; disse somente que elle estava na quadra dos amores. E com effeito a sua lyra, se me não engano, ainda não se fixou; descanta a belleza que o fascina de momento, no Paraguay ou no Brasil. Não se pôde dizer ao certo quantas mulheres despertaram o lyrismo de Horacio: nos seus versos Phryne, Lálage e Chloris rivalisam com Glicera, Lydia e Neéra. Caçullo nem sempre é fiel a Lesbia, nem Propercio a Ciñ-

XIV

thia, nem Tibullo a Delia: todos elles ardêram por muitas das seductoras que vinham da Siçllia e da Grecia procurar fortuna em Roma por meio da ruina dos filhos dos patricios.

Tambem é verdade que as impressões da primeira juventude pela mulher não são as mais seguras, nem duradouras. O amôr verdadeiro não assalta de improvisó, por um encontro no baile, por uma valsa, por um ramallete que se desfolhou entre os dois, por um relance d'olhos no theatro. Não: esse amôr é de novella, não é o real.

O amôr é um pensar constante, uma serie de inspirações, que levam a alma, vencida longamente pelos sentidos ou pela reflexão, a escravisar-se por uma fórma esplendida ou por uma natureza fina e delicada. Póde-se sentir muito o amor e amar-se menos: o poeta de imaginação viva ama idealmente. Esta ou aquella, a mulher é para elle um pretexto de expansão, uma necessidade de sua energia intellectual. O homem simples, o homem inculto, geralmente ama a mulher com maior devoção e candura. Por isso o casamento do poeta traz o *desapontamento* consigo: e se nem todos são *byronianos*; se ás vezes o poeta é um bom marido, ide vêr bem e encontrareis a mulher de joelhos a adora-lo, comò a de V. Hugo. Camões, Petrarcha, o Tasso, Virgilio, Horacio, não vivêram maritalmente: a familia obriga a um viver calmo, incompativel com o lyrismo.

São de incontestavel mérito as estancias em que Rozendo conversa com a flôr *captiva de um seio* e lhe diz:

Em que adoravel carcere, em que asseio,
vives, refem do amor, presa ditosa!

.....
Bemdize a mão que te soltou do galho,
só para confundir os teus odores
co'as fragrancias de um collo.....

.....
Que vale o rósco ante o suor que bebes
no regaço da virgem fresco e puro?

A mesma delicadeza de toques se encontra na descripção do
andar de uma feiticeira moça :

Ella não pisa, resvála,
onde entra, por onde sae ;
devéras me assusta e abala,
se ás vezes finge que cáe.

Aquélle corpinho fragil
no airoso andar é tão agil
como a gaivota a voar ;

A longe, porém, me levaria a citação das estrophes que mais
me commoveram nesta parte do livro, em que Rozendo reuniu os
seus cantos de amor. Quem os lér, segurameute dará comigo pre-
ferencia aos que se inscrevem sob os titulos : *A Paraguaya* ;
Fada ; *Arroubo* ; donde aponto este formoso trecho :

Ouve do escravo supplice
a grata confissão !
acceita a pobre dadiva
que vae n'um coração.

Perante o céu do tropico,
e o sol quasi a morrer,
e as flores que rodeiam-nos,
e tudo que tem ser ;

perante o mar tão placido,
prompto a lamber teus pés,
e as auras que, afagando-te,
perguntam quem tu és ;

minh'alma te diz—amo-te !
rendida ao teu fulgor ;
e, quanto és mais seu idolo,
mais creé no eterno amor.

IV

Se o poeta deixou expandir-se a alma; se os seus versos não foram um esforço de meditação, e sim, o traslado de suas impressões; não pôde a critica discutir sobre o seu livro questões que desperta o exame dos poemas e das obras de plano assentado.

Ouso, porém, aproveitar o ensejo para conversar sobre letras. Quem sabe se terei outro?

Ha vinte annos (redigia eu então a parte litteraria do *Jornal do Commercio*) combati a exaggeração, a injustiça mesmo, com que se exprobrava aos poetas brasileiros do tempo colonial a falta de patriotismo e de *côr local* nas producções que nos legaram.

Não podiamos ter tido litteratura original, como não a tiveram os outros povos da America, descendentes dos emigrantes e conquistadores europeus.

A raça vencida ou despojada era inferior em civilização: não podia fazer esposar pelos filhos dos vencedores o culto barbaro, as tradições da vida selvagem, nem mesmo as instituições rudimentaes que a conquista encontrou em alguns pontos da America. Se nem a religião, nem a historia, nem a vida de familia da sociedade subjugada eram para despertar sympathia da parte dos vencedores, naturalmente deviam estes alongar olhos saudosos para as regiões de alem-mar, como os gregos asiaticos na Italia, que emigráram, para ahí levando os deoses, as lendas, as tradições e o viver de Troya e de seus alliados. Já no tempo de Cicero a boa critica zombava de iguaes pretensões a uma litteratura original, quando os elementos italicos eram inferiores e repulsivos em paralelo com a civilização grega: historia, philosophia, instituições politicas, comedia, architectura, legislação, poesia, até o traje, tinham vindo da Grecia!

Isto, que se deu com os emigrados asiaticos na Europa antiga, deu-se com os emigrados europeos e seus filhos no Brasil, na Nova Inglaterra, no Canadá e Luisiana, e nas possessões hespanholas. Portuguezes, Inglezes, francezes, hespanhões, todos traziam civilização adiantada e encontravam povos rudes e natureza selvagem. Dest'arte, a vida social e religiosa da Europa foi transplantada para a America, e os filhos dos conquistadores e dos colonos, nada tendo de commum com os primitivos americanos, cresceram e medraram sob o influxo das idéas e lembranças de seus paes.

Naturalmente com o tempo, á proporção que desapareciam do mundo os ultimos representantes da época da conquista, as idéas se foram modificando; as tradições começaram a desbotar; e o torrão do nascimento entrou a enamorar as novas gerações e a inspirar-lhes um certo amor de liberdade e de independencia: mas a educação proseguio a mesma; os mesmos os costumes; não se mudou de culto, nem se romperam os élos da historia, que foi commum nos tempos coloniaes. A lingua tomou entoações mais doces; a imaginação se exaltou com as impressões de uma esplendida natureza; os trovadores, para exprimirem essas impressões, procuraram novas imagens e crearam palavras e até phrases novas; porém não se inventaram outros mysterios religiosos, outras lendas historicas, outras aspirações de raça.

As sociedades que tem vivido longa vida, que passaram por diversos grãos do civilização, pódem esquecer a sua origem e tirar dos tempos subsequentes elementos de epopéa, de narrativa, de romance. Assim as raças que emigraram da Asia para a Europa, esquecendo com o tempo a litteratura sagrada dos Vedas, adquiriram outros elementos de litteratura.

A nossa existencia, porém, é ainda recente. Não tivemos infancia de sociedade, nem conquista romana, nem invasão de barbaros,

XVIII

nem cruzadas, nem correrias de sarracenos. Quando nossos paes vieram para a America, já imperava a civilização moderna aproveitando, por meio da Renascença, o mais apurado das civilizações antigas: já estavam fundadas as grandes nacionalidades europeas, a navegação ligava os continentes; o commercio os povos de origem diversa, e as letras gregas e romanas os sabios de todas as nações sobre tudo isto o espirito do christianismo unificava a moral e estreitava em um só feixe todas as raças humanas.

Comprehende-se que o primitivo americano menospresasse a civilização do invasor e lhe dissesse:

« O homem branco é de raça inferior: nas suas terras ha campinas e prados, nas nossas as pampas e as sábanas: elle adormece ao trepidar de um ribeiro sob a folhagem de flexiveis sycomoros, nós atravessamos torrentes medonhas onde o sol se banha e cujas margens distam legoas, sombreadas pelos gigantes da vegetação: elle divaga pelos outeiros e collinas, nós galgamos o espinhaço do mundo, que são as nossas cordilheiras: o sol do homem branco é pallido e frio, o nosso ardente e doirado: as suas estrellas desmaiam em céos enneoados, as nossas são diamantes luminosos em firmamento azul: elle extrahe da terra o carvão e nós o ouro e o diamante: elle se fecha medroso em casas de argilla e de pedra, nós dormimos em palacios de palmeiras, á luz dos olhos de Deos: a sua respiração é viciada, a nossa é livre; as suas leis são o capricho dos homens, as nossas a sabedoria da providencia: seus juizes são mortaes sujeitos á decrepitude e ás paixões, o nosso é Deos immortal, inmutavel em sua eterna juventude. »

Tudo isso não destóda da posição e do sentir do indio. Mas o invasor europeu e seus filhos, ao repetirem estas estrophes que pódem romper dos labios das victimas, não sentem, nem fallam por conta propria. Quando muito, por compaixão retrospectiva,

lamentam os desastres da raça oprimida e imaginam os idyllios daquelle viver selvagem, que a conquista veio interromper.

Não contesto que o scenario da natureza americana e as paixões do Indio hajam fornecido, aos nossos poetas e romancistas, episodios admiraveis. A *Iracema* e os *Tymbiras* são, por exemplo, duas formosas concepções e dois trabalhos esmerados; mas não constituem litteratura nacional, no sentido exclusivo que se dá a esta expressão. Chateaubriand, Mendes Leal, Pinheiro Chagas e outros justamente reclamariam contra semelhante classificação. Qualquer europeu pôde pôr em scena o indio e suas florestas, como Meyerber os africanos e as suas arvores asphyxiantes.

Nossa historia e nossa litteratura são a historia e a litteratura dos portuguezes, desses sobretudo que competiram com os hespanhóes em destronar a terra de Josué de sua immobildade soberana e a obrigaram a confessar-se tributaria do sol.

A litteratura americana, se algum dia existio, é hoje apenas assumpto de ivestigações e de estudo como os manuscriptos dos Aryas e dos Persas. O sabio Brasseur de Bourbourg, que viveu como missionario entre os indios do Yucatan colhendo algumas reminiscencias das lendas e poesias daquelle raça, tentou recentemente ser o Champollion dos systemas hieroglyphicos dos Maias e Astécas; mas penso que, apezar do seu *Manuscripto Troano*, as verdadeiras reliquias que possuímos da litteratura mexicana e guatemalense são ainda as narrativas compiladas dos signaes ideographicos logo depois da conquista, que escaparam das fogueiras dos frades e dos vice-reis.

Publicando o drama *Ollanta* como specimen do antigo genio peruano e da lingua quíchua, Tschudi não reparou que esse drama somente nos depara noções archivadas com cuidado nos livros dos historiadores da conquista. Se aquelle drama houvesse nascido sob

o imperio dos Incas, naturalmente, não tendo sido conhecido pelos referidos historiadores, surgiria da clausura em que esteve dormindo por tres a quatro seculos, com alguma noção mais intima sobre a côrte daquelles monarchas, sobre os homens e costumes da sua época. Deveria ter sido, como judiciosamente observou a critica ingleza, um reflexo do antigo viver americano com seus notaveis contrastes de civilização e barbarismo. Apesar da reivindicação do litterato limenho, D. José Barranca, inclino-me a crer com Palacios (na revista peruana *Museo Erudito*) que o celebre drama *Ollanta* é producção de algum Chatterton do Perú, que estudou o antigo quíchua e o depurou das adulterações ou enxertos castelhanos.

Palacios acredita que o verdadeiro autor de *Ollanta* foi um Valdez de Sicuani, fallecido em 1816, porque existe de sua lettra o manuscripto original em poder de seus descendentes.

V

Não se vá pensar agora que me esquivo de admirar os escriptores nacionaes, como Bernardo Guimarães e outros, finos observadores do nosso scenario e do viver e lidar do nosso povo. *Innocencia*, por exemplo, essa quarta producção do talento reflexivo e cultivado de Taunay, desde a primeira até a ultima pagina é um estudo consciencioso do sertão brasileiro com a sua poesia rustica e do sertanejo com as suas qualidades boas e más. Depois de *Retraite de Laguna*, singela e tocante narração dos soffrimentos de nossos soldados quando arripiaram o glorioso caminho do Apa, nada tem escripto Taunay tão credor de attenção como *Innocencia*. Este livro terá longa vida, do mesmo modo que se pôde, ainda hoje, viajar a Escossia com as novellas de Walter Scott por guias.

No tocante ao que se chama a *côr local*, estamos todos de accordo. É exigencia imprescindivel das boas producções litterarias, desde a Illiada. Fôra absurdo que a epopéa ou o drama tentasse recontar ou pôr em scena os feitos de nossos maiores nas suas luctas com os francezes, com os guaranys das missões, ou com os hollandezes, sem o desenho fiel do logar da acção, dos costumes e das idéas da época, do tracto e da linguagem dos homens. O que recommendará sempre o *Guilherme Tell* de Schiller é a perfeição desse desenho, tanto nos caractéres dos personagens, como no scenario da Suissa, que de olhos fechados se pôde ver pelos ouvidos, permitta-se-me a phrase, porque as palavras e as canções das diversas classes do povo são, em todo aquelle drama, caracteristicos de uma época, de um paiz, de uma nacionalidade.

VI

Nota-se, de certo tempo a esta parte, mais actividade litteraria na juventude brasileira. E maior fôra, se organisassemos um centro de vida intellectual, onde os mestres encontrassem emulos e apreciadores conscienciosos e nós, os discipulos, animação e doutrina. Mas nem possuímos jornaes de letras e de boa critica! Magalhães, Salles e Porto-Alegre fundaram outr'ora uma revista que, sem embargo de estrear formosamente, não teve duração. Tão nobre tentativa se ha por vezes repetido com igual malôgro, para isso concorrendo em parte o elevadissimo preço da composição typographica e da impressão nesta côrte.

Tenho, porém, inteira fé nos milagres da vontade, quando esta quer attingir um alvo digno do homem civilisado. Se um dia nos reunirmos, sem regulamento official, sem intervenção do governo,

procurando sómente a direcção de algum dos nossos grandes vultos litterarios, por exemplo José Maria do Amaral, que nos inspira a todos respeito e admiração, poderemos crear a associação e a revista.

Não desanimem, entretanto, os moços. Trabalhem, produzam, publiquem : não se atterrem com o desdem da mediocridade invejosa ou dos sabios embebidos nas especulações politicas, que repetem as phrases de Locke contra a poesia e os trabalhos da imaginação, sem poderem, como Locke, compensar-nos com escriptos philosophicos. Ha quem pense mesmo humilhar um bello genio com dizer delle : « é um poeta, é um romancista : não serve para as sciencias, para a politica, para a administração. »

A cultura das letras e da poesia, principalmente, deu sempre maior realce aos talentos politicos. Não me é necessario recordar o mundo antigo dos gregos e romanos. Petrarca foi o embaixador dos principes do seu tempo ; Ariosto viveu mais entre os politicos do que entre os litteratos, e Dante até foi magistrado supremo em Florença. Cromwell (que sabia o que era politica e o valor dos homens) chamou para seu principal secretario a Milton e Felipe IV a Quevedo.

A Inglaterra nos aponta, entre seus melhores homens publicos Chancer, Adisson, Sheridan, Canning, Derby, Disraeli ; a França, Laplace, Chateaubriand, Lamartine, Arago ; a Hollanda, Heinsio, o poeta commentador dos poetas latinos ; a Allemanha, Goethe, Frederico II ; a Hespanha, Martinez de la Rosa, o duque de Rivas ; Portugal, Almeida Garrett, Mendes Leal e Rebello da Silva ; os Estados-Unidos Pauldine ; a republica Argentina, Mitre, Sarmiento ; e o nosso Brazil, José Bonifacio, Alves Branco, Villela Barbosa, não fallando dos contemporaneos.

Quem se lembra hoje do poderoso ministro da rainha Isabel, lord Burleigh, que chamava a Spenser de balladeiro indigno de attenção ? E quem não lê Spenser, o poeta que apurou a lingua e

a musa ingleza? Nos quadros, em que se destaca o grandioso vulto de Shakspeare, ficam em morta-côr os estadistas daquella rainha. Mais recentemente, o olvido, contra o qual resistem Goethe e Schiller, sumio o nome pomposo de Metternich, cujas palavras eram colhidas como oraculos e constituiam assumpto meditavel para os homens graves. Castlereagh é apenas conhecido por um verso satyrico de Byron, de quem se motejava quando aquelle ministro vivia adulado. Os Villeles e Decazes só se desenterram nos poemas e canções de Mery e de Beranger. Ninguem falla mais em Molé e todos lêem Lamartine, pelo mesmo modo por que se afundaram no esquecimento os politicos de D. Maria II e todos conhecemos e veneramos a Herculano, a Garret e a Castilho. Já dizia um poeta :

Não envelhece Homero. Tres mil annos
Sobre o pó de seus ossos tem passado
Sem maréar-lhe a mocidade e a gloria.

O politico illustrado tem amor ás letras, porque nellas encontrará refugio e consolação nos dias do infortunio. Boecio, na prisão de Pavia, escreveu sobre este assumpto um bello livro; e ahí esta Guizot a dar-nos uma demonstração sensível.

Os poetas passam por grandes provações e soffrem grandes miserias: mas tambem recebem honras fóra do commum. Alexandre, no auge da colera, manda arrazar a cidade de Thebas e vender como escrava toda a população, homens, mulheres e crianças. Não poupa esse conquistador cruel nem a sagrada cidadella de Cadmo, nem os templos dos deoses, nem os compatriotas de Epaminondas: mas de repente uma reminiscencia poetica o vem amolgar: alli entre as fontes do Dirce e do Ismeno nascêra o poeta das odes heroicas! Alexandre ordena immediatamente que se respeite a casa de Pindaro.

XXIV

O povo romano perdéra a liberdade e beijava os ferros dourados do despotismo de Augusto. Estavam prohibidas todas as homenagens aos cidadãos: só podia ser festejado o imperador. Virgílio entra no theatro e o povo em massa o acclama com as honras que se tributavam a Augusto.

Milton escreveu no seu *Tratado da educação da mocidade* que «o bom gosto formado pela poesia é o afinamento da intelligencia; e os escriptores e os oradores, educados com esse gosto, serão sempre lidos e ouvidos com attenção e prazer.»

A poesia! a bella poesia! quem a não amará, moço ou velho? Quem a não invocou no momento da fagueira illusão ou da felicidade momentanea? Quem lhe não pediu consolação de penas de amor ou de decepções da vida? Companheira da imaginação juvenil — ella desce das nuvens do céu ou rebenta das espumas do mar. A's vezes é a nympha do bosque que nos acena com delicias sob a cópa das arvores; ou a hebréa da fonte que nos mitiga a séde entornando a amphora; ou a escrava grega que prepara o banho; outras vezes é a donzella pensativa do castello feudal, a virgem cujo seio começa a bater apressado. Quando o moço desperta dos sonhos, a poesia lhe insplra pensamentos mais elevados: o culto da liberdade e da justiça. Foi assim que nas jornadas do mundo, se os espinhos me laceraram o manto e os seixos me ensanguentaram os pés, ficou-me sempre o coração amparado e pude conservá-lo puro.

Mas o poeta que se acautele. Elle se achará um dia solicitado por duas visões e terá de pender para um lado: uma dessas visões é a vida singela e modesta, o respeito ás leis da moral, a familia com o seu recato, a dedicação reciproca, sem exigencias expressas, mas com sacrificios intimos e voluntarios. A outra visão é a vida tempestuosa, a orgia, os rostos provocadores, as sedas roçagantes,

os perfumes da arte, o olhar inflammado, os labios ardentes, o seio desvendado, com exigencias despoticas e com a perda do pudor, da saude e da fortuna.

VII

Não tenho desempenhado bem o papel de critico. Que bello ensejo me deparava este momento para fallar nas regras da esthetica e abrir praça de erudição, pilhando daqui e dalli dictos sentenciosos ! Infelizmente, o bello para mim não tem definição, nem regras. Achei sempre pedantescas as rhetoricas antigas que foram escriptas depois dos poemas e que nunca poderam crear um poeta ! Antes de Aristoteles legislar para o Parnaso, os povos gregos já tinham decorado os versos de Homero, de Hesiodo, de Pindaro e de Eschylo. Os modelos precederam os preceitos. Tambem nada aprendi, afóra algumas citações classicas, nos tratados de Longino e de Quintiliano. Se o meu velho Horacio deixou-me no espirito alguns conselhos uteis, foram elles indicados pelo bom senso, independentemente de qualquer esforço de talento.

Os rhetoricos modernos, esses, então, nem se entendem entre si ! O que um exalta, o outro deprime. Os proprios poetas, quando produzem algum monstro, do qual se dá por offendido o bom gosto, arvoram-se em legisladores do absurdo e estabelecem theorias, cada qual mais revoltante, para nos convencerem de que os aleijões do monstro constituem perfeição ! A principio, o paradoxo nos seduzia : mas foi tão usado e abusado, que cahio no desenhamento.

O principal conselho, que eu daria a um poeta, já o deu Pope, que aliás nem sempre o seguio : « naturalidade no pensamento e na linguagem.

Os grandes mestres da arte foram também grandes observadores da natureza: por isso na epopéa e no drama dos antigos gregos encontramos ainda o homem dos nossos tempos. As luctas dos heróes entre si no partilhar da presa, esquecidos do inimigo que lhes está pela frente, renovam-se diariamente, bem como se renovam as scenas do amor paterno, da solicitude conjugal, das fainas da guerra, da vaidade dos caudilhos, dos soffrimentos das turbas, que nos legou o pae da epopéa com toda singeleza e verdade.

Na litteratura moderna, Skakspeare é o maior observador da natureza humana e dahi vem a sua popularidade secular na Inglaterra e a admiração que lhe foram successivamente tributando todas as nações cultas. O drama de Skakspeare não é um quadro estreito, monotono, intencional, em que o homem appareça sempre perfeito, ou sempre máo. E' uma larga téla, que se desdobra com as scenas variadas da sociedade e da vida. Os seus heróes não se destacam da humanidade, nem os seus criminosos perdem todo o sentimento humano. As pompas da côrte estão alli roçando com os andrajos da miseria e as alegrias grosseiras da arraya miuda causam inveja ás cerimonias fastidiosas da alta sociedade.

Não é sem fundamento que se chamou ao dramaturgo inglez Homero do theatro, porque Homero também, logo em seguida ás grandes coleras dos reis, descreve o giboso e feio Thersites, tribuno do acampamento, a provocar a galhofa contra os chefes por meio de epigrammas chocarreiros; e no palacio dos deoses, sobre o calafrio das ameaças de Jupiter arremessa uma estrepitosa gargalhada, fazendo intervir o côxo Vulcano em serviço de escanção com um bom pichel de nectar.

Eschylo, que se inspirava em Homero, também entremeia o sério e o comice no *Prometheo*, fazendo realçar, para comparação, dous caracteres diversos, — o do genio altivo que não verga, face

a face com o despotismo onnipotente, — e o do commodista que se agacha para que o desagrado do despota não o prive de boa chira e folgada aposentação.

Para defender-se a escola do absurdo ou dos monstros da phantasia, o principal argumento é este: « Se o poeta não combina na sua imaginação mais do que os elementos fornecidos pela observação da natureza; se elle quer ser natural e simples; então só produzirá copias que não podem competir com os originaes; porque os seus versos, os mais perfectos, não podem rivalisar com os quadros e harmonias da natureza. »

E' assim: uma paysagem de Ruisdael, que levava dias e dias embebido na contemplação dos matizes da terra e das gradações do céu; uma marinha de Bakhuisen, que embarcava ao primeiro rugido da tempestade para ir estuda-la no alto mar, não podem competir com a suavidade da natureza serena ou com o medonho do mar encapellado.

Mas esse não é o defeito da pintura, nem da poesia: é o defeito, é o limite de toda a sciencia humana. Perguntai ao maior sabio em physica, se pôde, no seu gabinete ou nos theatros, produzir tão bellos effeitos como esses que nos apresenta o gratuito, vasto e arejado theatro da natureza? A faisca electrica não nos dá o raio; nem a luz dos appparelhos pôde imitar os magestosos effeitos dessa aurora que nas regiões polares emerge do seio do mar e parece dizer ao homem que em qualquer extremo do mundo, mergulhado embora em noites de longos mezes, não está fóra das vistas de Deos!

Outro conselho que dou aos poetas e a todos os nossos escriptores é o de não se deixarem corromper pelo mercantilismo. Neste seculo do vapor, o mercantilismo tenta applical-o tambem á intelligencia e fazer das boas artes e das humanidades méras industrias lucrativas, trabalhadas á grande, em fabricas cuja taboleta provoca a clientella com a promessa de abundancia e barateza. Já a sabedoria

dos proverbios assentou que não cabiam no mesmo sacco honra e praveito. Prouvera a Deos que todos os bons escriptores fossem grandemente remunerados, mas sem o sacrificio da perfeição dos seus escriptos.

Fallando dos escriptores francezes, refugiados nos Paizes Baixos, no tempo de Luiz XIV, dizia Bruys :

« São os autores na Hollanda escravos natos dos livreiros, que só cuidam em adquirir manuscripts baratos, sem examinarem se são bons ou imprestaveis. Aviltáram o mais elevado de todos os commercios. A arte de escrever, naquelle paiz, não é mais do que um mestér mechanic como o do sapateiro. »

O escriptor, que se deixar arrastar pelo mercantilismo, sacrificará muitas vezes a substancia á fôrma e vice-versa. Ora, não basta somente o lavor do artista : é condição de obra prima o precioso da materia : o Parthenon (disse Renan) não fôra o Parthenon, se o não houvessem trahalhado com o marmore pentélico.

VIII

Por fallar em lavor, occorre-me dizer tambem aos nossos escriptores contemporaneos que não se deixem escravisar por um amor supersticioso do quinhentismo e nem se extasiem, folheando os codices daquella época, com certos erros de locução, só porque taes erros foram commettidos pelos classicos da lingua. Na sua bella obra sobre a lingua ingleza, Craik nos adverte de que os grammaticos não separam o erro da verdade e confundem sob a rubrica de *classico* tudo o que cahio, bem ou mal, da penna dos

escriptores de uma data e até mesmo as incorrecções manifestas dos compositores typographicos de então.

Nem tanto amor a antigualhas que não sejam preciosas, nem tanto horror á novidade que tem merito. Vi nos museos de Dresden e de Sevres antigualhas seculares de ceramica, as quaes se guardavam sómente para comparação da arte infantil com os seus progressos successivos. Com as palavras e phrases nos dictionarios e repertorios se dá o mesmo : podem alli guardar-se, como reliquias preciosas, as palavras da carta de Egas Moniz, ou, como diamantes brutos, os versos do cancionero de D. Diniz ; mas ninguem irá hoje em dia resuscitar aquellas fallas e palavras do tempo em que os dialectos romanos começavam a formar lingoas distinctas.

Não ha razão tambem para se exigir que depois de tres seculos usemos restrictamente do portuguez escripto de quinhentos, com os seus períodos artificialmente arranjados pelo padrão de Tito Livio. Os criticos que nos tem accusado, a nós os brasileiros, de nimio inclinados ao periodo francez de curto folego, e de pouco estudiosos do meneio da linguagem de João de Barros, devem ler e meditar este trecho do moderno historiador portuguez, cujo nome é conhecido de todos os que amam os estudos profundos e a bella dicção ; a sabedoria e a eloquencia. Diz o Sr. Alexandre Herculano :

« De que se queixam os que lamentam a perversão da linguagem actual pela influencia do francez ? Da introducção de alguns poucos vocabulos ; mas principalmente da alteração completa da syntaxe e em geral da indole da lingoa, alteração que, em nosso entender, nenhuns queixumes, nenhuma diligencias hão de evitar em quanto não se destruir a acção intellectual da França em Portugal, o que é impossivel. E todavia como actúa a lingoa franceza na nossa ? Unicamente pela imprensa, pelos livros ; mas cada livro é como um individuo daquella nação que vem fallar no meio de nós :

individuo por via de regra mais civilisado, mais rico de idéas ou pelo menos de idéas mais bem ordenadas do que os que o escutam. Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que muitas vezes não é facil achar a formula nacional que as represente como as concebemos, até porque haverá caso em que tal formula não exista, exprimimo-las involuntariamente com phrase peregrina.

« Então aquellas idéas, partindo de sujeitos superiores em civilisação e cultura de espirito, vasadas no molde estrangeiro, derramam-se entre o povo, e, passados poucos annos, vamos encontra-las trajando já o burel popular, no mercado, na taberna, e até nos lugares que mais resistem ás innovações de todo o genero, nas povoações ruraes.

« Tal é o facto (continúa o sabio escriptor) que passa diante de nossos olhos. Sem invasão pessoal de estranhos; n'um periodo de muito menos de um seculo, operou-se em grande parte uma importante transformação que nos parece possível conduzir prudentemente para que não desfeche em anarchia; mas que julgamos vão empenho tentar destruir, porque os que imaginarem ter forças para lutar contra a torrente, só alcançarão mais cedo ou mais tarde serem submergidos e affogados por ella. »

O Sr. Alexandre Herculano, mais do que ninguem, podia dar esta lição aos defensores da immobildade no fallar e no escrever; porque, depois de haver estudado o nascimento e progresso, tanto da nação, como da lingua portugueza, rejeitou o periodo arredondado, as equivoações e trocadilhos de palavras sem espirito, os conceitos vulgares repetidos em tom conceituoso, e creou uma linguagem elevada, concisa, varonil, que, sem sacrificio do bom gosto litterario, revêla os extraordinarios descobrimentos feitos na historia da peninsula iberica pelo laborioso excavador, e exprime

as leis, os principios e as conjecturas que o profundo pensador reconheceu, assentou ou deduzio, óra dirigido pelo facho brilhante de seu accumulado saber, óra inspirado por essa intuição do genio, a que não ha esconder-se sob o pó das ruinas, nem entre as sombras do futuro.

Outro contemporaneo illustre, o Sr. Castilho (José), que escreve o portuguez com toda a pericia de um classico, mas sem offensa do progresso natural da liagoa, nos diz com acerto e elegancia :

« A llinguagem, que de tudo é o espelho, têm de representar successivamente aspectos novos : regras fixas e invariaveis para uma cousa de seu natural progressiva e incalculavel, como as modas, o gosto e as necessidades que apparecem, decerto que as não pôde haver, salvo meia duzia de principios de rigorosa grammatica, por outra de bom-senso universal ; no demais, não raro o tempo transforma o bom em máo e o máo em bom. O que me parece razoavel é que, sem nos oppôrmos á corrente impetuosa que a todos nos arrasta, se opére gradualmente a transformação no que fôr inevitavel, não abdicando a nossa lingua, que nos é tradição, que nos é honra, que nos é familia, que nos é lar santo, que nos é o eu. »

Não cabe nestas paginas e pede livro especial a defesa dos nossos escriptores accusados de ignorarem a grammatica e particularmente a syntaxe da lingoa de nossos maiores. Com pausa e mais largueza, procurarei mostrár que não tem fundamento grande parte dessas accusações. E se bem espôarmos tudo o que se ha publicado modernamente em Portugal e no Brasil, ver-se-ha que o rolão não é só brasileiro e que aprendemos de bons mestres as perversões da grammatica !

IX

A braga do captiveiro politico já me está pungindo, com a aproximação da abertura das camaras. Tenho de arredar os olhos desta malha de verdura, que assim mesmo estreita como me foi concedida, por momentos me fez entrever horisontes mais largos e formosós !

Seja bem fadado o novo livro de poesias de Rozendo Moniz.

F. Octaviano.

Tijuca—Dezembro de 1872.

VÔOS ICARIOS

A MEU IRMÃO E AMIGO

Francisco Moniz Barretto

O. D. C.

Bem sabes, meu Irmão, inúteis séccas fólhas
são estas que nutri das seivas de minh'alma ;
por mais que o mau por bom em teu affecto acólhas,
não vale a pobre offrenda a mais singela palma !

Tão cheio de esperança a terra achei tão fria
que expuz o coração a estímulos precários...
vôei... mas, ai de mim ! cahi !... A phantasia
que vóa para o amor só tem vóos icários !

Vôei, sem ver que a gloria é sempre um sol doloso
que ao mesmo tempo queima e aclara olhos que o miram ;
vôei, sem ver que o bardo é o Icaro teimoso
que tenta azas formar das palmas que lhe atiram !

Hoje, que não me é dado o apoio de um Mecenas
contra o juizo atroz de espiritos nefarios,
ao menos, meu Irmão, guarda estas sôltas pennas
das azas de minh'alma em seus vôos icarios !.

Já que somos eguaes no sangue e na descrença
com que eu—poeta—e tu—artista—a gloria vemos,
mais nos una este livro ante a saudade immensa
votada a nosso Pae que a bem do Ceu perdemos !

Rio de Janeiro—1872.

LIVRO I

HARPA

À BAHIA

Não consinta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá.

GONÇALVES DIAS.

Oh que saudades me inspira
a minha terra natal!
enlevo de tanta lyra,
berço de tanto ideal!
linda gemma que se mira
sobre espelho sem igual,
oh que saudades me inspira
a minha terra natal!

Lá era eu feliz, mandando
estrophes ao sol, ao mar;
cá me queima o sol, e, quando
vou n'agua a sêde matar,
minha alma, os vôos sustando,
murmura quasi a chorar :
—Lá era eu feliz, mandando
estrophes ao sol, ao mar.

Lá quando a trêfega abelha
bebe no calix da flor,
quando a balir chama a ovelha
á messe o grato cultor,
amor em tudo se espelha,
porque tudo diz—amor,
lá quando a trêfega abelha
bebe no calix da flor.

Bahia, patria de Moema,
berço e tumulo de heróes,
rainha que o diadema
tens no mais pulchro dos sóes !
mais exprime que um poema
cada um dos teus arrebóes,
Bahia, patria de Moema,
berço e tumulo de heróes !

Quem vive sobre os teus montes
vive mais perto de Deus,
ouvindo accordes insontes
na orchestra dos valles teus ;

e a séde a matar nas fontes
em que retratam-se os ceus,
quem vive sobre os teus montes,
vive mais perto de Deus.

Os pobres nos seus tugurios,
os ricos no seu poder,
sem receio de perjurios,
pedem amor á mulher ;
e, vivendo em bons augurios,
só desejam mais viver
—os pobres nos seus tugurios,
—os ricos no seu poder.

Quem dos bons tristes não gosta
de ti não póde gostar ;
quem revezes não arrosta
mal sempre te ha de julgar.
Eis a eloquente resposta
que aos injustos debes dar :
—Quem dos bons tristes não gosta
de mim não pode gostar.

Se acaso acordas tristonha
por filhos que longe estão,
a indole mais risonha
se afflige em tua afflicção.
Bem sei, não é a vergonha
que produz tal commoção,
se acaso acordas tristonha
por filhos que longe estão.

Se do prazer ao barulho
Bahia, te ergues louçan,
festejando o Dous de Julho
como o irmão festeja a irman,
fazes todo meu orgulho ;
não applaudes gloria van,
se do prazer ao barulho,
Bahia, te ergues louçan.

Em Pires, Bulcão e Doria,
que foram prodigios lá,
prendem do povo a memoria
os feitos de Pirajá ;
e o povo, adorando a historia,
diz que a historia toda está
em Pires, Bulcão e Doria,
que foram prodigios lá.

Nem só de tempos remotos
são os louros que tens tú,
nem só dos heróes devotos
da estrella de Labatut ;
no porvir laureis ignotos
já tens, patria de Cayrú !
Nem só de tempos remotos
são os louros que tens tú.

Tú, que ao cysne paulistano
inspiraste uma canção,
podes contar que o bahiano
no prelio é sempre um leão ;

e cabal prova a Solano
dêste, oppondo-lhe Galvão,
tú que ao cysne paulistano
inspiraste uma canção.

Bahia, que te confranges
tanta vez, em tantos ais,
pelas inclytas phalanges
de teus filhos tão leaes!
ellas a fama que abranges
guardam bem, não chores mais,
Bahia, que te confranges
tanta vez, em tantos ais!

Has de esplendida epopeia
ter, dos posteros na luz,
verdadeira como a ideia
divinisada na Cruz.
Inda que ardam, qual Pompeia
n'um volcão teus seios. nús,
has de esplendida epopeia
ter dos posteros na luz.

Não precisas, pois, das lyras,
que te saúdam, noveis,
Bahia, que tanto admiras
o mundo com teus laureis;
tu que zombaste das iras
dos teus verdugos crueis,
não precisas, pois, das lyras,
que te saúdam, noveis.

Esta saudade é tão grande
que já dos meus labios sae,
e dos meus labios se expande
aos echos do Paraguay!.
Bahia, onde quer que eu ande,
lembrar-te-hei sempre n'um ai!
Esta saudade é tão grande
que já dos meus labios sae.

No teu seio bem presinto
que ditas não posso achar,
mas, longe de ti, não minto,
se digo—a vida é penar!—
Por um filho teu distincto,
que em ti só teve pezar,
no teu seio bem presinto
que ditas não posso achar.

De ti longe a senda trilho
de quem tanto em ti soffreu!
Era meu pae esse filho,
esse filho hoje do Ceu!
Se quem soffre dá mais brilho,
minha terra, ao nome teu,
De ti longe a senda trilho
de quem tanto em ti soffreu.

Com meu penar nada ganhas,
e eu peno por não te ver ;
tens lá defensas tamanhas
que em mim não tens que perder ,

mas, princeza das montanhas,
quero em teu seio morrer!
Com meu penar nada ganhas,
e eu peno por não te ver!

Oh que saudades me inspira
a minha terra natal!
enlevo de tanta lyra,
berço de tanto ideal!
linda gemma que se mira
sobre espelho sem equal,
oh que saudades me inspira
a minha terra natal!

Assumpção, Novembro de 1869.

MOEMA

Offerecida ao inspirado cantor da *Virgem das florestas*

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Uma que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada ;
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á nau se apega ao leme.
DURÃO.

Aguas, em que fulgura a eterna estampa
das façanhas de Oquendo e de Adrião !
aguas que fostes escolhida campa
ao corpo d'esse bátavo leão !

Aguas, limpidas aguas da Bahia,
toldadas pelo fumo dos canhões,
quando a Hollanda no mar então valia
o que hoje val a audacia dos Bretões !

Aguas que déstes transito a Colombo,
e as ancoras firmastes de Cabral,
quando, de atras procellas ao ribombo,
vagava elle sem rumo e sem phanal!

Aguas, em que de heróes inda ha vestigios,
de que a historia inda bebe tanta luz,
que estadio fostes de navaes prodigios,
e sois espelho ás naus que são da Cruz!

Aguas, que me banhaes de enlevo est'alma,
aguas, que o berço meu tanto banhaes,
que reflectis o ceu, se a noite calma
vos torna immoveis, fulgidos crystaes!

Aguas, quando gemeis na estancia amena,
em que Diogo viu Paraguassú,
inda os ais repetis d'essa morena
—ludibrio do fallaz Caramurú!

Inda mostraes da não amada o rastro,
que em vós com mais clareza se gravou
que no Mondego a dor da amada Castro,
cujos lirios do seio o algoz murchou.

E, quando espadanaes d'entre os escolhos,
vindo bater da nivea praia ao rez,
reproduzís tão bem a humanos olhos
prodigios que a nadar Moema fez;

aguas salsas do Atlantico, é tão grata
a scena em que os meus olhos de agua encheis ;
sôfreguidões de amor tão bem retrata
o afan com que tão rapidas bateis ;

tão bem encerra o mar um frio e um fogo,
que, ao ser tocado ou visto, faz support
a quem o toca—a frieza de Diogo,
a quem o vê—de Moema o cego ardor !

Oh porque da tapuya o amor acceso
ao fundo se entregou do vasto mar ?
Porque o mar, cega escrava de um despreso,
sumiu-a, sem as chammas lhe apagar ?

Porque Diogo, ao vêr a pobre Moema,
fez-se tão surdo á tão queixosa voz ?
Porque, máu grado d'elle, a Mão Suprema
não reteve no curso a náu veloz ?

Porque a nadar Moema, em tanto offego,
erguendo para Deus supplices mãos,
retrahida não foi ao bravo pego
pelo braço de um só dos seus irmãos ?

E' que no Ceu já resolvido estava
que o volcanico amor d'essa mulher,
por não caber no seio em que lavrava,
só no seio do mar fosse caber.

Tal cumpriu-se, no dia em que o buscando,
Moema achou do amante o lar tão nú,
e da náu que ia as ancoras levando
viu á pôpa o fugaz Caramurú.

Então, de escumas n'um lençol involta,
contra as vagas anciosa a bracejar,
ella bradou:— „ Não fujas, amor, volta!
„ ou pára, se não queres mais voltar!

„ Pára, porque lá vou, porque a teu lado,
„ meus ultimos instantes quero ver!
„ Não mates a esperança com que eu nado!
„ Espera! Não me deixes só morrer!

„ Diogo, dos meus olhos não te escondas!
E n'isto um vagalhão toda a escondeu. . .
mas, semi-morta erguida á flux das ondas,
disse:— „ Ingrato!“ Abysmou-se e não volveu.

Foi que as forças tirou-lhe a repentina
raiva de um zelo, em que ver mais não quiz,
depois que viu Diogo em Catharina
enleiar-se de amor, cego feliz.

E assim pendeu, como aos tufões o vime,
quem tabas de Tupan leda encantou,
quem foi tão desditosa quão sublime
na dor com que nas aguas se afundou!

.....

Bahia, que choraste em dôr tamanha,
das cabôc'las gentis a mais gentil,
desde que o mar sorveu-a em treda sanha,
Moema não morreu para o Brasil.

Sabes que ella te vê, e por mais que olhe,
não cessa de nas ondas te mirar,
quando o sol se levanta ou se recolhe,
quando se expande a lua a te beijar ?

Quando as praias, Bahia, o mar oscúla,
reverberando as lampadas do ceu,
se voz sirenica a teus pés modúla,
não ouves essa voz que diz — Sou eu. — ?

E' ella que do mar cinge o diadema
dês que o mar sepultou-lhe o agro revez ;
é a formosa indigena, é Moema
que, vendo-te a dormir, canta a teus pés.

Manduvirá, bordo do *Tamandaré*, Fevereiro de 1869.

HOMENAGEM

Ao inclyto marechal

J. A. CORREIA DA CAMARA, VISCONDE DE PELOTAS.

do brigadeiro José Antonio
Correia da Camara, em quem o Brazil
possue hoje um general no vigor dos
seus annos, capaz de levar ao cabo as
mais arduas emprezas e de honrar a
sua patria ante o mundo civilisado.

GASTON DE ORLEANS, comman-
dante em chefe.

Perante o heróe se curva o bardo attonito
e vibra n'harpa um hymno á heroicidade.
Não medra com taes cultos a vaidade
das que imperam nobrezas mil sem jus.

Prestae-me assenso, galardões da America,
penhores do futuro, alvos da gloria,
pennas de luz, que enriquecéis a historia
para que Deus vos eternise a luz!

Da liberdade em nome entrego aos posteros
pobre offrenda que os livres não desaira.
Deu-lhe azas o prazer! e, ufana, paira
minha alma nas ethereas regiões!
Que brilho immenso a requintar-lhe os jubilos!
que força estranha a sustentar-lhe o vôo!
Parece que Deus diz-lhe:— “ Eu te perdôo,
por extase tão santo, as más paixões.

Vôa, minha alma, inflamma-te, depura-te
do enthusiasmo no sidereo mundo!
foge dos odios vis ao seio immundo,
ensurdece-te á inveja e canta o herôe!
canta o que inspira as oblações de um seculo!
applauda a obra colossal de um homem!
mostra um brazão que os tempos não consomem,
beija os louros que o verme não destrôe!

Guerreiro, honra de um povo, egregio Camara,
gigante do dever, genio da guerra,
que engrandeceste a brazileira terra
no teu nome sem par!
d'onde vens?! onde vaes com tantos louros?!
Vens da victoria e entregas-te aos vindouros!
Que senda vão teus passos perlustrar!

A prisca, irresistível grega tempera
lembra o teu brio a consummar portentos ;
e assim poudes affrontar os elementos
 teu braço de titan !
Oh quando o prelio entraste, a tua estréa
foi para levantar uma epopéia !
Deus te impelliu, condor d'Aquidaban !

Deus te impelliu ! Em teu corsel aligero,
—rival do vento a conquistar o espaço,—
jamais a hesitação turbou-te o passo
 no perigo maior !
e voavas, involto na metralha,
mil vezes te despindo da mortalha
que te buscava, indomito condor !

Espantallo da morte, a morte rábida,
ebria de sangue e vomitando fumo,
quantas vezes te disse:—Eu te consumo !—
 e quantas se frustrou !
E' que a voz do destino, em ti vibrada,
fallava-te por Deus :—Não temas nada !
a heroicidade és tu, teu guia eu sou.—

Plainos cruzaste immensuraveis, lôbregos...
acordaste a soidão como um phantasma...
dormiste entre paúes. bebeste o miasma...
 a orchestra dos trovões

embalava-te o somno, meu guerreiro!
mas, se ao leito roubava-te o pampeiro,
dizia a gloria:—Eu guardo os teus brazões.

E a patria lá, tão longe, afflicta, sôfrega,
só dos teus feitos aguardando o têrmo
da prolongada lucta. . . e tu pelo'êrmo
buscando o monstro e a paz!
e o monstro a mallograr pesquisas tantas,
acoitado dos sêrros nas gargantas,
sempre desolador, sempre fugaz!

Marchavas sempre, e sempre o mesmo sequito
—pampeiros e trovões!—e eras o mesmo!
Não cortavas os paramos a esmo,
tinhas em Deus o olhar;
marchavas, porque a inercia te repugna;
sem glorias vence o que sem riscos pugna:
para vencer querias te arriscar!

Indo a luctar co'os homens, imperterrito;
co'os vendavaes luctavas, homem-raio!
para esmagar o Nero paraguayo.
te exaltavas a Deus;
dos companheiros teus sempre á vanguarda,
bradavas:—Na cruzada o Ceu vos guarda,
como guardaes a patria, Briareus!—

Novo Annibal, mettido em novo dédalo
d'extensos pantanaes, d'invios silvedos,
burlaste a natureza em seus enredos,
e no incessante afan,
os alcantis tornavam-se-te alfombra !
mas, era-te impalpavel como a sombra
o despota, avisado por Satan !

Não vacillaste nunca ; a crença é bussola
que aos rumos do heroismo não discrepa.
Era como o cavallo de Mazeppa
teu garboso corsel !
E te seguiram, de altaneiras fronteas,
teus cavalleiros, que avistando os montes,
estacaram de gozo ante o painel !

Mas d'esse enleio tiram-se de subito
os déstros e avezados lidadores ! . .
Sentem rumor ! . . n'aquelles arredores
pisam estranhos pés ! . .
Espreitam . . . são vedetas . logo um tiro,
despertando o silencio do retiro,
expõe o Nero ao seu final revez.

Como a hyena, sorpresa no latibulo,
que reccorrendo á fuga, embalde á tenta,
e acossada, a rugir, sangui-sedenta,
investe ao ferro e cae,

assim, n'aquelle embate repentino,
desatinado e inerme ante o destino,
baqueava o dictador do Paraguay.

Era elle! o verdugo de mil victimas,
o insultador villão de tres paizes,
o fraticida, a ruina dos felizes,
o instrumento do mal,
o algoz da patria, o crime sem remorso,
o novo Balthazar, vil no desforço,
o atroz Solano, o dictador fatal!

Chegaste a tempo de impedir-lhe, ó Camara,
o horroroso requinte da crueza!
que o monstro, cégo e surdo á natureza,
matricida ir ser!

Tu foste o anjo tutelar da sina!
quiz Deus que, por salvar-se outra Agripina,
outro Nero te fosse aos pés morrer.

Vendo-o de rastos, lhe intimaste:—Rende-te!—
E o tyrano, soberbo ante a desgraça,
tenaz nos odios, rejeitou-te a graça
e á morte se atirou!
Então, n'um só momento, a mão da morte,
do reprobos nos dias dando um cóрте,
cinco annos de fadigas premiou.

E n'esse instante, em que extinguiu-se o despota,
desaffrontou-se um seculo, exultaram
sob as campas os mortos, assomaram
os arreboés da paz,
e da alliança as tres nações ufanas
ao Paraguay diziam:—“ Canta *hosannas*
aos bens que a morte de um tyranno faz! —”

Que scena aquella! que imponente antithese!
Cá morte entre rancor, lá vida em calma;
orgulho aqui na queda, além a palma
da gloria sem desdens;
aqui sem contrição tombando o crime,
além subindo em gratidão sublime
bençãos á morte que só trouxe bens!

E ante aquelle cadaver que espectaculo!
que alegrias de martyres tamanhas!
Capitolio fizeram-se as montanhas
lá de Cerro-Corá!
De Herva, Triumpho, Porto-Alegre e Mena,
tão bem, ó Camara, encerraste a arena
que a gloria d'elles em teu nome está.

E por teu gladio afortunou-se a America,
brazileiro Alexandre sem vaidade,
que, o gordio nó cortando, á humanidade
poupaste tanta dôr!

Quem é que ha de pagar os teus serviços ?
— Deus na benção dos posteros submissos
ante a obra immortal do teu valor !

Bravo que envaideceste um bravo principe
e te irmanas com elle hoje na gloria,
já não se escreve mais, sem tua historia,
a historia de Orleans !
Venceste como o heróe que viu Pharsalia ;
venceu o novo heróe da velha Gallia,
honrando em ti os brásilos titans.

Do Amazonas ao Prata erguem-se unisonos
hymnos de gratidão que heróe te aclamam !
vae, da patria as saudades por ti chamam,
a gloria te encaminha !
São teus brazões, Visconde, immorredouros ;
pódes dizer, á sombra dos teus louros :
„ *Zoilos, tremci ! posteridade és minha !*

Assumpção, 11 de Março de 1870.

A LIBERDADE

Poesia recitada no esplendido baile dado, no dia 7 de Setembro, pelos
brazileiros residentes em Assumpção, e offerta
ao Exm. Sr. chefe de divisão

VICTORIO JOSÉ BARBOSA DA LOMBA.

Musas do baile festivas,
que luz e aromas bebeis ;
que haveis bellas-por captivas,
e heróes por servos haveis !
musas dos ledos amores,
que folgaes como entre as flôres
a borboleta subtil,
mas, que, em tanta alacridade,
saudaes hoje á liberdade,
em nome do meu Brazil !

Fadas mais lestras que os ventos,
mais buliçosas que o mar,
mais vivas que os pensamentos
accesos n'este folgar!
soberanas da alegria,
mais livres que a luz do dia,
em vossas ondas de luz!
dae que eu desprenda hoje um canto
ao meu berço que amo tanto,
á terra de Santa Cruz!

Prestae ouvidos á lyra
que applaude o vosso poder,
que por vossos dons se inspira
para em seus hymnos valer!
Do bardo a offrenda modesta,
que se entrega á vossa festa,
musas do baile, acceitae!
Não val essa offrenda palmas,
mas, é pura como as almas
que o vosso condão distrae.

Liberdade! idéa immensa
que se festeja hoje aqui;
liberdade! obra da crença
que dos autócratas ri;

liberdade! iman dos Fabios,
verbo em volcanicos labios,
filha dilecta de Deus!
liberdade! o melhor thema
que dicta a razão suprema,
confundindo os vis atheus!

Alma dos Gracchos, rainha
que assombras todos os reis,
por mais que a gente mesquinha
tente offuscar teus laureis;
sol sem nuvens, reverbéro
do Céu, que ao somno do Nero
sempre espantallo serás;
santelmo da humanidade,
portentosa liberdade
que só luctas pela paz!

Gemea da gloria, os teus feitos
só desconhece o villão
que do proximo aos direitos
teima em fechar a razão!
Mas, liberdade, o teu grito
sempre echôa no infinito
como escarmento a mandões,
quando o braço da borrasca
os troncos dos cedros lasca,
ante a orchestra dos trovões.

De cem barbaros colossos,
que te oppunham forças vans,
hoje só restam destroços
que fállam de mil titans.
Se esses titans, liberdade,
honraram tua vontade,
firmando assim teu porvir,
por mais que assomem verdugos,
não tens que tremer de jugos,
porque hão de todos cahir.

Liberdade, quem não sabe
o esforço de que és capaz,
receia que a Cruz desabe
nos braços de Satanaz.
São teus influxos divinos,
quando evocas nos teus hymnos
as sombras dos Briareus!...
Gloria a ti, santa verdade!
quem não te quer, liberdade,
recusa o perdão de Deus.

Eu, não; que, livre não desço
dos vis tyrannos aos pés;
eu, que em teu fogo me aqueço,
do Horeb ó sarça, qual és,

venho sagrar-te os meus cultos,
relembrando heróes sepultos
que se afanaram por ti;
e, quando ufano os relembro
ante o — Sete de Setembro —
que hoje aos meus carmes sorri;

n'este dia, liberdade,
que exalta a brasileira grey,
em nome da humanidade
louvo a dádiva de um rei.
Musas do baile, aos profaças
que rendo, ajuntando as graças
do vosso applauso gentil,
fazei vibrar no infinito
do Ypiranga o immenso grito
que fez livre o meu Brazil.

Assumpção, 7 de Setembro de 1870.

A ERNESTO ROSSI

Genio, genio ! ainda mais, supremo esforço
Das mãos de Deus, no ardor do entusiasmo !

MACIEL MONTEIRO.

Da inveja ao sôpro, da ambição ás fúrias
que a todo tempo, em toda parte irrompem,
por empenhos satânicos movidas,
somem-se reis e abatem-se baluartes ;
mariposas da gloria em sangue accesa,
morrem nações, queimadas pela guerra ;
esclarecidos povos se corrompem,
tentados pela serpe das vaidades
que representa a mundanal comedia ;
n'um gemido mal pode a natureza
protestar contra as vans paixões da terra !
mas, só e exposta ás convulsões do orgulho,
da humana impersistencia no declive,

aos sociaes cataclismos sobrevive
a Phenix d'arte, a colossal tragedia.

Repassada do espirito de E'schylo,
que electrizou no bello a grega fibra
e que de influxo tal dorme tranquillo,
sempre a tragedia é o salutar Vesuvio
que para a gloria os homens-aguias libra,
e verte em corações celico effluvio.

Genio da Italia, portentoso genio,
que reunes, no brásilo proscenio,
em ti as seducções de Kean, de Talma!
Ambulante, volcanico prodigio,
Hercules d'arte, da tragedia és a alma!
E's novo Prometheu que o facho accende
na luz do Emypreo e, conseguido o roubo,
entre os nubes deixando o seu vestigio,
desce aos'mortaes para os matar de arroubo!

Do theatro o redemptor, o filho immenso
de Albion soberba d'elle, o rei do drama
nos lances do teu genio se duplica.
Shakspeare nem lá sonha o que tu fazes
co'a musa d'elle que as nações inflamma!

Quando me assombra mais, artista, é quando
infundes em teu corpo a alma de *Othelo*;
e então, placidas mentes exaltando,
tens na bôcca o trovão, no olhar o raio,
nas commoções da face o mar convulso,
do roble a rigidez no invicto pulso!
Quando de amor figuras n'um disvelo
o enternecido tigre, o tigre amando,
desmente-se natura em taes carinhos
e os affectos humanos são mesquinhos!
Quando mostras o inferno do ciume,
que arde em teu peito e dos teus labios rompe
em labaredas que a platéa incendem,
no auge das furias, que o teu gesto assume,
diz mais teu rosto que na tuba o Dante!
Quando a esposa entre as mãos crueis suffocas,
á supposta deshonra abrindo a tumba,
pára a vida nos olhos e nas boccas
dos que de um vero crime o auctor te julgam
e após te applaudem, consentindo o crime!
E quando a tua voz rouca retumba
nos corações escravos do sublime,
quando te matas, louco de remorsos,
a propria morte engana-se, confusa,
por ver-se retratada em teus esforços!
De *Othelo* á morte, artista sobrehumano,
trêmeu nos céus, baixou-se á terra em alma,
e acercando-se á lousá, João Caetano,
— o festejado brasileiro Talma —

reencarnar-se quiz por uns momentos,
só para dar-te um *bravo* aos teus inventos
e dizer: „ Mestre, o teu fulgor me assombra !
„ Eu quero acompanhar-te como a sombra ;
„ eu que de longe presenti-te os vãos
„ nos vãos que esta patria me inspirava !
„ Grandezas, isenções, thronos, ó Rossi,
„ não ha de que o teu genio não se aposse ! “

Que mais queres dos homens, titão d'arte ?
Que mais dirêi de ti, Protheu do theatro,
que te ergues para Deus, em toda parte,
mais que do Libano o altaneiro cedro ?
Quem te ouve, quem te vê, prodigios quatro
vê e ouve d'essa mãe de maravilhas
— a Italia—que em teu ser lembrar-nos pôde
Dante, o Vesuvio, o Coliseu, San Pedro !

Quem ha que nos teus surtos não te adore,
aguia do palco ? O brilho de tuas azas
eguala-se ao fulgor do astro Ristori
que illuminava o brásilo proscenio !
Basta ; vibrar-te mais aos pés não posso
lyra com que pareço, ante o teu genio,
um verme electrisado ante um colosso.

Rio de Janeiro, Maio de 1871.

HOSANNA

AO SENHOR DO BOMFIM

Recitado na cathedral de Assumpção, por occasião de celebrar-se uma festa ao mesmo Senhor, dirigida pelo coronel Hermes da Fonseca e toda a officialidade do 8º batalhão de infantaria, em acção de graças pelas victorias de Dezembro de 1868.

Graças, mil graças Vos rendo,
ó meu Senhor do Bomfim,
por meus patricios, por mim,
na fé pura em que me accendo !
Graças na voz da victoria
os mutilados da gloria,
em que tanta gloria luz,
dos leitos, Senhor, Vos mandam,
e gemem, porque não andam
té beijar os pés da Cruz.

Graças também pela morte
dos meus tão bravos irmãos
que, expirando bons christãos,
não praguejaram da sorte !
Graças, meu Deus, pelos louros
brotados dos mil pellouros
de inimigos mil crueis !
Graças pelos desbaratos
dos que julgavam, ingratos,
poder mais do que podeis:

Da eterna Cruz a peanha
quando osculamos, Senhor,
sóbe ao divino esplendor
humana crença tamanha !
Mas, a grandeza da crença
desapparece ante a immensa
grandeza do Martyr Deus !
Tudo que tínhamos démos ;
dae, Senhor, o que não temos,
dae-nos o indulto dos Ceus !

N'essa bemdita indulgencia
em prol de frageis mortaes,
mais brilham nossos phanaes
entre escolhos da existencia.

Contra o horror de taes escolhos
basta que os pródidos olhos
sempre volvaes para nós,
Deus, que amargastes exangue,
depois de prantos de sangue,
injurias de um povo atroz !

Atroz como os inimigos
que insultavam-nos d'aqui;
atroz como o Guarany,
que truçida irmãos e amigos ;
atroz como esse tyranno,
que todos chamam Solano, ,
mas, que eu chamo Satanaz ;
que, por mais que em prelios tombe,
faz da patria uma hecatombe,
bebe sangue e não quer paz !

Vós, Senhor, que em feias lidas
nos guiastes sempre ao bem,
já no bellico vaivem,
já nas pestes desabridas !
Vós, que ensinastes soldados
a transpor fundos banhados,
sangrando os descalços pés,
trazendo fardos aos hombros,
ás feras causando assombros,
sorrindo sempre ao revez !

Vós, que nos ultimos dias
do assalto a Lopez fatal;
vendo as feridas de Herval,
fostes amparo a Caxias!
Vós, que em tão barbaro solo
não consentistes que Argolo
succumbisse, sem rever
mimos da patria adorada
que ama n'elle—tão honrada—
um gigante do dever!

Vós, que contra os paraguayos
fostes de Triumpho o broquel,
dando-lhe azas ao corsel
e á lança temivel raios!
Vós, que tanta bizzarria
nutris da cavallaria
que, tão guapa a pelejar,
na carga veloz retrata
fita enorme azul de prata,
que desenrola-se ao ar!

Vós, que abristes novas scenas
aos fastos do meu Brasil,
onde finou-se gentil
Machado, alvo de aureas pennas;

onde o aço de Toledo,
brandido por Azevedo,
fez recuar esquadrões ;
onde houve estímulo a bardos
na mudez dos Eduardos,
na palavra dos Gurjões !

Vós, que burlaes ameaças
da morte á vida dos bons !
Vós, que eternisaes os sons
das tubas que vos dão graças !
Vós, que afastaes de maus termos
os tristes, pobres e enfermos
que demandam vossa luz,
Vós, Senhor, ouvi-me a lyra
nos carmes que a fé lhe inspira,
no *hosanna* ao fulgor da Cruz.

O tanto que já nos déstes
sem ter com que Vos pagar,
se mais Vos venho rogar
perdoae, os rogos são estes :
Impedi os loucos passos
do Nero que estende os braços,
chamando sombras emvão,
para que elle, que lá brame,
sangue inutil não derrame
dos restos de uma nação.

Que elle nos antros da serra
suma-se, ou dobre a cerviz
ante os brios de um paiz
que foge os males da guerra ;
que os seus prosélytos vejam
nos damnos que nos desejam
a injustiça que os attráe ;
que pensem como pensamos,
que venham dar, como damos,
luz ao cego Paraguay !

Cego pelo fanatismo
com que sempre acompanhou
o verdugo que o cegou
nas trevas do servilismo ;
cego que rejeita e offende
prompta mão que se lhe estende
para aditar-lhe o porvir ;
cego que augmenta a cegueira,
por mais que o Brasil só queira
luz nos olhos lhe infundir !

N'esses marcios epizodios,
que foram de Briarous,
se houve agonias sem Deus,
houve incentivos sem odios !

Houve os homericos lances
dos que da morte nos trances
se desvestem de ambições ;
houve a eloquencia dos labios
dos que vivem como os Fabios,
e morrem como os Scipiões !

Foram nobres, foram grandes
essas copias de Bayard ;
aguias como as que poisar
só vão nas c'róas dos Andes !
Foram grandes, foram nobres !
e eram pequenos e pobres
ante os fatuos europeis !
Foram fidalgos um dia,
tendo á eterna fidalguia
brazões nos proprios laureis !

Das tumbas, que encerram bravos
de Lomas e Itororó,
rompe um écho, a fazer dó,
que pede perdão de aggravos !
São os nossos inimigos,
que em seus funereos jazigos
tão tarde encontram razão
no Brasil, que nunca em vistas
teve improficuas conquistas
no paraguayto torrão.

Por meus irmãos que morreram
aos golpes dos que hoje são
pasta de vermes, perdão,
Deus! que elles tambem soffrêram!
Elles jaziam, coitados!
na ignorancia entrevados
por despoticos ardis;
longe da sciencia viviam,
quaes feras que desconfiam
do sol que entra em seus covis!

Senhor Deus, que no Carmello
no deserto e no Sinai,
servindo a Israel de Pae
mostrastes tanto desvelo!
co'a mesma luz d'essa estrella
que exaltou Jacob, ao vél-a,
que instruiu sempre Jacob,
acclarae o amplexo augusto
dos que, n'um perdão tão justo,
se irmanam tanto no pó!

Vós que da esponja o vinagre
mudo esgotastes na Cruz!
Vós, Senhor Deus de Emaúz,
que obrastes tanto milagre!

Vós que o Lázaro chamastes
á vida, e as dores matastes
da viuva de Naim;
erguei do leito o soldado
que, a mau fim jamais levado,
só Vos implora um bom fim !

Santelmo dos navegantes,
esteio ao virgem pudor,
Senhor do Bomfim, Senhor
dos meus ultimos instantes !
sempre ao fastigio da gloria,
zelando a brásila historia,
levae os patricios meus !
Bravura elles têm de sobra;
humana força os não dobra,
dobra-os só força de Deus.

Assumpção, 31 de Janeiro de 1869.

VOTO DE GRATIDÃO

A' Sua Alteza o Senhor

CONDE D'EU

Poeta inspirado nos louros virentes
que exornam as frentes dos vivos titans,
predigo-te as benções dos gratos vindouros,
festejo-te os louros, bizarro Orléans.

O' principe excelso, valente guerreiro,
immenso luzeiro da terra da Cruz,
que estrella illumina-te o gladio invencivel?
que mão invisivel á gloria te induz ?

Que acêrtos precoces! Em que azas se libra
teu ser, que é da fibra do egregio Bayard! ?
De Ascurra nos vãos, ó aguia da guerra,
fizeste da serra teu solio sem par.

Por todas as fórmãs a morte arrostaste!
o vento assombraste na marcha veloz!
querendo nas aguas deixar teu vestigio,
tornaste um prodigio teu pé que as transpoz!

A braços co' a fome, sorriste do abutre
que tanto se nutre dos pobres de fé;
e então lhes bradaste: — Se a fome vos cança,
nutri-vos da esp'rança, guerreiros, de pé! —

No fumo dos prelios involto, sumido,
por gloria impellido no alado corsel,
colheste da lucta nos hórridos focos,
melhor que em Marrocos, teu grande laurel.

E assim radiante por entre os pellouros,
nos mil sorvedouros do marcio vaivem,
por cada derrota, que ao Nero levavas,
a morte humilhavas com tanto desdem!

E o braço da morte que, sempre a buscar-te,
não pôde tocar-te na pugna minaz,
vibrando mais golpes com cego despeito,
cahiu sobre o peito do despota audaz.

Mil benções a Camara, ó Principe bravo,
que o ultimo aggravado da patria vingou
no golpe instantaneo, certo, profundo,
do braço iracundo que o Nero acabou.

Vingança divina! Victoria completa
foi essa que a méta da gloria attingiu!
Deus disse ao tyranno: — Comigo não contas,
que um seculo affrontas! — E Lopez cahiu!

Cahiu sobre os restos da patria que, exangue,
vae ter novo sangue de um novo poder;
poder que do verbo do Golgotha emana,
que os livres irmana por santo dever.

Bem dita influencia, sublime verdade,
vivaz liberdade que és filha dos Ceus!
por mal dos tyrannos, que invejam-te os brilhos,
descança em teus filhos que são Briareus!

São d'elles os bravos da brásila terra,
que aos riscos da guerra correram, gentis,
e, as vidas trocando por louros opimos,
tornaram-re arrimos de um cego paiz.

O cego está salvo; já medem seus olhos
os feios escolhos em que se perdeu,
e, agora, attrahindo-se ao sol da esperanza,
bem diz d'Alliança que a vista lhe deu.

Tens parte nas benções que o tempo não some,
tens, Príncipe, um nome que louvam titans ;
e a vívida America exulta de glorias,
sagrando as victorias de um bravo Orléans.

De Deus o escolhido tu foste no estadio ;
foi chave teu gladio que a lucta fechou ;
n'um só dos teus planos não viste um mallogro ;
vae, dize a teu Sogro : — „ Teu lemma vingou. “

Do berço eras príncipe, és príncipe n'alma.
Que esplendida palma soubeste colher !
Impões ao futuro nos louros que chovem,
és inclyto, és joven ! Que podes temer ?

O' aguia franceza, que ao brásilo throno
já serves de abono com tanto laurel ;
suspenda teus vôos o justo descanso
do lar no remanso, no amor de Isabel.

Assumpção, 19 de Marco de 1870.

A ARTHUR NAPOLEÃO

—

I

Quando nasceste, Arthur, ouvindo os teus vagidos
os musicos do bosque um hymno modularam;
é que os nuncios da aurora, a Deus agradecidos,
na aurora do teu ser um genio adivinharam.

P'ra que o primeiro somno entre os mortaes dormisses,
o archanjo da harmonia o berço te embalou,
e infundindo-te n'alma um dom, sem que o sentisses,
electrisou-te as mãos no ardor com que as beijou.

Mal que pudeste andar, tão gárrulo e tão lindo,
pousaste n'um teclado os niveos tenros dedos...
Que magos sons tiraste! E um povo, attento ouvindo,
phrénetico saudou com palmas teus brinquêdos.

E mais e mais vibrando as gratas melodias
que entravam brandamente em petreos corações,
passavas, bello Arthur, da infancia os bellos dias,
já traduzindo em sons as masculas paixões !

Mas, do menino a fama encheu dous continentes
que, sôfregos de ouvil-o, ouviram-n'o pasmados.
Prodigio era a criança, aos dêdos attrahentes
prendendo ouvidos mil de enlevo escravizados !

E assim de palco em palco applausos conquistando,
que eram de Portugal bem justo galardão,
crescia com o infante esse dominio brando
de um genio que era d'arte o novo Napoleão.

E's homem, hoje, Arthur ; por mais que os homens louvem
do teu condão sonoro os estupendos lances,
não sabes que poder tens sobre os que te ouvem,
não sabes quanto és bom nos mais acerbos trances !

Pintor que a retratar os grandes sentimentos,
as côres tens nos sons, nos dêdos os pinceis,
que pódes mais querer ? No piano obras portentos,
n'elle assentado és rei que abala os outros reis.

Artista, o teu piano argúe, impreca e geme ;
cresce como o tufão e cáe como a cascata ;
chora a fazer chorar ; se imita o fraco, treme ;
se imita o forte, é igual no salto á catarata.

Do bello as gradações multiplices exprime ;
torna a inconstancia um bem no variar de tom ;
e os scepticos distráe do vortice do crime,
e quasi influxos tem da lyra de Amphion !

II

Nas horas da soidão, em que se expande a lua
no regaço da noite, involta em manto azul,
se o teu piano acorda a silenciosa rua,
faz de harpa de David a quem se faz Saul.

E' que bebendo a luz de tantas maravilhas,
que inexplicaveis são, por mais que o sabio indague-as,
nas cordas do piano, Arthur, tão bem dedilhas,
que n'elle azas tomando, alcânças mais que as aguias.

E então sóbe tua alma a regiões ignotas,
por corpo tendo o som!... Feliz quem vâa assim,
do tédio arrebatado em turbilhão de notas,
no seio do finito a ver mundos sem fim !

Quando o tranquillo amor evocas, n'um preludeio
mais triste do que o sol que triste esconde o rosto,
emquanto o Lovelace apresta-se ao tripudio
em que se exhaure a vida e se entorpece o gosto ;

consola o teu piano affectos acre-doces
de sêres que em teu ser bemdizem terno irmão;
e mestre em lenitivo, Arthur, se assim não fosses,
quão mais de dôr viria a mais de um coração!

Imbelle Napoleão, que altivas almas prostras,
e com victorias taes do zoilo a guerra baldas;
é sempre um capitolio o palco em que te mostras,
se tens no piano as mãos, chovem-te aos pés grinaldas

III

Tu que revelas tanto os magicos segredos
do classico Chopin, mal sabes quanto influes
nas sensações da turba, absorta nos teus dêdos,
pelo conforto equal que a tódos distribues.

Ferve em prazer o baile, ao rodopiar das valsas,
na febre que solapa e extingue os jaspeos seios. .
nascem protestos mil. . . morrem mil juras falsas. . .
trazem perpetua magua os rapidos enleios!

As almas bebem luz e a luz corrompe as almas. . .
falla o olhar. . . o riso é pranto. . . Satanaz,
batendo azas de amor, nas indoles mais calmas,
entra. . . e as captiva aos pés da silphide fugaz!

Nutrindo anhelos vãos, blasona maravilhas
o fatuo!. no rigor de tanta cerimonia
a filha illude os paes, ha pae que merca as filhas!..
e ha suppostas Vestaes mais vivas que Sempronia!

Quem póde sopitar paixões tão varias, tantas?
Só quem na inspiração de genio sabe impor.
Assomas, pois, Arthur, e só co'as mãos espantas
no estrepito do baile a inveja, o orgulho, o amor!

E tocas... e retráes innocuas phantasias
do abysmo que tem luz, chrystaes e odor nas bordas;
e assim o teu piano opéra autonomias,
sem alardear tropheus nas redemptoras cordas.

IV

Quão nobre essa missão! que esplendida a victoria
que induz ao bem, sem ferro e fogo e sangue e ais!
Amantes da conquista, acólytos da gloria,
dizei-me onde a conquista e a gloria fulgem mais?

Não mostrareis, nem ha mais vero soberano
do que o poder sem gladio, e, sem que imponha, acceito;
poder que equal echôa a todo ouvido humano,
poder que em qualquer lingua inspira o mesmo preito.

Imbelle Napoleão, vae governando as almas
no throno d'harmonia, a que fadou-te Deus ;
e quando afadigar-te o turbilhão das palmas,
rende-te ao casto amor que infunde a paz dos Ceus.

Então, Hercules novo aos pés da Omphale pura,
no remanso do lar esquiva-te ao proscenio,
e farto de ovações, em intima ventura
adora na mulher a gloria viva, ó genio !

Rio de Janeiro, Julho de 1867.

IGNOBILIS IDÉA

Cantico dedicado ao benemerito abolicionista o Exm. Sr.

VISCONDE DO RIO-BRANCO (1)

Vigore-se o trabalho ao sol da liberdade;
pereça a escravatura opprobrio das nações;
morra-se de fadiga... é lei da humanidade,
mas nunca aceite um livre açoites e grilhões.

THOMAZ RIBEIRO.

Por nossa mãe Natureza,
grandes da terra, piedade!
Eu não vos peço a riqueza,
só vos peço liberdade.
Não sinto que—em fatuos brilhos
de nobreza—a vossos filhos
deis tão nociva lição;
livres paes, eu só lamento
que afagueis no pensamento
a idéa da escravidão!

Depois que o genio maldito
lhe inculcou n'alma o peccado,
e o homem pelo Infinito
foi ao labor condemnado,
se as portas do paraizo
se fecharam de improviso
aos dous tentados, a Adão
ao menos não coube a sorte
de ter—escravo da morte—
a idéa da escravidão.

Se o delinquente primeiro
viu na dôr prompto castigo
em tudo mais—livre obreiro—
teve um mundo por abrigo;
dizpoz do braço e da mente
para da esposa exigente
ser a feliz protecção
e aos herdeiros do peccado
não deixar como legado
a idéa da escravidão.

Por seu pae se praguejado
foi o irmão de Japhet,
ver um filho escravizado
não teve em mente Noé.

De Cham foi tal a desgraça
que em sua inculpada raça
poz a côr da maldição ;
porém n'esse estigma eterno
suggerir não poudo o Inferno
a idéa da escravidão.

Corrêram tempos... e a terra
já sujeita a ferreas leis,
fez-se theatro da guerra
dos vassallos contra os reis.
Foi então que, em morticinios
dilatando seus dominios,
o genio máu da ambição
colheu tantos incentivos
que encarnou nos seus captivos
a idéa da escravidão.

Em fôrma humana que feras !
que vaidade de senhores !
que irrisão a angustias voras !
que usura de mercadores !
que commercio a Deus adverso !
que ganhos do irmão perverso
vendedor do insonte irmão !
que menospreços inultos
d'alma a si mesma—nos cultos
á idéa da escravidão !

E esses ludibrios ufanos
da cega e torpe cubiça,
multiplicando os seus damnos
em desenvolta injustiça,
tinham como jus divino
o nefario desatino
da força contra a razão
dos que morrendo venciam,
porque, mortos, não serviam
á idéa da escravidão.

Roma, alfim venceste Athenas,
mas o Egypto e a Grecia atrozes
leda imitaste ante arenas
de amphitheatros ferozes..
O passatempo dos Titos
eram satanicos gritos
de entusiasmo e afflicção!
No Coliseu tão cruento,
mãe de Cesar, déste alento
á idéa da escravidão.

Em prol dos miseros servos
da altiva irman de Sodoma,
contra os senhores protervos
peito heroico oppoz-se a Roma.

Gloria a Sparthaco! Luctando
como a aurora que raiando
rasga o lôbrego bulcão,
o caudilho, abrindo espaço,
bateu nas hostes de Crasso
a idéa da escravidão.

Mas a furia do patricio
victorias frustrou do bravo,
e Roma, escrava do vicio,
mais degradou-se no escravo.
Acudindo a um brado enorme
o eterno Pae, que não dorme,
sempre disposto ao perdão,
disse ao Filho: ..—Aos terreos entes
vae por mim.... varre das mentes
a idéa da escravidão.

Veio o excelso mensageiro
e aos homens dizendo:—Uni-vos!—
foi no—affrontoso madeiro—
remir da culpa os captivos.
Que mundo ingrato! Embebido
no puro sangue vertido
pela divina paixão,
do Christo adorando a gloria,
não apagou da memoria
a idéa da escravidão!

Tão gravada idéa vendo
na lembrança de impios séres,
Satan, de novo movendo
contra a terra os seus poderes,
bradou no reino das trevas :
— „O Cruz que os Christãos enlevas!
contra a cega adoração
que inflúes nos meus adversarios,
conta milhões de sectarios
a idéa da escravidão. “ —

Não tardou muito que, infenso
de Jesus á propaganda,
se gerasse um monstro immenso
contra a Lybia miseranda.
Foi esse o opprobio dos nautas;
de creaturas incautas
foi esse o tredo ladrão
que, o mar por complice tendo,
nutriu no trafico horrendo
a idéa da escravidão.

Que mal vos fazia, ó brancos,
o negro, estranho a pezares,
entre jubilos tão francos
absorto nos seus palmares ?

Elle, ante offensa tamanha,
sentiu saudades da sanha
do famélico leão!
Menos queima a zona ardente
do que—do escravo na mente—
a idéa da escravidão.

Abominavel negreiro,
mais de um povo inda hoje amarga
nos males do captiveiro
a tua ominosa carga!
Por esse cancro tão feio
que inoculaste no seio
da America, uma nação
perdeu-se quasi na guerra
de preconceitos que encerra
a idéa da escravidão!

Deus, que anima em lucros certos
a industria que civilisa
—no braço que enche desertos
e cidades improvisa,
não quiz o berço querido
de Lincoln ver destruido
na mais infausta explosão ;
e a paz que os genios inspira,
desfez abysmos que abrira
a idéa da escravidão.

..... .. .

Brasil, que tão puro orvalho
bebes de um céu tão fagueiro,
não aviltes o trabalho
no suor do captiveiro !
Se já libertaste o ventre
da escrava, mais se concentre
no dever tua razão,
para que em tempos melhores
não figure em teus labores
a idéa da escravidão.

Glorias da patria, estadistas !
máu grado a ricos ignavos,
da paz honrando as conquistas
luctae em prol dos escravos !
E porque palmas completas
do porvir ceifeis, poetas,
gigantes da inspiração,
matem vossas epópéas
a mais negra das idéas
— a idéa da escravidão. —

A ADELAIDE RISTORI

Le marbre de Memnon, sentait, bien qu'il fut pierre,
Mais son âme, ó soleil, n'était que ta chaleur ;
Nous pleurons, mais, avant de mouiller la paupière,
Les larmes de nos yeux ont coulées de ton cœur.

LAMARTINE. (A Ristori).

Rica de applausos mil que a Europa altiloqua
transpercutiu nos páramos do oceano,
quizeste honrar da America o gigante!
Chegas, alfim, Ristori, alma da Italia!
e o meu Brasil, de ver-te e ouvir-te ufano,
mais ama hoje em teu genio a mãe do Dante.

Gigante americano, ebrio de jubilos,
é nobre esta alegria em que te expandes !
Na inspiração do bello te arrebatas !...
Hymnos só vibra de tuas selvas o ambito !...
susta os remigios o condor dos Andes !...
E um nome sôa entre ovações tão gratas !

Esse nome comprehende os mil epithetos
com que se abrange pela idéa a gloria ;
esse nome avassalla a Europa altiva ;
esse nome é — Ristori — honra de um seculo,
— genio que em vida é já sagrado á historia,
mulher-Protheu, mulher-prodigio, diva !

Diva do palco, portentoso archétypo
do bello, que os atheus obriga á prece,
e faz que o despotismo os erros chore !
transumpto das paixões da Grecia homerica,
se é nobre a força d'arte que engrandece,
se engrandece tal força em ti, Ristori !

O rei e o povo, unidos, presos, tacitos,
confundem-se no pasmo em que os enlevas
co' a voz que os despe das terrenas maguas !
Então p'ra o mundo encarnas-te, Melpomene . . .
entras nas almas como o sol nas trevas,
sáes como a lua que adormenta as aguas !

Se exprimes o pavor á turba attonita,
mais assustas que o roble que se lasca
e rúe, aos rijos ventos que esbravejam ;
se arremedas a raiva, quaes relampagos
fuzilando entre as chuvas da borrasca,
teus olhos entre lagrimas flammejam !

Se exhalas um suspiro, qual o zephiro
que as placidas cecens bafeja e anima,
assim abalas corações de pedra ;
se gemes, desce ás faces dos mais scepticos
pranto, filho do ardor que em ti sublima
remorsos de *Isabel*, zelos de *Phedra* !

Um teu sorriso, que sopita angustias,
mais consola que auroras que succedem
ás furias que a procella ao mundo envia ;
se os olhos fechas, todo o palco enluta-se,
se abres os olhos, reproduzes o E'den..
oh ! retratas no olhar a noite e o dia !

Se és muda ás vezes, na estupenda mimica
dizes mais que a eloquencia de áltos dramas ;
mas, qual Vesuvio que, irrompendo, lavra
nos bellos seios da gentil Parthénope,
assim de enthusiasmo o povo inflammas,
quando sóltas de amor uma palavra !

Se a morte imitas, tuas faces lividas,
teus espasmos, teus ais fazem da scena
espelho em que se mira a propria morte !
Teu olhar, como a luz final da lampada
bruxolêa. se esváe . . . Choram de pena
os subditos e o rei, o fraco e o forte.

Phidias e Apelles, Vinci e Miguel Angelo,
Cellini e Sanzio ! em vossos ataúdes
se ora vos fosse dado haurir uns sopros
d'esses com que da tumba ergueu-se o Lázaro ;
de Ristori adorando as attitudes,
terieis que implorar pinceis e escôpros !

..... ..

Se Lamartine, ardendo em puros extases,
sagrou-te um canto, arrojo não parece,
Ristori, que maus versos dar-te eu venha ?
Não. Deus consente que a cigarra estridula
acompanhe o canario que agradece
ao sol que vivifica o prado e a brenha.

Tambem atrás da catadupa indomita
ignota lympha se deslisa mansa
ao rio que os recebe commovido ;
perdôa á lyra minha, artista egregia ;
guarda estas flores que o meu estro alcança,
para que zombem do tão prompto ólvido.

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1869.

AOS OPERARIOS

Por ocasião de ser dado um banquete aos operarios do estabelecimento naval, na ilha do Cerrito, pelo 1º tenente d'armada Luiz Antonio Bastos dos Reis.

Infenso aos grandes-pequenos
que só desdenham do povo,
converto em hymnos meus threnos,
e os pequenos-grandes louvo.
D'esses vós sois, operarios,
incansaveis proletarios,
exemplos de honra e de amor ;
sois da ultima camada
do povo, surgis do nada ;
mas, tudo alcança o labor.

N'este convívio modesto,
em que luz vossa pobreza,
sois o eloquente protesto
lançado á fatua nobreza.
Eguaes em tudo, aqui vindes
levantar festivos brindes
do livre trabalho á grey,
e, em vossos fraternos laços,
por armas tendes os braços,
tendo a concordia por lei.

Emquanto ostenta os thesouros
do Creso a soberba avara,
o operario cinge os louros
que a fadiga lhe brotára.
São os louros do trabalho
do que entre a bigorna e o malho
perolas fez do suor,
para ornar a c'rôa augusta
da sua frente vetusta,
do seu titulo melhor.

Eis como, honesto, se exorna
o operario em seus labores ;
eis como grande se torna
o plebeu, nobres senhores ;
eis como o obreiro poento,
exposto ás chuvas, ao vento

e ao sol que o tira do lar,
no gremio dos bons assoma,
de honrado alcança o diploma,
sem se vender ou comprar.

Não julgueis muito o que ganha
quem com tão pouco se alegra ;
grandes, a terra é tamanha,
e a vossa ambição tão negra !
Tendes tudo o que a cubiça
vos suggere, e, na preguiça
em que altaneiros moraes,
não consentis nos pequenos
brazões de trabalho ao menos,
já que não podem ter mais !

Operarios brasileiros,
patriotas sem alardes,
sois os contrastes primeiros
dos preguiçosos covardes.
Aos que derem gargalhadas,
vos vendo as roupas molhadas
cheias de tinta e de pó,
dizei que o bem da existencia
na limpeza da consciencia
só com Deus se encontra, só.

Nem mais aspireis ; mais gloria
não podeis mirar na vida.
Que importa que a vossa historia
não fique em ouro esculpida ?
Heis de baixar sem barulho
á lousa, onde o humano orgulho
insulta ás vezes a Cruz ;
heis de ir bem com vossos trajos
onde mais valem andrajos
do que os ouropéis sem jus.

Não desprezeis, um segundo,
a officina ; em vossas obras
se achardes faltas no mundo,
do Céu colhereis as sobras.
Sus, fidalgos sem arminhos !
sempre em vossos bons caminhos
bemdizei a eterna mão
que vos trouxe, heróes obreiros,
para ajudar os guerreiros
do patria de Camarão.

A CARLOTTA CAROZZI

Sacerdotisa mimosa
da arte maravilhosa
que humanos peitos seduz,
se te ouvisse algum descrente
algum impio, reverente
cahiria aos pés da Cruz.

AGRARIO DE MENEZES.

Ao som de ternos, magicos accentos,
a que os mais indomaveis pensamentos
se dobram, te saudando,
sinto influxos dulcissimos e grandes
do teu genio, mulher, quando te expandes,
as turbas captivando.

Branda qual philomela, nas campinas,
que baixa o vôo e as placidas boninas
move, depondo beijos de harmonias,
assim desceste lá dos Ceus, cantora,
para ser cá na terra a redemptora
de fundas agonias.

Mais podes que a rainha mais potente !
Fazes do palco um throno e de repente
se te dobram mil subditos fieis !
Porquê? Porque do orgulho os réus supplantas,
porque tornas-te um anjo, quando cantas,
porque imperas nos reis !

Da maga Italia ó perola tamanha,
enriqueces a gleba que se banha
no Prata crystallino ;
e o Prata, que aos teus módulos se abala,
pára, imitando a brisa que se cala
ante a gloria que abraça o teu destino.

Quem mau preço te dér, joia romana,
negará que de Roma a soberana
seja immenso attestado o Coliseu.
Princeza d'harmonia, as tristes almas
consola em teu cantar que arranca palmas
dos que te ouvem, cuidando ouvir o Ceu !

Montevidéo, Junho de 1869.

ADEUS A MAURITY

Por ocasião de retirar-se do Paraguay esse bravo official da
armada brasileira.

Assombro de Humaitá, joven guerreiro,
que acreditando a America em teus feitos,
vivo entraste na gloria! Nauta immenso,
prodigio de vontade, animo excelso,
temperado por Deus contra os furores
do genio do exterminio! Anjo humanado,
co'a dextra infatigavel governando
o rebelde timão, foste, Maturity,
mais bello do que Hercules! valeste
os brios de uma frota invicta e grande
na pequenez da quilha que frustrava
abobadas de polvora e de balas,
resfolegando em haustos de heroismo
dos cavallos dynamicos no curso,
calando os ventos, pondo um freio ás aguas!

Realidade homérica, transumpto
de bellicas virtudes retratadas
nos vultos de Ossian ; brasileiro Nelson,
que, em verdes annos e instantaneos feitos,
reproduziste lances do sublime
padrão das anglicanas maravilhas !
Honra de uma nação, alvo de um povo,
filho de Nictheroy, amamentado
da mesma seiva que deu força e nome
á gloria dos Estacios e dos Mendos !
Galardão e thezouro da matrona
que, de braços abertos, corôada
por diadema de cans, sôfrega espera
o caro filho que tem jus ao premio
que merecêm da Patria os defensores.
Maurity, que de titulos immensos
vae receber do povo que te aguarda
com palmas de ovação, viçosas sempre
ante o bafo malefico da inveja !

Vae, fidalgo, que os teus brazões nas ancoras
tens que apresentas n'essa farda gasta,
não pelo pó dos annos, que é bem nova,
mas, pelo fumo airoso dos combates ;
n'essa farda que só te não pertence,
porque é tambem vestida pela historia ;
n'essa farda tão simples, tão modesta,
que bordados e insignias não ostenta,

porém que, empoeirada e descozida
pelos vaivens de asperrima campanha,
mais culto inspira que europeis herdados
da nobreza sem jus na fatua campa.

Vae descansar, guerreiro, e despe a farda
de tua mãe nos braços carinhosos,
de tua mãe que de prazer com lagrimas
ha de condecorar-te eternamente.
Vae, Commandante; indomitos marujos,
que nunca ante os canhões voltaram rostos,
choram porque te vaes, mas se resignam
do vazio que deixas sobre as aguas
que serviram de espelho ás glorias tuas,
porque ao menos lhes fica a estreita nave
que foi-te capitolio! E' que elles sabem
que por encanto se estampou tua alma
n'esse baixel que inteiro em ti já vive,
como tu vives n'elle; é que elles olham
para o teu *Alagôas*, como olhamos
para a redoma em que se achava um idolo.

O idolo se vae, és tu, meu bravo,
que a recobrar da patria os seios corres.
Parte, propicias auras te acompanhem!

Não rogo em prol de ti calmas do Atlantico,
porque de ti fallou-lhe sempre o Prata.
Assombro de Humaitá, Maurity, aceita
dos teus irmãos no adeus o adeus do bardo!

Bordo do encouraçado *Tamandaré*, em Assumpção, 1 de Fevereiro de 1869.

PARABENS

A' associação dos Estrangeiros *Protecção mutua*, por occasião de
realisar-se o espectáculo theatral, promovido pela mesma sociedade em favor do prosperamento de sua divisa humanitaria.

Parabens, meus cavalheiros,
irmãados estrangeiros,
apoios de uma nação!
Por vosso grandioso empenho,
nos parabens, que dar venho,
daes-me a lyra um galardão.

Buscando o alcáçar das artes,
forças buscaes, balnartes
de caridade exemplar;
é vossa ambição tão nobre!
vindes hoje, a bem do pobre,
ricos de crença, ganhar!

Protecção mutua e sublime,
quem de ajudar-te se exime,
fugindo os teus grandes fins,
só no egoismo se emprega,
cultos a Peeboady nega,
franquêa o passo aos Cains.

Quão lindo porvir contemplas,
sociedade que exemplas
ao remido Paraguay !
Já fizeste jus ao premio ;
dos que se irmanam ao gremio
Deus manda a benção de Pae.

Protecção, não desanimes !
Se as vãs bandeiras supprimes,
e nivelas condições,
é que, a bem da humanidade,
ante o principio—egualdade—
desapparecem nações.

Não ha lingua, não ha raça
ante a unidade—desgraça—
que antagonismos desfaz ;
tenda o mundo ao que é perfeito
n'um soberano—o direito,
n'uma só conquista—a paz.

Irmanados estrangeiros,
eis vossa tendencia; obreiros
da paz, o Ceu vos conduz!
Gloria ao vosso ajuntamento,
porque sois eguaes no intento
como os dous braços da Cruz.

Aos Paraguayos absortos,
livres dos despotas mortos,
que espectaculo hoje daes!
de vós que estimulo parte!
como, honrando o bello d'arte,
o vosso trabalho honraes!

Trabalhae, bons immigrados
que do berço relegados,
bem despendeis o suor;
braço e ardor prestaes á terra
que, assolada pela guerra,
só vos pede braço e ardor.

Da industria incentivos grandes,
sêde livres, qual dos Andes
o condor, dos ares rei!
progrida a America ingente,
té que ao velho continente
no trabalho imponha a lei.

Emquanto o seio da Europa
de sangue inutil se ensopa
na guerra que só lhe apraz,
mostre a America em seu seio,
da paz no doce recreio,
os beneficios da paz.

Dos marcios ardis vêm lutos ;
e o vosso labor dá fructos
que nutrem preciosas mães ;
homens imbelles, na historia
ás vezes legaes mais gloria
que os mais bravos capitães.

De Lesseps vêde o exemplo !
Já da fama no aureo templo
em vida impõe ao porvir
esse Moysés recémvindo
que, em vez d'agua, a terra abrindo,
logrou dous mares unir !

Já a guerra não louvam plectros,
n'um sec'lo em que mais que sceptros
vale o grosseiro alvião !
Eia, athletas do progresso,
dando ás industrias ingresso,
levantae esta nação !

Por vosso bem levanta-e-a,
que a familia paraguaya
tem o mesmo Eterno Pae!
Estrangeiros irmanados,
da paz heroicos soldados,
meus parabens aceitae!

Assumpção, 18 de Setembro de 1870.

VÆ PROSTITUTÆ!

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe,
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succomb

VICTOR HUGO.

Fessa prius nec satiata viro.

OVIDIO.

De ti me commiséro, alma perdida
no dédalo profundo e atro da vida
em que andas, incansavel peregrina!
Inerme para os trances do futuro,
perdes o viço, immersa em lago impuro,
mais fragil que a bonina!

Onde estavas, mulher, quando mataste
os teus castos desejos? como entraste
na furna do prostibulo nojenta?
quem foi que arremessou-te? quem foi? dize!
quem te arrastou para a insanavel crise,
que te aguarda cruenta?

Hoje ainda és buscada, és hoje ainda
qual flôr que em jaspeo seio esvae-se linda,
e da corolla murcha exhala odôres ;
inda hoje tens vaidade, inda te nutres
dos beijos dos satanicos abutres
que te preparam dôres !

Ai pobre ! ai miseranda ! ai cega ! ai louca !
Não viste que a existencia era tão pouca
para tanto lutar, lutar horrivel ?
Como foste, correndo em doido giro,
perder d'alma a candura, n'um suspiro,
nos braços do *impossivel* ? !

Magdalena sem Christo, ai Magdalena !
quando cahir a derradeira penna
das azas da volupia com que vôas ;
quando o guia fallaz dos teus caminhos
só deparar-te aos pés agros espinhos,
em vez das roseas c'rôas ;

quando os raios do sol hoje propicios,
deixarem-te amanhã no rosto indicios
da precoce velhice em que não pensas ;
quando, em teu leito a sós com teu martyrio,
nem achares na frouxa luz de um cirio
o antidoto ás descrenças ;

oh! que ha de ser de ti, mulher! p'ra o mundo
com que imprevisto olhar de odio profundo
encerrarás as palpebras da insomnia!
com que duvida e medo e atroz offêgo
impetrarás na morte o teu socego
da torpe vida erronea!

— Prostituta! — dirá, vendo-te a lucta
o mundo que perdeu-te — prostituta! —
repetirão os echos do teu peito;
e os senhores das noites tão compradas
desfecharão estridulas risadas
de um cadaver no leito!

Ai misera Hierodula! eu já chóro,
quando as perolas mostras que deplóro
tão mendazes nas rosas d'essa bôca!
chóro, porque não contas tuas horas,
chóro, porque contrita inda não choras,
ai transviada! ai louca!

Os ricos sem pudor compram-te crentes
e o gasto Lovelace diz que mentes,
quando lhe dizes sôfrega: — Eu te amo!
Os que desprezas te appellidam — fatua,
os que fogem de ti chamam-te — estatua;
— pobre mulher — te chamo!

Chamo-te assim, porque, pêada ao vicio,
bebes risonha o fel do sacrificio
de prazeres tão sórdidos na taça ;
sem remedio ao veneno que assim bebes,
sem desforço aos insultos que recebes,
sem desculpa á desgraça !

Foge das vis paixões ao torvelinho !
rasga as vestes da crapula ; o caminho
da salvação não vês, não sabes onde ?
Nos pés do Christo, em soluçante prece,
longe do mundo que a sorrir se esquece
da Marion que chora, e que se esconde !

Rio de Janeiro, Dezembro de 1868.

O JOGO

Esquecidos do mundo e de si mesmos,
sujeitos aos caprichos do baralho
 que os liga a Satanaz,
lá vejo, desherdados da fortuna,
tres inimigos torpes da virtude
 qual d'elles mais fallaz.

Parecem tres amigos, mas, o vicio
que tanto os approxima, os une e os perde
 na tripode infernal,
tres indoles jámais juntou mais tredas,
mais oppostas, mais varias, mais escravas
 da tentação do mal !

Um d'elles sobresaé por cans precoces.
Como o diadema augusto da velhice
vive exposto aos baldões
da crapula, em que tudo se nivela,
em que os plebeus e nobres se permutam
andrajos e brazões !

Os outros dois são jovens, mas, são monstros,
porque são paes que abandonaram filhos
esfaimados e nós ;
são verdugos de esposas, que são anjos
mordidos pelo abutre da miseria
que á deshonra conduz.

Giram as cartas entre as mãos dolosas
dos inimigos tres concatenados
pela negra ambição,
e um d'elles, já fitando o certo ganho,
os contendores dois ólha d'esguelha,
como esperto ladrão.

Aquelle, mudo e pallido, contando
o ouro já perdido, e pondo os olhos
no que póde ganhar,
qual tigre hirsuto escancarando as fâuces
em demanda da presa que lhe escapa,
não tarda a blasphemar.

Sôfrego e destro as novas cartas toma.
merca ao palpito a banca . . . topa tudo,
mas, baldado querer! . . .
sempre é vencido! e vocifera iroso:
— „ Ou não ha Deus, ou Deus não quer que eu ganhe!
Pois não hei de perder. “

Aquell'outro, embebido nos seus lucros,
cançado de ganhar, sequioso de ir-se
e livrar-se dos dois,
não se anima a propôr a retirada,
e a si mesmo pergunta: „ Estas moedas
perdel-as-hei depois? “

E no incessante jogo escravizados
aos lances infernaes da vil astucia
que os afasta do bem,
os tres antagonistas, que porfiam,
podem tudo perder, menos os brios,
porque ha muito os não têm.

Um grita: — N'esta dama! e sempre n'ella!—
Acode o outro: — Em damas já não creio.
O grande jogador
fugil-as deve por amor do jogo,
mas . . . — Ganhei! Viva o conde! — alegre exclama
dos dois o vencedor.

E os dois, que tudo perdem, se enfurecem,
até que um d'elles chora, miseravel,
e supplica por Deus,
que o ouro restituam-lhe, ou que o matem,
para que ao lar tão nú sem pão não volva
e aos pobres filhos seus !

Diz arrogante o outro : — „Não imploro
por aquillo que é meu. Quero e has de dar-me
bandido o que perdi !
Contra a mão que illudir ousa meus olhos
tenho um punhal, e se morrer não queres,
já meu dinheiro aqui ! “

Trava-se a lucta, braço a braço, horrivel !.
sobe aos ares a mesa !. um novo jogo
—de peitos com punhaes—
velas apaga em derramado sangue,
e faz que na soidão vibrem os echos
de gargalhadas e ais !

Do sol aos raios emmudece e pára
a cholera dos impios jogadores.
Onde é que elles estão ?
Perdeu a vida quem ganhava tudo ;
ganhou um crime quem perdia menos,
e quem roubado entrou sahiu ladrão !

O' mocidade, ó alma do futuro !
fadigas desprezae do amor do jogo
 pelo jogo do amor,
em que á mulher vos daes em corpo e mente,
para ganhar a gloria que se esconde
 do infame jogador !

Rio de Janeiro, Novembro de 1868.

DOUS DE JULHO

Canto patriótico offerecido ao benemerito e illustre brasileiro
o Exm. Sr. Conselheiro

ANTONIO PEREIRA REBOUÇAS.

Quer a gloria, Bahia, que exultes,
pois teu dia não tarda a raiar ;
Deus ordena que as maguas sepultes
entre os risos de immenso folgar.
Mãe de heróes, os teus filhos entreguem-se
ao prazer, qual a Diogo Moema.
Tens no sol teu soberbo diadema,
tens um limpido espelho no mar . . .

Que te falta? Ao mirar os teus trajos
n'esse espelho em que a aurora transluz,
não te espantes, se vires andrajos,
porque provam teu brilho e dão luz!
Sem riquezas, sem fausto e sem purpura,
— quanto mais o revez te definha —
sempre mostras que foste rainha,
sempre a mesma aos que adoram a Cruz!

Ergue a fronte; distráe-te de escolhos,
embebida em celeste esplendôr;
se inda queres mais luz, pede aos olhos
de tuas virgens que enleva o pudôr;
para encher de perfumes teus extases
se inflóraram vergeis, bosques, veigas,
e entre as rosas humanas, que ameigas,
tens aroma que excede o da flôr!

Queres voz que te acorde lembranças
mais que a brisa, tão prompta, que afflue
da palmeira entre os leques, ás franças,
e em sussurros suaves se influe?
queres sons lá dos Ceus? queres musica
mais feliz que essa aligera orchestra,
em que vibra natura tão mestra,
em que amor pelas aves se instrue?

Tens, Bahia, as dulcissimas vozes
de anjos mil afinados por Deus,
que desviam de culpas atrozes
a razão ja propensa aos atheus !
De taes vozes aos cantos unisonos,
dos mandões emmudeça a vaidade,
e ante o echo a resoar — Liberdade! —
estremeçam as tumbas de Anteus.

Interrompam seu somno os valentes
que inda os vivos animam por cá,
que lá foram vingar Tiradentes
e prodigios ficaram-se lá ;
sobre as lousas, Bahia, tão placidas,
esses mortos, tomados de orgulho,
hão de erguidos bradar — Dous de Julho ! —
ás campinas do teu Pirajá !

Dos finados ao grito acudindo,
romperá mais esplendido o sol,
e entre os frios ossarios luzindo
a homenagem do eterno pharol,
logo d'alva aos tão callidos osculos
serão miras Bulcão, Pires, Dorea,
que tão puros alaram-se á gloria,
das batalhas no enorme chrysol.

De um tal dia ante os raios que enxugam
os jazigos de lassos titans,
e ás florinhas, que á noite se enrugam,
vigor trazem que as põe mais louçans ;
de um tal dia aos influxos magneticos,
que se entranham nos ossos dos mortos,
vivos ha que não fiquem absortos,
crenças ha que não sejam irmans ?

Não ; que o dia dos livres tão grande
á concordia convida as facções ;
e em seu jubilo o povo se expande,
esquecido de estereis paixões ;
desarmada se esconde a politica ;
dos partidos as côres se somem ;
e se ha de outro pensar um só homem,
viva exposto a continuos baldões.

Viva sempre a myrrhar-se em seus odios
quem refoge de estimulos taes ;
quem descrê do heroismo episodios
e quer lueta entre irmãos entre eguaes !
quem á patria antepõe falsos idolos,
do poder na ambição que desvaira ;
quem os fóros do livre desaira
e escarnece dos peitos leacs !

E se a laurea de—brásila Athenas—
vaes perdendo ante o sol dá razão,
pede contas do atrazo em que penas
aos certames que abalam-te em vão.
Mas que importa? Se—Sparta brasilica—
entre applausos a historia te acclama ;
bem te assenta, Bahia, essa fama,
que em teus bravos salvou-se a nação.

Longe o pranto ; ajaéza-te á festa,
ó formosa rival de Stambul !
como um tecto ao festim que se apresta,
traja o ceu o seu manto auri-azul.
Sus ! entrega ás phalanges patrioticas
do teu feito os emblemas galantes,
e que o povo os conduza brilhantes
como é sempre o Cruzeiro do Sul.

Quando assume o caboclo bizarro
que aos pés calca o despotico ardil,
se descubra da gloria ante o carro
quem se dóe pelo estado servil ;
quem maldiz d'esse cancro anachronico
que as entranhas da patria devora,
quem no Golgotha aprende e deplora
que inda escravos consinta o Brasil.

Liberdade aos miserrimos servos !
Quem respeita do proximo a dôr
clame sempre aos instinctos protervos :
— Não se avilte no braço o labôr ! —
Livre o braço, ás industrias agricolas
dê-se, e assim multiplique aos vindouros
do teu seio, Bahia, os thesouros,
sem que o braço dispense o vapôr.

Do marasmo resurjam teus filhos
aos ardores de insonte folgar ;
p'ra que a noite não tolde os teus brilhos,
terás brilhos do argenteo luar.
Do passado se os vultos são tacitos
á saudade com que te acabrunhas,
vês nos Pedras, nos Rochas, nos Cunhas (4)
— no presente — o passado a se honrar !

Diversões aproveita que ao triste
vêm nas azas do tempo voraz ;
rende graças á fé que te assiste
na paciencia que estoica te faz ;
bem firmando aos extraneos teus creditos,
tu que a estranho soffrer te commoves,
sempre em teu Dous de Julho comproves
—liberdade, civismo, ordem, paz !

Bahia, 1 de Julho de 1871.

ADEUS AO BRASIL

Versos expressamente compostos a pedido da immortal artista
Adelaide Ristori e recitados por ella ao despedir-se do
Povo Fluminense.

Para mostrar-te a gratidão que levo
e que te devo, povo amigo d'arte,
Deus compensou-me de expressões a mingua,
posso na lingua de Camões fallar-te!

Posso enlêvar-me, hospitaleira gente,
no adeus tão crente que te digo agora!
Adeus, ó berço das mais lindas flores,
adeus, fulgores da mais leda aurora!

Adeus, ó rios que infloraes as relvas,
crystaes das selvas a espelhar os ceus !
Adeus, gorgeios vespertinos, suaves,
das tristes aves ao solar adeus !

Adeus, macias, vegetaes alfombras !
Adeus, ó sombras que a gentil palmeira
deu-me nas verdes, buliçosas palmas,
nutrindo as calmas da illusão fagueira !

Adeus, ó raios da argentina lua
que, branda e nua, a despontar da matta,
sempre a lembrar-me da Veneza minha,
saúdosa vinha me saudar tão grata !

Adeus, ó brisa que da rôla os pios
entre cicios matinaes consolas,
quando a avesinha, abandonando o pouso,
anhela o esposo, como o pobre esmólas !

Adeus, ó flores humanadas, bellas,
meigas donzellas que venceis a flor
no olor celeste que a virtude exhala,
quando em vós falla pelos Ceus o amor !

Adeus, artistas, que buscaveis, ternos,
fazer eternos os triumphos meus !
Filhos do palco, vos irmane a gloria,
a luz da historia vos anime ! Adeus !

Adeus, ó povo generoso, heroico,
no brio—estoico—e no respeito aos fracos!
Deus ponha termo á tua airosa guerra!
Adeus, ó terra, mãe de novos Gracchos!

Adeus, ó rei que do teu povo—abono—
desces do throno a proteger as artes!
Brasil! da artista ha n'este adeus verdade!
Adeus!... Saudade, o coração me partes!

Rio de Janeiro, Agoato de 1869.

ADEUS

A ADELAIDE RISTORI.

—Adeus—te envia em flores comprehensivel,
a formosura que os teus dons movêram ;
—Adeus!—dizem sedentos que bebêram
em ti, do bello ó fonte inexhaurivel.

—Adeus!—profere o remoçado velho
de tuas azas á luz, aguia do drama !
—Adeus!—repete o moço que te acclama
—dos fulgores do Ceu sublime espelho.

—Adeus!—te diz o pobre, que, te ouvindo,
achou-se por encanto rico e nobre !

—Adeus !—exclama o rico, não ver-se pobre !
por não reter-te o vôo tão bemvindo !

—Adeus !—te diz o cego que em teus labios
ouviu de Deus os grandes manifestos ;

--Adeus !—se ouve do surdo que em teus gestos
mais leu e soube que no livro os sabios.

—Adeus !—brada o loquaz, que, quando em scena
te via, se tornava mudo e inerte !

—Adeus—no olhar demonstra o mudo, e verte
prantos, porque lhe falta a lingua á pena !

---Adeus—exprime o triste que alegrou-se,
quando viu no teu riso rir-lhe o fado !

—Adeus !—diz o jovial, mas contristado,
porque em ti levas seu prazer mais doce !

—Adeus !—te dizem nos meus pobres versos
o soberano e o povo, que te pedem
que inda aqui volvas a mostrar-lhe o Eden
que na saudade os deixa tão immersos !

—Adeus !—te digo ; e ainda que não chore
pelos olhos do corpo est'alma afflicta,
bem sabes que a tristeza, que me agita,
chove-me prantos n'alma.... adeus, Ristori !

Rio do Janeiro, Agosto de 1869.

A PARAGUAYA (2)

En el dulce Lambaró
Feliz era em mi cabaña;
Vino la guerra, y su saña
No ha dejado nada em pié
En el dulce Lambaró!

GUIDO Y SPANO.

Tão pallida, tão triste e, bem que triste, nova
era a flor paraguaya, a flor que eu vi tão só!
Fôra de embevecer o genio de Canova
d'ella a attitudo linda a me inspirar o dó.

Quem viu, aos lumes d'alva, a nitida magnolia,
de aljofares de roscio as petalas encher,
quem solitario ouviu os sons de uma harpa eolia,
já viu prantos, ouviu os ais d'essa mulher.

E de attracção que força em talhe assim tão debil,
que graça em tanta dôr, que dôr em queixas taes!
Aos pés do Redempor a Magdalena flebil,
se mais cruezas viu, não confrangeu-se mais.

Ai scismadora imbelle! em tão continua scisma,
sosinha a divagar n'um dédalo sem luz,
miravas teu paiz por tão medonho prisma,
já do porvir descrida em tão pesada cruz!

Tão justo era o descrer, quão fundo era o martyrio,
que a seiva arrebatara ao peito virginal;
ella no patrio solo era o esquecido lirio,
que vive exposto ao vento e á beira do caudal!

E ella ás vezes sorria e era o furtivo riso
—fulgor de meteóro, escuma á flor do mar,
vôo de colibri que poisa e d'improviso
deixa a orvalhada flor que apenas foi beijar.

Garras com que assaltou-a o monstro da indigencia,
para roer-lhe o seio e macular-lhe a tez,
frustraram-sè em broquel enorme—a paciencia—
como ao Brasil frustrou-se a sanha de Lopez.

Quinze annos tinha! alvor da vida! quinze annos,
contados lá no Ceu por quinze cherubins
ciosos de quinze bens, entregues aos mil damnos
de um mundo em que dão leis os Neros e os Cains!

Quinze annos! primavera inda em começo, escolhas
de primorosos dons postos n'um casto ser!
quinze folhas sem mancha em livro sem mais folhas,
quinze annos, leda aurora em forma de mulher!

Pois uma idade assim, tão digna de carinhos,
zelada—como um premio ás cans de terno pae,
quasi ludibrio foi dos impetos mesquinhos
do vil tyranno impune, algoz do Paraguay.

Solano, quantos ais soltava a virgem fraca,
vendo em ti da deshonra o espectro ascoso e cru,
tantos golpes te vibre a mão que não se applaca
contra a insania feroz de um ente como tu !

Acossado, sem lar, famélico, proscripto,
demonio em forma humana, ouves a maldição ?
São labios feminis que a dizem:—„Sê maldito,
Nero, que em teu furor perdeste uma nação.

Mil raios contra ti, carrasco da innocencia,
chovam, para vingar fanaticos por ti,
que fôram defender tyrannica demencia,
tornando um cemiterio a terra em que nasci !

Assombro na crueza, aborto lá do inferno,
trazido ao Paraguay para roubar-lhe a paz,
seja qual de Ashavero o teu castigo—eterno—
pelo vertido sangue, ó barbaro tenaz.

Perdi meus paes, perdi, por um minuto de odios
que em teu lascivo peito a inveja accumulou,
os guias do meu bem, os optimos custodios
que deu-me a natureza ! Ai misera que sou !

Sem lar, sem pão, sem lume e sem o doce abrigo
de um regaço de mãe, de um osculo de irmão,
amortalhada em vida, em busca de um jazigo,
andei pedindo á morte a minha redempção.

Gloria á c'rôa do rei que veio em meu soccorro,
amparo e galardão que a um povo o Ceu dispoz,
simb'lo da liberdade, enquanto o phrygio gorro
da escravidão é simb'lo em tua frente, algóz!

Invejo de Carlotta o lance tão sublime
e em ti, novo Marat, quizera ser-lhe igual;
sei que a rasgar-te o peito ennobrecera o crime,
sei que é pequena a mão, mas brande o mór punhal.

Oh quem me déra, a sós, ir no teu leito ver-te,
na inercia do teu somno escarnecer de ti,
tirar-te o proprio ferro e impavida dizer-te:
—Outro Holophernes, morre ás mãos de outra Judith!—

Mas se de gloria tanta ao fim chegar não posso,
dos servos teus ás mãos verás teu ser que val;
extinguem-se nações, derruba-se um colosso,
como não chega a um verme a ponta de punhal?!

Gigantes de Humaitá, titans de Riachuelo,
aguias de Curuzú, leões de Tuyuty,
debellae de uma vez o rábido flagello
que anniquilando vae a terra em que nasci! "

E-a linda paraguaya, immersa em dôr tamanha,
olhava-me a sorrir, dissimulando a dôr ;
tinha o prazer fallaz das virgens lá da Hespanha,
quando lhes queima o seio o fementido amôr.

Porque era essa mulher refractaria a amores
bem sei, que bem m'ô diz lousa que tanto a attráe,
thésouro da memoria, em que ella esparge flores
d'alma que a um morto argúe na exhalação de um ai.

A edenisar-lhe a vida ella encontrara um noivo,
mas, do tyranno o ciume, irado contra o Ceu,
mudou-lhe o thóro em tumba e, convertendo em goivo
da lorangeira a flor, ennegreceu-lhe o véu!

Triste historia de amor ! Vileza nova e horrenda
foi essa a do mandão, que entre os amantes dois
um tumulo cavou, para aplanar a senda
aos botes da lascivia e escarnecer depois !

Mas, vendo morto o amante, irman da sensitiva,
a paraguaya flor, do Nero presa aos pés,
toda em pudor velou-se e, emquanto foi captiva,
soube contra a deshonna honrar o seu revéz.

Assumpção, Dezembro de 1869.

SAUDAÇÃO

Ao bravo commandante do encouraçado *Tamandaré*

AUGUSTO CEZAR PIRES DE MIRANDA

Com seus dous canhões por banda
no encouraçado invencível,
vae o bizarro Miranda
rindo sempre do *impossível*.
Nunca as sombras de um desgosto
toldam-lhe a calma do rosto
em que se espelha o sentir;
no dever sempre estribado,
olha ufano ao seu passado,
olha impavido ao porvir.

Tem jus a'esperar tranquilo
benções da posteridade.
Deus, que não cessa de ouvil-o,
nunca abateu-lhe a vontade.
E em Deus firmado, Miranda
d'onde sáe, por onde anda,
recebe louvores mil;
e modesto, honrando a farda,
dos mais bravos na vanguarda
bem defende o seu Brasil.

Moço, ardente, inquebrantavel
nos brios que Deus lhe deu,
Miranda, aos bons sempre amavel,
detesta os escravos do *eu*.
Alma de tempera fina,
que aos Lucullos não se inclina,
que aos Tartufos não se affaz,
grande no mar e na terra,
passa as agruras da guerra
como as delicias da paz.

Bemfadado o nauta joven
que, longe dos patrios lares,
quando as bonanças lhe chovem,
não se descuida de azares !

Bemfadado o que arrostando
o mar — que iroso roncando
as próprias rochas reduz —
ante borrascas não treme,
porque vae Deus no seu leme,
porque o seu leme é a Cruz !

Miranda, contrario ao jogo
das pretensões sem direitos,
tem quatro boccas de fogo
que bem attestam seus feitos.
Tem no peito, e podem vel-o,
um braço de Riachuelo,
de Humaitá outro braço ;
tem dous symb'los nas dragonas
que na terra do Amazonas
nunca o brilho perderão.

N'essas dragonas se encerra
de dous valentes a historia ;
de um que vive inda na terra,
de outro só vivo na gloria ;
de um que, a morrer, fez assombros,
que, ardua cruz trazendo aos hombros
foi mal pago em Paysandú ;
de outro que, tal cruz herdando,
tirou-a dos hombros, quando
cahiu n'outro Itapirú.

Aos dous bravos succedendo
no encouraçado invencivel,
Miranda, se os excedendo
não vae, foi d'elles ao nivel ;
por elles estimulado
foi que transpoz, denodado,
os brulotes de Humaitá,
e, honrando a herança famosa
de Barros e de Barbosa, (3)
no honroso posto inda está.

E no posto em que vigia
contra os ardis de Solano,
quando fallam da Bahia,
Miranda é grato bahiano.
Então se torna vaidoso
d'esse torrão precioso,
d'esse azul doirado ceu ;
e, por mais que honre tal brilho,
sempre mostra que é bom filho,
sempre acha pouco o que deu.

Com teus dous canhões por banda
no encouraçado invencivel,
prova aos timidos, Miranda,
que aos heróes tudo é possivel ;

colhe mais louros, se ainda
das azas da gloria infinda
tens louros que recolher ;
se zoilos tens, zoilos prostra
nos caminhos que Deus mostra
a quem não foge ao dever.

Assumpção, Fevereiro de 1869.

—

AVE, IMPERATOR!

Poesia recitada pelo artista Furtado Coelho, no theatro Lyrico, por ocasião de festejar-se o regresso de SS. MM. II., ao seio da Patria.

—

I

Que enthusiasmo vae na brasileira terra!
que gratas effusões! que jubilos reaes!
O povo — o Briareu, que os despotas aterra,
dos braços, com que impõe, faz arcos triumphaes!

Reina em tudo o prazer; nos paços e nas choças
a candida alegria infunde o mesmo ardor;
e os subditos ao rei dizem:—Tambem são nossas
palmas que recolheste, egrégio Imperador! —

Qual o sol que no occaso oscúla a relva e o cedro
para depois rasgar, mais ledo, á noite o véu,
tal do povo assentou-se o inclyto D. Pedro
para ajuntar mais brilho á paz do throno seu.

Nenhum dos filhos teus, Brasil, no velho mundo
teus credits subiu com titulo maior
que o nome que deixou por lá Pedro Segundo,
bem confirmado—rei—dos sabios no louvor.

Eis porque ao rei, que volta, a brasileira terra
na gratidão requinta em jubilos reaes ;
eis porque o Briareu, que os despotas aterra,
dos braços com que impõe, faz arcos triumphaes.

II

Salve, rei-modelo, abono
melhor da brásila grey,
que, longe d'ella e do throno,
d'ella em prol foste mais rei !
Salve, salve, magestade !
que do teu povo a saudade
bem soubeste consolar
co'as mil applaudidas novas
das inequivocas provas
do teu brilhante viajar !

Salve! Em tua despedida
a eleitos do povo, o Ceu
por tua voz commovida
a bem do escravo gemeu!
Elles honraram-te a ausencia;
que hoje ás portas da existencia
já não é dado a villãos,
contra o pudor brasileiro,
nos prantos do captiveiro
baptizar os seus irmãos.

Salve! O fulgido diadema,
que vês na tua Isabel,
é obra da mão suprema
em honra a herdeira fiel;
é de lagrimas de escravas,
que, máu grado almas ignavas,
convertêram-se afinal
em mil perolas preciosas,
como as moedas em rosas
á Isabel de Portugal.

Salve! Se hoje te retomam,
rei, cuidados do poder,
nas bençãos do povo assomam
as glorias do teu viver.

Salve! O sol americano
ao vencedor de Solano
tanto de esp'ranças reluz,
quanto assusta os reis da Europa
que mais de sangue se ensopa,
quando mais se enche de luz!

III

Lá no seio do antigo continente
se o brásilo monarcha viu prodigios
de sciencia e poder, tambem vestigios
viu, entre a culta gente,
do monstro da miseria que se arrasta,
seguido da sacrilega anarchia
que, opposta á monarchia,
dominios collossaes queima e devasta.

Seculos viu luzindo em cada pedra
dos vastos monumentos
que a historia encerram de immortaes portentos;
viu como a industria fructifica e medra
na inspiração do genio que devassa
os arcanos do pelago e dos ares;
viu do livre trabalho as armas grandes,
que zombam de espantalhos como os Andes,
e rasgam rochas e confundem mares;
viu aguias da tribuna,

em magestoso e popular congresso,
na alta eloquencia a mumias dando vida
e seduzindo a fama; viu a França,
em Thiers por encanto resumida,
pedindo a Deus nos posteros vingança;
mas, tambem viu nos restos da Communa
— a negra filha espuria do progresso —
as cinzas de brazões de excelsa historia
entre andrajos e ossos,
como um insulto horripilante á gloria
representada em livros e colossos!

Viu tudo isso como o vêem sabios
e, de tudo que disse,
o criterio do principe tão raro
jamais deixou que lhe escapasse aos labios
uma phrase de pasmo ou de censura,
que á prevenção de extraneos desmentisse
do viajante o espirito preclaro,
do homem-nação a consciencia pura.

Longe do seu Brasil, Pedro Segundo,
a bem dos brasileiros,
quiz illustrar-se mais, correndo o mundo
— berço de Homero e Dante,
de Shakspeare, de Goethe e Guttemberg.

E hoje que diz a Europa? Diz: „— Quem via
„ aquelle activo e attento visitante,
„ no paço qual no albergue,
„ os ultimos prezando ante os primeiros,
„ n'elle um principe logo descobria.
„ Elle, no seu esplendido trajecto,
„ animava o labor dos bons obreiros,
„ indo os ouvir com fraternal affecto;
„ escolas e institutos percorrendo,
„ nos mestres applaudia os padrões d'arte,
„ de estudantes ao nivel se assentava;
„ e a todos sempre o mesmo parecendo,
„ sempre o varão modesto em toda a parte
„ com grandes e pequenos praticava. „—

Recebendo da Europa a continencia
o brásilo monarcha
não se esqueceu do grande patriarcha
da Independencia, heróe da patria amada;
e, do povo ajudando o nobre intento,
deu pressa ao merecido monumento
fundido em honra do exemplar Andrada.

Nas excursões longinquas,
quando o feria o espinho da saudade,
o anjo da caridade,
disfarçado na esposa, quantas vezes
lhe fez sentir que estavam mais propinquas
as delicias da volta! porém, mezes,

distrahidos embora em grande estudo,
pareciam mais seculos ao filho
do inebriante oásis das palmeiras,
em que do sol no brilho,
na flôr, nas aves, no ar, na lympha, em tudo
convida o céu ás expansões fagueiras
de quem regressa de européas zonas
á cubiçada terra do Amazonas.

IV

Alfim voltaste!... Em jubilos
bem te indemnise a volta;
sólta ante a patria, sólta
tua alma, Imperador!
Longe o pesado carcere
em que a saudade a teve;
pague o bom rei, que o deve,
do povo o grato ardor.

Ninguem, por sêres principe,
jus ao prazer te nega;
tanto a alegria cega,
quanto a saudade dóe....
Succeda o riso ás lagrimas
que por teu Pae verteste,
quando ante a Cruz moveste
o coração do heróe!

Contra agoureiros tétricos,
mais varios do que o vento,
crê no teu sol — isento
de occasos de Sédan!
Quando te assaltem vandalos
a c'rôa, guarde-a o zelo
de leões de Riachuelo,
de aguias de Aquidaban.

Mas, que phalange esplendida
ó principe, a saudar-te
no sanctuario d'arte
lá vem entrando!... Entrae!...
Vinde!... Mas que!... Sumiram-se
ante o calor dos vivos....
E eram dos redivivos
heróes do Paraguay!

Como elles para o tumulo
volvêram satisfeitos,
vendo os tão justos preitos
do povo ao rei-irmão,
assim do lar concentra-te,
na paz, feliz Regente,
vendo em teu Pae presente
mais ditas á nação!

Folgae, briosos subditos,
folgae pelo regresso
do amigo do progresso
da brasileira grey!
Repercuti unisonos,
echos do Mundo Novo:
— Em Pedro, que é rei-povo,
honra-se um povo-rei! —

Rio de Janeiro, Abril de 1872.

BARTHOLOMEU de GUSMÃO

CANTO APOLOGETICO

Offerecido ao grandiloquo poeta o Exm. Sr. Conselheiro

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Le destin, aux grands cœurs si souvent mal propice,
Se résout quelquefois à leur faire justice.

CORNILLE.

Gloria á missão seraphica do genio!
Gloria á morte dos que martyres que morrem
pela idéa que abraçam! Gloria á força
que os estimula e ampara no caminho
dos escarneos estupidos da inveja!
Gloria á palavra altiloqua e imponente,
dos que, pela sciencia illuminados,
perante a vil astucia não trepidam,
nem o verbo de Deus perante as iras
da gentalha fanaticas desmentem!

Gloria a ti, Galileu, gloria aos que forem
sublimes pela mesma persistencia,
quando a voz dos autócratas nefandos
vans torturas inflija ao corpo exausto,
já que não póde agrilhoar-lhe a idéa.

Irmão de Galileu na confiança
que de ti mesmo havias, na virtude
com que afouto arrostavas os convicios
da nobreza e do povo abastardados,
unidos contra ti sem jus, sem causa,
foste, Bartholomeu, foste um gigante!
Mas, de infames e hypocritas covardes
essa cabilda atroz como victorias
lograria alcançar de quem, só, firme,
nas azas da verdade se librava ?!

Um dia, já de injurias consumido,
exposto ás irrisões da populaça,
amargando a peçonha que entornavam
das serpes jesuiticas as linguas ;
bastou dizêres—Quero—e foi cumprida
a energica vontade. De repente,
preso por corpo e alma ao teu invento,
surto d'aguia tomaste, e os pés tirando
do solo que os teus pés não merecia,
subiste aos ares, arredando as nuvens
co'a rapidez que tanto as assombrava
n'essa machina audaz ! e o povo em baixo

ante a imprevista scena confundido,
immovel, mudo, boquiaberto, absorto
na incólume ascensão do hardido padre,
depois n'um grito prorompeu que os echos
do Tejo a toda a Europa transmittiram.

Que mais solemne e justo desmentido
deu-se da vil inveja á voz ? Que dia
mais brilhante raiou do que esse ao mundo
desaffrontando os creditos do genio ?
Que artista mereceu maior tablado,
tendo por testemunha o sol da tarde
e a rainha dos astros que em seu throno,
pallida e inerte, a descansar do giro
inspirador de bardos, por encanto
revestiu-se de luz, moveu seu disco
para applaudir na vastidão dos orbes
o inesperado surto do homem-aguia !

Que valias, Lisboa, ante a homenagem
pelas aurás rendida ao teu colono ?
Que eras tu com teus gritos, teus sarcasmos
perante a magestade de um tal genio,
subindo quasi a topetar nos astros ?
De que serviu-lhe o brado altisonante,
de saudações e assombros repassado,
se o brado, inda orgulhoso os céus buscando,
perdeu-se em teus circuitos mesquinhos ?

Que valeu que um prodigio o reputasses
quando elle já de ti não precisava,
quando, os ventos calando sobre as nuvens,
tinha por capitolio o espaço infindo
em que giram myriadas de mundos ?

E da idéa — que tanto apedrejaste —
porque applaudiste os magicos effeitos ? !
E' que cega de orgulho pela gloria
do brasileiro exposto ao San Benito,
receiosa de que no immenso vôo
os astros detivessem-n'o p'ra sempre,
não vias, Lusitania, o que importava
o teu ser ou não ser aos pés d'aquelle
que, passados martyrios olvidando
do aerostato célere no bojo,
por bem feliz se déra, se alli mesmo
succumbisse, ou se a machina altaneira
as correntes ethereas mallogrando,
fosse poisar nos tão longinquos seios
do adorado Brazil... Porém o acaso,
ou, quem sabe? a yontade omnipotente,
que as grandes almas nutre em dores grandes,
quiz que outra vez Gusmão baixasse á terra
onde o aguardavam sófregos verdugos.
E elle desceu da altura em que não via
os solios d'esses despotas vaidosos,
ante os quaes mil vassallos reverentes
por galardão se prostram ! E humilhado

inda uma vez nas pragas da gentalha
—arma do Santo Officio— ouviu tão manso
bôccas que enraivecidas lhe bradavam :
—Feiticeiro, é mentira a idéa tua !—

O voador não mais voou garboso
para orgulho da terra! Estava escripto
nos arcanos do Céu que o grande invento
da cabeça do excelso paulistano,
havia de servir de escarneo ás turbas,
sendo assombro de um rei, bem como outr'ora
sarcasmos inspirara — ao rei assombro (5)
das mais cultas nações — outro prodigio
da cabeça de Watt em mãos de Fulton.
Hoje os corseis maritimos discorrem
nas lisas pranchas d'agua que entre mundos
lançára a mão de Deus a bem dos homens.

E que é feito do altivo aerostato?
Morreu com seu auctor, ou sóbe ainda
maravilhando os povos? Sóbe; a França,
usurpando uma idéa, novas forças
ás azas d'essa Phenix deu, que ao mundo
surgiu, tendo outro pae por maravilha.

Aguias, aguias francezas, que mais fama
pretendeis que a que houvestes das batalhas
onde quasi do mundo fostes donas ?

Que mais quereis que as tradições augustas
deixadas pelo gladio que foi penna
das vossas aureas azas; que fez medo
aos mais potentes sceptros ? Que desaire,
se após victorias tantas, inda crêdes
vossa aquella invenção que não foi vossa !

Quando, posteridade, olhares calma,
para as c'rôas do genio ; quando vires
no bojo a conduzir padrões da industria
o navio dos ares, mais ligeiro
que do carvão o abutre sobre as aguas ;
quando o homem transpondo o ethereo espaço,
aos pés ouvir do mar queixas irosas,
fitar mais perto os astros, e das aguias
fôr o rival no vôo ; quando o nauta
só carecer de bussola nos ares
e olhar mais para os céus ; se falsos echos
de gratidão disserem-te que a Europa
foi quem te melhorou, responde :— America ;
se só de Montgolfier lembrar-se a França,
lembra-lhe o bom Gusmão, que bem mais lembra ;
lembra-lhe o martyr que, a penar innnocuo,
relegado e saudoso em dura enxerga
d' hospital sevilhano, expirou—pobre
de bens que as ambições terrenas cegam ;
pobre qual o romeiro que não logra
ter lousa em terra que lhe fôra berço ;
pobre como era rico de cruezas
o povo que do pobre zombou tanto !

Ufana-te, Brasil ! teu filho caro,
da Inquisição—ludibrio—e d'esses nobres
sem nobreza e pudor, ha de brilhante
logar d'honra occupar, te honrando os fóros
no pantheon que os posteros erijam
á memoria dos genios ; ha de a fama
o nome de Gusmão sagrar na historia
dos que foram espelho á luz do Golgotha,
glorificando sec'los em seus nomes.

Gloria ao filho immortal da Paulicéa!
Gloria á missão seraphica do genio !

Rio de Janeiro, Setembro de 1868.

VERSOS

Recitados no collegio *Abilio*, por occasião de ser visitado esse
estabelecimento por S. M. o Imperador

Senhor, no meio de infantes
gratos á vossa presença,
que mais digna recompensa
do que esta que recebeis ?
Se hõje em proveito do ensino,
usaes paternal caricia,
nos sorrisos da puericia
vos inspira o rei dos reis.

N'este gremio de esperanças,
que o sol da instrucção penetra,
quando a innocencia solétra
phrases ditas por Jesus,
não se apouca a magestade
que, de pobres franco allivio,
derrama luz no convivio
de almas sedentas de luz.

Ao nivel das creancinhas
e sem o apparato regio,
sois mais rei n'este collegio
que sobre o throno, senhor ;
entre os cabellos tão loiros
de tão roseas creaturas
as vossas cans prematuras
valem a c'rôa melhor.

Que incentivo aqui trouxestes!
N'esta visita que exempla,
o futuro vos contempla
—d'esses olhos infantis.
Quando assim se compenetra
da sua tarefa augusta,
que custa a um bom rei, que custa
ser pae de um povo feliz?

Que regosijos se espelham
em rostos tão peregrinos !
Sabeis o que esses meninos
querem dizer-vos? Sabei :
„ Quando do solio descendo
os nossos bancos procura,
n'uma escola mais fulgura
do que em batalhas o rei. “

Razão têm elles. Nas guerras
que a humanidade amesquinham,
grandes Estados definham
pela ambição que os destróe!
Não ; se o seculo é do livro,
seja a penna arma dilecta ;
da gloria attingindo á méta
quem mais souber—seja o heróe.

Nas justas da intelligencia
a que vão d'alma gigantes,
formam-se os Newtons, os Dantes,
os Galileus e os Camões.
Se impôr a historia em seus filhos
anhela o Brazil tão novo,
em prol da instrucção do povo
imite as cultas da nações.

E vós, Principe, que ás lêttas
sois, tão por gosto, votado,
se pela Patria louvado
a Patria almejas servir,
honrando mestres e alumnos,
prestaes constantes auxilios
ao trabalho dos Abilios,
bons obreiros do porvir.

HUMAITÁ

Cantico offerecido ao benemerito general o Exm. Sr.

DUQUE DE CAXIAS.

Tout fuit, tout passe.
V. HUGO.

I

Enfim Satan perdeu ! Abandonada,
placida, muda, inerte e destroçada,
mercê de Deus, contemplo-te Humaitá !
Enfim, tremúla o brásilo estandarte
no teu seio, famoso baluarte
de um Nero que por ti se extorce lá !

Que é das furias que altivas te guardavam,
que rábidas e roucas ribombavam
nas negras bôccas dos teus mil canhões ? !
Das infalliveis armas que é do accumululo
com que, suppondo abrir tão fundo tumulo,
sepultar quiz um homem tres nações ? !

Que é dos tredos brulotes, com que as aguas
pejou, para nutrir perpetuas magoas,
o fanatico e rude Guarany ?
Que é dos grilhões que o Paraguay cruzaram,
para as quilhas perder que te frustaram ?
Que é do grande poder alçado em ti ? !

Tudo rendeu-se á nobre potestade
do auri-verde pendão da liberdade,
que nunca ultrajes vis, traições guiou ;
tudo, á voz da justiça omnipotente,
cambaleou de medo e, de repente,
em combros de ruinas se acabou !

Dunkerque, Almeida, Badajoz, Rodrigo,
Malakoff e Gaéta egual castigo
tiveram dos seus impetos crueis !
Do colosso que em sangue e fogo medra,
gloria, não deixas pedra sobre pedra,
p'ra que a razão em paz só dicte leis !

Graças. á mão que, em milagroso aceno,
entregou-te os reductos d'esse Brenno
que ousou transpor-te as raias, meu paiz!
Graças, graças, meu Deus que assim derrubas
os despotas —leões, que alçando as jubas,
reputam povos —tributarios vis— !

Mas, a cega nação que, desvairada,
tanto esperou da morte preparada,
nos teus vallos e fossos e paiões,
ha de saber que os altaneiros topes
da invencivel esquadra, trazem, López,
signaes não de piratas, mas, de heróes.

Ha de saber que os brasileiros bravos
não sabem praticar feitos ignavos
como os que ledo impões a teus irmãos;
ha de saber que os grandes vencedores
eram da redempção os lidadores
em pró da terra escrava em tuas mãos.

Então desamparado, audaz Solano,
pelos que hoje te chamam soberano,
que farás por teu bem ? Fugir ? morrer ?....
Serás. quem sabe ? o novo Mithridates,
implorando no fim de cem combates
a taça do veneno p'ra beber.

II

Porque vou cravando meus olhos, ancioso,
nos lôbregos seios da muda Humaitá?
Que é isto que tópo?! Meu Deus, serão tumbas
de heróes brasileiros que andaram por cá?!

Não; porque ha monstros com figura humana,
que até sepulcro aos seus contrarios negam;
e o corpo inerte aos esfaimados corvos,
sem cruz, sem prece e sem mortalha, entregam!

Ebrios de sangue, n'um rancor satânico,
quando inda o sangue do cadaver corre,
mordem, sorrindo, o inanimado invólucro,
qual Ugolino a se mirrar na torre!

Maldicto o vencedor que, entre pellouros,
do seu vencido os restos não venera!
Quem não respeita o morto, e quer ter louros,
desce mais que um bandido, é mais que fera.

Quanto exemplá o guerreiro, altivo e nobre,
que, vendo extincta a vida ao contendor,
dá-lhe uma tumba, de orações a cobre,
e pede a Deus perdão do sen furor!

III

Deus, que tanto estes plainos aclaras
c'os fulgores que vem lá de cima,
contra embustes de Lopez anima
estes corpos cobertos de pó !
Que os finados revivam e creiam
n'esta esplendida e santa cruzada,
que traz luzes á terra entrevada,
e traz guerra ao seu chefe sem dó.

N'esta gleba, em que piso, sulcada
pelas chuvas de polvora e balas
eia, erguido, caminha! não fallas,
ó guerreiro que jazes aqui ?
Do teu somno funereo desperta,
vem ouvir-me dizer-me o teu nome,
se morreste no prelio, ou de fome,
se na morte houve gloria por ti !

Mas embalde ! a mansão dos finados
não reponde ás perguntas de um vivo.
Durmam, pois, os que só lenitivo
encontraram morrendo ! Humaitá,
novo estadio se abriu nos teus seios,
a melhores conquistas disposto,
e do sol, que lá vae quasi posto,
quantos raios de gloria por cá !

E' que as chammas do facho diurno,
dardejando nos brásilos'gladios,
fazem d'elles brilhantes palladios
dos calcados direitos em prol.
Lá dos antros da guerra em que vêdes,
tão serena Humaitá, paraguayos,
recebei do sol-posto esses raios
que vos dão ao porvir um pharol !

IV

A guerra! a guerra! Que martyrios
não soffres tu, soldado oppresso
nos espantalhos ao progresso,
a que te força o teu senhor;
o vil senhor que tem o latego
sempre minaz para os teus hombros,
quantas fadigas, que de assombros
inda te causa! oh! que labor!

Não gemas, povo, nos supplicios!
Curvado e mudo, cava a terra!
Forças não tens p'ra dura guerra?
Trabalha em vão, trabalha e já!
Forma outra vez trincheiras horridas,
rijos bastiões, fossos d'espinhos,
véda ao Brasil os teus caminhos
e oppõe ao mundo outra Humaitá!

V

Mas sempre ha de ser inglorio
esse ardor com que trabalhas !
Verás sempre o grande Osorio,
que, te baldando muralhas,
abre co'a fulgida lança
ingresso ás suas cohortes,
e, se recúa, faz medo,
e faz prodigios, se avança.

Sublime Hugo, quando a aurora
raiará que mostre ao genio
—desprezada ou solitaria—
essa applaudida garganta
de bronze, tão sanguinaria
que espanta os mais fortes reis ?
que, na terra ou sobre os mares,
encontra franca tribuna
em que prega tanto a guerra
quando rabida ribomba,
em que da justiça zomba,
em que faz e desfaz leis ?

Quando virá esse dia,
cysne que tens aureas pennas,
com que abrilhantas as scenas
da liberdade na paz ?
Realisavel não creias
esse teu desejo ardente
filho de augustas ideias

Embora veja o presente
desvarios do passado,
nunca se mostra ensinado,
nunca a verdade lhe apraz ;
lucta.... em sangue immerge a gloria,
e, quando o censuram sabios,
reputa o espelho da historia
nos seus reflexos mendaz !

Eis porque ao sec'lo das luzes
o tyranno paraguay
oppoz sarcasticas sombras,
inflammando os seus obuzes
n'este immenso baluarte ;
e, querendo dar lições
de um tal poderio novo,
fez instrumento de um povo
para insultar tres nações !

E agora sobre os teus restos,
Humaitá, que alfim cahiste,
que tanto sangue pediste
e hoje pedes tanta luz,
mostre o seculo as desgraças
a que Deus sempre reduz
esses despotas modernos
que, orgulhosos de si, julgam
os seus colossos—eternos,—
porque se esquecem da morte,
porque se afastam da Cruz !

VI

A Cruz! Estará ella aqui no templo
que, admirado e avido contemplo
nos destroços da barbara Humaitá?
A Cruz, o eterno symb'lo do Calvario,
não campêa em dominios de um sicario,
não remata esse templo, aqui não'stá.

E se esteve, e se foi, por um momento,
ludibrio do tyranno truculento
que entre polvora e sangue a profanou,
Deus quiz tirar a Cruz d'estas barreiras,
e ao trovejar das naves brasileiras,
desmoronando o templo, a Cruz tirou.

E ainda assim sem cruz, sem tecto e altares,
este azilo da prece aos meus olhares
que seducções beneficas produz!
Deus, dos paços dos Cresos que exterminas
como tanto negror pões nas ruinas
e pões n'estas ruinas tanta luz!

Ante ollas reverente ora se prostra
minh'alma de christão, a quem se mostra
a c'rôa infinda e immensa de Jehovah! ..
Mas que escuto?!... Que jubilos !... que festas!...
Que phalanges e musicas são estas?!
Que sensações me inspiras, Humaitá!

Em quadro os batalhões postam-se unidos....
as musicas não cessam.... meus sentidos
concentrados n'um ponto ei-los estão!
São elles ! são de López os melhores,
são de Humaitá os grandes defensores
que entregaram-se ás forças da razão. (6)

São hoje livres, são troféos opimos
que dizem ao Brasil :—Contentes vimos
do progresso e da paz glorias fruir.—
E o Imperio em seus filhos generosos
responde aos prisioneiros jubilosos :
— Contae comigo, que achareis porvir.—

Oh ! quanto é grande e vera a confiança
do inimigo que ha pouco alçava a lança
contra nós e hoje as armas quebra, irmãos,
para, abraçado ao brásilo estandarte,
dizer em seu perdido baluarte :
—Brasileiros, melhoró em vossas mãos !

Humaitá ! Humaitá ! quando este exemplo
fructificar de todo, quando o templo,
hoje abatido, erguer-se em melhor fé ;
quando em teu seio as letras responderem
por teus canhões aos que te ver quizerem,
perguntando :—Humaitá ?! que é d'ella ?! onde é ?!—

Então, em vez de arder nos diros prelios,
em que novos Caligulas e Aurelios
jamais nutriram bem os odios seus,
dirás, ó Paraguay :—Brasil, amigo,
c'o as lições que me déste ora bemdigo
do invicto Duque na victoria a Deus !

Humaitá, 5 de Agosto de 1868.

O HERÓE

Ao legendario Osorio

MARQUEZ DO HERVAL

Um trovejar sem fim... um largo incendio.
Mas elle á frente, no corssel fitando
O infinito seu norte,
Dizia á eternidade: Eu sou a morte,
Meu cavallo é o destino, o ceu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha.

JOSÉ BONIFACIO.

Eil-o que assoma no fragor da pugna,
desafiando a morte e sempre incólume,
o genio da batalha!
Rompendo hórridas chuvas de metralha,
no cavallo-relampago lá brilha
o homem-raio que as hostes maravilha!

Onde elle chega o proprio ardor transfunde
em peitos mil! . . . os mutilados erguem-se
e—destroços andantes—
fazem baquear impavidos gigantes! . . .
E o divo heróe, que os fracos fortalece,
da morte o emulo aos mortaes parece!

De um filho tal ufana-te; em teus seios
elle a vida bebeu, fecunda America!
Cresceu e um dia a gloria,
de um povo pela voz, lhe disse:—„A historia
„ no teu nome carece de um luzeiro.
„ Vae honrar-me ante os posteros, guerreiro!

„ Toma das nuvens teu corsel immune
„ do fogo e d'agua ás irrupções mortiferas;
„ quando ao teu corpo de aço
„ a noite offerecer brando regaço,
„ dormirás, pelas brisas embalado
„ no *pampa*—o certo leito do soldado!“—

Estimulado assim, da terra o filho
montou-se logo em seu cavallo aligero
e foi-se prazenteiro,
ao rebramir do horrisono pampeiro,
crendo as feições já ver de humana guerra
na tempestade que fustiga a terra.

Alfim sumiu-se a noite co' a tormenta,
ao finito cabendo novo estimulo
 nos célicos afagos
com que o sol beija plainos, selvas, lagos
Mas o audaz cavalleiro, em tanta calma,
saudades da procella entranhou n'alma.

Triste elle estava e junto d'elle triste,
ou escarvando o solo ás vezes, sôfrego,
 o corssel relinchava ;
da gloria o promettido se enfadava
no ocio da paz de que refogem vivos
pelos da guerra infaustos attractivos !

Elle, anhelando a lucta, em mil perigos
exp'rimentar queria o seu horoscopo.
 A guerra n'essa mente
reflectia-se, multipla, atrahente,
como a luz n'um crystal de mil facetas,
ou como o amor nos sonhos dos poetas.

Que espelho tentador ! que imagens vivas !
A victoria de um lado e os seus mil jubilos
 em bellos episodios ;
do outro lado a derrota negros odios
guardando entre despeitos invenciveis
de vencidos com mostras de impassiveis !

E o sangue inda a escorrer de mil feridas !...
e os canhões vomitando inda em cadaveres
que inspiram pena ou pasmo,
que indicam bem o cego entusiasmo
de que almas foram victimas, no jogo
da carne contra a carne, o ferro e o fogo.

Eis as visões que, no silencio do ermo,
do solitario entravam pelo espirito.
Oh! que gratos adejos
da mente entregue aos bellicos desejos !
Mas de repente um brado altisonante
tirou da inercia o sonhador gigante.

Qual setta que de longe disparada
acerta entre azas que almejava o indigena ;
qual pelo faro o abutre
acha os peixes subtis de que se nutre ;
tal, no corsel voando, o cavalleiro
achou na guerra o seu festim primeiro.

Eil-o que assoma no fragor da pugna,
desafiando a morte e sempre incólume
o genio da batalha !
rompendo hõrridas chuvas de metralha
no cavallo-relampago lá brilha
o homem-raio que as hostes maravilha !

Contra elle um exercito converge
em vão qual contra a rocha o irado pelago ;
 refractario a pellouros
onde elle passa, brotam verdes louros ;
e esse corsel tem pégadas luzentes
que animam da victoria os mais descrentes.

Visivel como o sol, mas sempre illeso,
cáe... ergue-se... recáe e avulta esplendido
 no sorvedouro humano
o divino espantelho de um tyranno,
vivo sarcasmo a responder com risos
das balas aos satanicos granizos !

Qual o frondoso cedro entre arvoredos,
tal em floresta de fuzis e gladios
 o tronco se destaca
do heróe cuja presença a furia applaca
das igneas bôccas da trincheira adversa,
que batalhões titanicos dispersa.

Mais renhida se trava a lucta horrenda !...
Ao clangor dos clarins,—scena terrifica !—
 partem-se bayonetas
d'encontro a ferreos musculos ! Que atletas
porfiam !... Sêde egual todos desvaira !...
E a victoria indecisa em torno paira !

Mas sobrevêm o heróe e por encanto
cessa a orchestra sinistra... finda o prelio...
os hymnos da victoria
cobrem a voz do precursor da gloria
que diz aos vencedores n'elle absortos :
— Aos vencidos quartel, respeito aos mortos. —

Depois... fugindo os enfadonhos ermos,
teu filho singular, ditosa America,
busca os saudosos lares...
Emquanto a nova guerra o não chamares,
automato será da prole amante,
no remanso da paz, esse gigante.

Se da Grecia e de Roma os dous luzeiros,
Patria, não tens com que entre o pó dos seculos
sobresaiam teus louros,
descansa, que por titulo aos vindouros,
como a de heróes de Homero e de Virgilio,
tens a fama de Osorio, o heróe brasílio.

Assumpção, Janeiro de 1868.

LIVRO II

ALAUDE

THRENOS

Ao sentidissimo passamento de meu muito amado pae o venerando poeta e obreiro da Independencia

FRANCISCO MONIZ BARRETTO

Audite, cæli, quæ loquor ;
audiat terra verba oris mei.

MOYSI CANTICUM.

A dôr te acompanhou do berço á campa ;
Esgotaste a amargura até as fezes ;
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.

SOARES DE PASSOS.

Onde estás ?... onde estou, meu pae ? !... Que força
traidora, subitanea, irresistivel,
separou-nos tão cedo, e os sons mellifluous
calou da lyra ancian, vibrada sempre
no mundo pelos toques dos archanjos ? !

Que máu destino o meu, que assim privou-me
de te cerrar as palpebras no instante,
em que por tantos olhos pranteado,
da vida transitoria despenavas !
Que máu destino o do saudoso filho
que não logra dizer o adeus extremo
ao pae que expira e lhe abençôa os passos !

Bastardo errante a conquistar um nome,
mendigo atrás da gloria, em vão pedindo
vida ou morte á visão que acena e fôge,
— vida para morrer nos braços d'ella,
— morte para viver na voz da fama —
eis agora o que sou, eis meu fadario !

Terra em que ora me arrasto, em que ora gemo,
porque só topo os cardos que me sangram
os tão doridos pés ; terra avarenta
do céu, do sol, do mar, do ether, de tudo
com que Jehová te cerca e nutre e ampara ;
terra que até sumir buscas, teimosa,
dos teus um atomo em que Deus infunde
a luz da eternidade e o chama genio,
para medir dos orbes a grandeza
e resumir prodigios do infinito ;
terra, terra fatal aos meus anhelos,
onde escondeste a mão piedosa e santa,
essa divina bussola á virtude
que só do bem aos trilhos me apontava,
qual de Israel outr'ora aos passos dubios

a vara do Sinai?! Que é d'essa dextra
vetusta, cujos dedos sempre ao longe
mais que raios d'estrella me luziam
nas mais negras procellas do meu peito,
quando, alçada na prece augusta aos anjos,
no sorriso dos anjos me aditava?

Mãe que os filhos devoras, terra ingrata
ao mineiro da sciencia que, em teus seios
plantando a gloria, te enriquece e exalta
co'as palmas que não tens; antro do olvido,
complice atroz da morte, ebria de sangue,
nas tuas fundas e crueis entranhas
bem sei que profanando estás, ó terra,
essa dextra sem nodoa que eu beijava!...
Depois o corpo acabarás que enfermo
foi pelas dôres de Moraes Provanças.
Inerte n'esse involucro de martyr
inda acharás um coração que aberto
sempre estava aos suspiros da desgraça;
um coração de Job, que era, penando,
conforto ao desespero dos descrentes!

Quem sabe se, ao cahir sobre elle a argila
pesada e fria da mansão dos mortos,
aquelle coração, relógio d'alma
que pela fé marcava o tempo aos justos,
não bateu de saudade alguns instantes
por vivos que adoraram-n'o! Quem sabe!

Mas, enfim hoje é teu e dos teus vermes,
terra, um cofre de amor, vazio, embora,
das virtudes que teve por moedas,
moedas que de um anjo p'ra grinalda
em fulgurantes rosas se convertem !

Oh! se eu pudesse n'esta angustia, ao menos,
da altura em que te piso e os teus abutres,
terra voraz, cavar-te o denso fundo
e t'o roubando as tábidas entranhas,
banhar co'as minhas lagrimas—tão quentes
de filial ternura—o santuario
do affecto paternal mais vero e nobre ;
que de osculos tão sôfrego eu não dera
no coração tão caro em que já 'steve
o desejo melhor do meu futuro !
Que allivio eu não teria m'esforçando
por guardar em meu peito essa reliquia
do sentir de um christão que vezes tantas
por meus irmãos, por mim, calou martyrios !
Se d'esforço tão grande eu triumphasse,
de joelhos te beijára, inda que, ó terra,
no seio escuro teu me sepultasses,
ou, raivosa das lagrimas vertidas
por mim, em linguas de volcão te abrisses
para, enxugando os olhos meus, queimal-os.

Mas, onde estou?! Que foi que proferiram
meus labios, descerrados pela queixa?...

Sacrilegio talvez, loucura, engano,
injustiça da mente desvairada
por essa perda immensa, irreparavel,
do thesouro maior que achei no mundo,
com que jamais depararão meus dias
n'esta vida precaria, atroz, mesquinha !

Jámais?!... Perdão, meu Deus! Jámais? Quem sabe!
Só vós, Senhor, que sustentaes os orbes
lá da estancia em que lagrimas não correm
de cerebros minados por mil dôres,
a vossos pés podeis mostrar-me ainda
— placido e livre — o espirito sublime
que ao desatar, tão brando, os nós da carne,
lougou portentos d'estoicismo aos homens !

Não morreste, meu pae, creio, descansas,
hoje, abrigado ao solio que não tomba
aos incessantes choques do egoismo
sempre em lucta co'as viboras da inveja!
Unes a voz ao sempiterno côro
que os vassallos da gloria infinda entôam
ao ser dos sêres, que dá luz aos astros,
que os astros póde escurecer, n'um sopro ;
ao arbitro supremo das miriadas
de globos que tão lucidos gravitam,
tentando embalde limitar o espaço
onde impera a realeza do Infinito.

Não morreste, meu pae ; folgas no Empyreo
circumdado por anjos, confundido
no meio dos espiritos egregios,
que na terra chamaram-se poetas,
sem que os soubesse aquilatar a terra !
Accordas hoje os carmes teus ridentes
com sorrisos e carmes dos primeiros
athletas da razão, nobres da penna
revérberos de Deus, sabios pintores
dos desalentos e extases das almas.

Não morreste, meu pae ! Quem diz que é morte
o que fóra da terra ora mereces ?
Olhas a Homero, ao Dante e a Shakspeare,
— trindade archétypica do genio !
Ouves a historia santa do Calvario
na propria tuba altisona do Tasso !
Depois, attento e deslumbrado, escutas
de Goethe e de Camões as aureas harpas,
o psalterio brandiloquo de Milton,
restituido ao sol do Eden chorado ;
a cithara tão doce de Petrarca,
as lyras magas de Musset, de Byron ;
o mavioso plectro d'Espronceda ;
e de Bocage, que te abraça e oscúla,
esplendido improvisado em que te julga
seu successor na terra e irmão na gloria !

Oh ! subiste de preço e a terra esqueces
na morada seraphica dos vates !

Que tenho eu pois que me queixar do barro
que lá consome inanimados, frios,
o craneo, a dextra, o coração e a bôcca
do bardo que, altaneiro, em surto d'aguia
sôbrepõdo-se ao globo em que foi martyr,
librado pela fé, perlustra as nuvens .
pára no sol, por dar mais fogo ás azas . . .
e, rapido adejando sobre os astros,
entra os ceus p'ra jamais dos ceus partir-se ?

Mudo, gélido, immovel, fragil barro
nada tenho contigo; era um delirio,
quando pedi-te contas de uma vida
que é thesouro dos ceus, que em ti não cabe,
que és pequena de mais ao craneo do homem
capaz de comprehender no pensamento
a extensão do poder da eternidade.

Meu pae, ganhaste o que almejavas tanto!
Pede agora por mim, pede, meu norte,
a Deus p'ra que em meus passos titubantes
—sem tua companhia—eu não me perca
na invencivel idéa em que me afano
de rever-te e beijar-te a dextra amada.
Serei feliz, porque serão ouvidas
as supplicas de pae que por mim faças.
Deus te ouvirá, porque só Deus ouvias
nos applausos phreneticos da turba
que te acclamava -rei- absorta e pasma
nos callidos repentos do teu estro,

quando co'a lingua em catadupas d'oiro
nas cadencias do metro memoravas
—Deus, sciencia, virtude, amor e patria!

A lyra que deixaste, involta em crepe,
é muda; e o povo, que applaudiu-te, sabe
que taes cordas jámais sob os meus dedos
vibrarão, quaes nos teus, meu pae, vibraram.
Agradecido á herança que me coube
no teu nome, possa eu mostrar-me um dia
ao futuro e dizer: „Meu pae, ó grandes,
ouro e braços não me legou na terra;
porém, subindo a Deus, deixou-me a lyra
que encerra os meus braços, fortuna e gloria.“

Curupaity, 2 de Julho de 1868.

GONÇALVES DIAS

A' ILLUSTRE PROVINCIA DO MABANHÃO.

Vate ! vate ! que és tu ?—Nos seus extremos
Fadou-te Deus um coração de amores,
Fadou-te uma alma accesa borbulhando
Hardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

GONÇALVES DIAS.

I

O bardo é rei, quando governa as almas
empunhando no plectro
um condão de harmonia, um brando sceptro.
O bardo é rei que em todo mundo impera,
Tem por corôa immarcessiveis palmas
que aos pés lhe atira o povo que o venera.

O bardo é rei que á santa liberdade
vota, acceso na crença, eternos hymnos
e sobranceiro arrosta iras de zoilos,
desarmando os maleficos destinos.

Ante a posteridade
quando esse rei sem fausto comparece,
por degráus do seu throno os livros mostra
que o seu estro engendrou, sem que tivesse
de recorrer a indultos da vaidade
para attingir o perennal fastigio,
d'onde nunca mais desce
quem, forte na ascenção, fracos não prostra.

Se é sempre vão e ephemero o vestigio
dos orgulhos rídiculos da terra ;
se ha nescios reis que formam acintosos
seus pantheons de mil trophéus pomposos,
alcançados com sangue e ferro e fogo,
nos embates horrisonos da guerra,
das ambições despoticas no jogo
que os cegos chamam gloria ;
o bardo, quando magico avassalla
d'harpa nos sons a turba que o festeja ;
inspirado por Deus que n'elle falla,
um pantheon constrúe, que faz inveja,
nos fastos immortaes da propria historia.

II

Com teu sceptro de harmonias
foste um rei, Gonçalves Dias,
como bem poucos, feliz !
Tens um pantheon na historia ;
tens dos teus cantos a gloria
na gloria do teu paiz.

Poeta, que te afinaste
pelo Céu, quando saudaste
de longe os teus palmeirae !
a pátria, que te abençoá,
inda louvores entôa
aos teus carmes filiaes.

Inda as almas brasileiras,
se á tarde embala as palmeiras
o frutado sabiá,
ouvem, captivas de encanto,
do passarinho no canto
o cantor de Marabá.

Quem, pintando almos amores,
exhibiu mais lindas côres
do que exhibiu teu pincel ?
Tua musa, entre amarguras,
bebeu da crença doçuras
como a abelha bebe o mel.

Copiando a furia dos zelos,
formaste quadros tão bellos
que é-me inutil copiar,
porque ao céu, pintor e poeta,
levaste em tua palheta
tintas que não posso achar !

Penetrando no segredo
de uns olhos que inspiram mêdo,
n'um olhar que atheus reduz,
venceste mais do que Apelles
e do que Rubens, porque elles
não tinham pincel de luz !

Quando exprobras á innocencia
a graciosa resistencia
com que se afasta do amor,
cada verso teu retrata
branda teima da cascata
que deslisa em torno á flor.

Quando o ardor dos Indios gabas,
quando descreves as *tabas*
dos sectarios de *Tupân*;
quando exaltas os Timbiras ;
quando nas selvas te inspiras
como nas nuvens Ossian ;

quando a vigilia aziaga
narras do tremulo *piaga*
que evoca os seus *Manitós* ;
quando o bravo *Tabajara*
mostras na rapida *ygára*
frechando o peixe veloz ;

quando contas os receios,
de tanta paixão tão cheios,
no Indio que soffre a olhar,
porque a formosa tamoya,
despindo a rica *arasoya*,
se entrega ás ancias do mar ;

sem que uma nuga te escape,
quando lembras que o *tacape*,
brandido aos sons dos *borés*,
concita as triganças ledas
das *tapuyas* que arremedas
como os tão graves *pagés* ;

quando sublimas co'a penna
de *Y-juca-pyrama* a scena,
o amor severo de um pae ;
quando o agreste peito sondas
que da raiva susta as ondas
e em branda ternura cae ;

—grande ou plebeu, rico ou pobre—
quem ha que a ti se não dobre,
a ti que és o galardão,
entre os vates de mais fama,
de um povo que só te chama
o vate do coração ?

Poeta, que te afinaste
pelo Céu, quando cantaste
de longe os teus palmeiraes,
na terra em que achaste o berço
ninguem ouve um só teu verso
que não responda com ais !

III

Paciencia, Maranhão ! no teu Gonçalves Dias
foi-se um thesouro, e eu sei a estima em que o tiveste;
paciencia, se o meu canto as tuas alegrias
agora vem turvar, lembrando o que perdeste !

Em Franco, em Odorico, em Gomes, em Lisbôa
já muito que chorar terias; Deus quiz mais,
e dando ao teu soffrer de martyr a corôa,
chamou teu mór poeta aos gremios celestiaes.

Cantando inda melhor, mais ledo n'esses gremios,
Gonçalves Dias cinge a auréola dos justos !
Feliz quem póde assim livrar-se dos máus premios
do mundo que ao talento é leito de Procustus.

Para enxugar, porem, os copiosos prantos
pelo poeta-rei que ó terra inda recordas,
tens hoje, Maranhão, nas folhas dos seus *Cantos*
esse calor do céu que abraza d'alma as cordas.

Terra que foste enlevo á infancia do poeta !
terra que enlevo tanto em bardo tal bebias !
se alguem te desdenhar, do mal tocando á méta,
responde ufana:—Eu sou mãe de Gonçalves Dias.—

IV

Tumido mar que, a rebramir tão bravo,
só queres ter o genio por escravo
do teu lóbreo fundo ;
seio que repercutes o ribombo
do trovão, a impedir que outro Colombo
descubra um novo mundo ;

avido mar, que da procella és leito ;
que o teu dominio julgas inda estreito
e buscas mais dominio
nos rochedos que fendes, nas arêas
que ensopas, nas garbosas naus que prêas
com horrido exterminio ;

Cérulo mar; que ingrato aos versos gratos
do bardo que saudou-te, só maus tratos
lhe déste no naufragio,
antes que d'alma a luz lhe fosse ao berço
do corpo que escondeste, em ti submerso,
do popular suffragio;

Rábido mar que espedaçaste a lyra
que em ti, por tanta vez, sons desferira
a seduzir o vento,
quando o bardo, compondo as trovas bellas,
tinha por lettras os milhões de estrellas,
por livro o firmamento ;

Tumido mar, que o teu cantor mataste !
de alma tão grande o involucro deixaste
á mercê dos abutres !
Ruge, orgulhoso mar, que em toda parte
não tarda o fio electrico a burlar-te
a sanha em que te nutres !

N'esta offensa cruel, que de ti guardo,
sinto que não mereces mais que o bardo
te volva d'alma os olhos ;
se a quem te busca e mira infiges dôres,
fiquem só como um feudo aos teus rigores
os tacitos abrolhos.

V

Porem que importa o mar, que importam sanhas
que só victoria alcançam da materia,
se do cantor volvido á estancia etherea,
guarda o finito inspiraões tamanhas ?

No ciciar da aragem nas palmeiras,
do mesto sabiá nas melodias
quão relembrado és tu, Gonçalves Dias,
nobre estimulo ás glorias brasileiras !

Bem dita a natureza que, repleta
das graças com que Deus ornamentou-a,
conserva em seu regaço o sceptro e a c'rôa
de quem para a cantar nasceu poeta !

E quem, nascendo assim, tão livre corre
a buscar n'outra vida outro incentivo,
se ante os olhos do barro não é vivo,
perante os olhos da razão não morre.

Manduvirá, bordo do vapor, *Tamandaré*, Fevereiro de 1869.

VISITA À NECROPOLE

NO DIA DE FINADOS.

Memento homo, quia pulvis es
et in pulverem reverteris.

GENESIS.

Que vim aqui fazer? Que homens são estes
que hoje buscam dos mortos a morada?
Trazem luto nas almas qual nas vestes?
Na dôr aprendem que também são nada?

Que vim aqui fazer? Que estranhas scenas
descerram-se á minh'alma entristecida!
Um concerto de prantos e de penas,
da morte a placidez movendo á vida!

Que vim achar aqui? Despreso augusto
a orgulhos que debatem-se lá fóra !
olvido ao peccador, a paz ao justo,
e um sudario de marmore a quem chora !

Aqui o pae entre soluços beija
restos da prole amada ; alli se estampa
a angustia da viuva que deseja
recuperar o thalamo na campa.

Acolá pobre mãe, vetusta e debil,
vem contar pelas cans os seus martyrios !
alem o filho se maldiz, tão flebil,
e o goivo apara as lagrimas dos cirios !

Mas em tudo que triste me rodeia
na mansão dos finados—a vontade
representa o sentir unido á ideia
no santo desint'resse da saudade ?

Não ; muitos dos que vêm aqui prostrar-se,
c'rôas depondo, ás grades de um jazigo,
trazem d'alma o ridiculo disfarce
nas lagrimas que vertem pelo amigo !

Aqui tambem mascára os sentimentos
a pompa dos arminhos pretenciosos !
transgredem-se do Christo os mandamentos,
e até insultam Deus ais mentirosos !

Que faço, pois, aqui ? Porque suspiro
d'outrem aos ais ? Do meio destas lousas,
que de mim não carecem, me retiro,
porque, meu pae, entre ellas não repousas !

Só, quero ir ajuntar os meus gemidos
aos sopros d'aura vespertina e mansa
que me diga plangente aos meus ouvidos :
— „ Ajoelha e réza ! aqui teu pae descansa ! “—

Quero no cemiterio achar confortos
sem condolencias de almas mercenarias ;
sem o luto que ostenta-se ante os mortos
no luxo de grinaldas funerarias.

Quero por socia ter sómente a prece
que suba calma e pura aos pés do Infindo,
á meia-noite, á hora em que parece
que de cansada a terra está dormindo.

Quero, mudo e curvado, junto á lagem
que os adorados restos lá recobre,
chorar.... chorar—por unica homenagem
ao que soube morrer, qual nasceu, pobre.

E que é nobreza que braços precisa
para exigir da multidão respeitos ?
que em vida honras, sem jus, monopolisa,
e quer alem da morte impor direitos ?

Direitos de grandeza ! E que grandezas
distingue o vivo em carcomidos ossos,
se o verme não respeita as realezas,
se a terra sempre zomba dos colossos ?

Se entregou Deus a vida ás leis do acaso
para o mesmo desfecho, que loucura
menos valer o tumulo mais raso,
não morrerem braços na sepultura !

Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1868.

SAUDAÇÃO

A' memoria do benemerito Almirante

VISCONDE DE INHAUMA

Prantear é descrer pelos que morrem
Cessem pois nossos prantos e guardemos,
Para os vivos que soffrem, nossas lagrimas.
F. MONIZ BARRETTO.

Vergas em aspa! a meio páu bandeiras!
tambores sém rufar!
os canhões imitando as carpideiras!
Que luto pelo mar!

Que azar, marujos, lamentaes nas aguas,
que hoje tanto vos dóe?!
Queixas á morte, porque Deus as maguas
cessou do vosso heróe?!

As ondas estancae dos bronzeos rostos,
que é malcabida a dôr.
Não offendam o Céu vossos desgostos !
Despertae o tambor !

Amantilhae as vergas ! Fóra os lutos
dos tetricos canhões !
As bandeiras nos tópes ! Bem enxutos
os olhos, meus leões !

Como fazeis, se a tempestade amaina,
repondô mastaréus,
as vélas desferrando em lesta faina,
e sempre olhando aos céus ;

louvae á mão que abrange os infinitos
e vos ampara lá,
a eterna mão que vos tornou bemditos
nas furias de Humaitá !

Marinheiros invictos, o futuro
não vos dê que pensar !
não vos assuste o mar, se o palinuro
já vos não guia ao mar.

Elle vos recommenda á divindade
patrona dos heróes ;
elle véla por vós na Eternidade
que accende-vos pharóes.

Dissipae, dissipae, nautas bizzaros
vossas duvidas mil!
Agradecei ao Pae de Mariz Barros,
em nome do Brasil !

Erguei benções ao pae, que, na coragem,
do filho fez-se irmão !
Erguei benções do moço á aprendizagem
nos brios do ancião !

Se o pae soffreu e d'este mundo aggravos
nutriu, por ser bom pae,
culpa não tendes, generosos bravos ;
responda o Paraguay.

Responda a terra, em que tombou gigante
o filho tão leal,
e trouxe á alma do inclyto almirante
perpetuo temporal.

Perpetuo temporal que um riso, ás vezes,
pareceu extinguir,
quando a gloria, adejando entre os revezes,
fez o velho sorrir !

E sorriu aos horrisonos morteiros
do fero dictador !
e apontando Maurity aos Brasileiros
foi grande em seu louvor.

Era um bravo, se o genio da derrota
lhe pousasse ao timão,
ser-lhe-hia tumba o rio, esquife a frota,
sudario o pavilhão.

Aguias que não temeis procellas, raios,
se alterosas voaes ;
aguias que fostes sempre aos Paraguayos
espantalhos navaes ;

nunca deixeis que o zoilo vil consuma
tropheus que vos mostrou
a tão propicia estrella de Inhauma,
que á gloria vos levou !

Venerae os brazões do vero nobre
nas provas, que elle deu
de amor ás letras, de respeito ao pobre,
de confiança no céu.

Honrae a historia que entre palmas guarda
os virentes laureis
do bravo ennobrecido pela farda,
que não por europeis !

Continencia, meus bravos ! descobri-vos
ante a gloria immortal
de quem, por ser mais um dos redivivos,
dispensa um funeral.

Assumpção, Março de 1869.

AO PASSAMENTO

De

FAUSTINO NAVIER DE NOVAES

Musa do riso, que no crepe involta
os olhos vélas com saudosos prantos,
a lyra escuta, que aos teus ais não solta
flébiles cantos.

Flébiles cantos por quem vive isento
da vida escassa e para o genio diga
não mandes, crime fora o teu lamento ;
honra-me ó lyra.

Honra-me ó lyra, e o teu *hosanna* exprime
á Mão que as rosas afastar dos cardos
sabe, e, tão justa, deste mundo exime
inclytos bardos.

Inclytos bardos que a cerviz não sóem
curvar ante almas á verdade infensas ;
inclytos bardos que por Deus destróem
sórdidas crenças.

Sórdidas crenças, preconceitos rudes,
podeis agora reviver sem freios !
Falta o censor que vos oppoz virtudes,
idolos feios !

Idolos feios, novo Tolentino
vindo sondar do torpe orgulho a obra
riu-se de tudo, e disse o rir: — „ Faustino
Régulos dobra.“ —

Régulos dobra o teu mais fraco embate,
satyra inerme, que os mandões desarmas !
Conspiram elles, mas, perante o vate
faltam-lhes armas.

Faltam-lhes armas, porque a luz infinda
espanca os odios da materia bruta ;
no bardo em luta surge a morte linda...
finda-se a luta.

Finda-se a luta, e os inimigos tredos
da luz do genio e dos seus dons escriptos,
á luz de Deus, que lhes incute mêdos,
prostram-se attritos.

Prostram-se attritos ! Inda em crepe involta
os olhos velas com saudosos prantos ? !
Musa, esta lyra ao vencedor não solta
fêbiles cantos.

29 de Agosto de 1869.

HOMENAGEM

Sobre o tumulto do bravo Oriental

D. VENANCIO FLORES

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,
Foi-lhe róta bordão de peregrino
Essa espada leal!
Hoje é cruz. Do aço puro a cruz só resta;
Sentinella da campa, ao mundo attesta
Que o heróe era mortal!

MENDES LEAL.

Famoso caudilho das margens do Prata,
á tua memoria, tão grande e tão grata,
o brásilo bardo vem preitos render!
Acolhe-os; são filhos de impavida lyra
que aos vivos sem honra sarcasmos atira,
e applaude os valentes que sabem morrer.

De longe, bem longe, meu nobre guerreiro,
saudades, que expiram no sol brasileiro,
movêram meus passos, trouxeram-me aqui;
e agora, de joelhos na lousa querida
que guarda teus ossos, minh'alma, despida
de tantas saudades, concentra-se em ti.

E' que ha n'esta lousa, tão fria e tão muda,
que de impios olhares teus òssos escuda,
estimulo santo que impera em meu ser;
e em tua lembrança meu ser todo immerso,
detesta os que vivem de orgulho perverso,
e inveja os valentes que sabem morrer.

Depois dos horrores do barbaro exemplo (7)
foi justo que á lage sagrada do templo
viesses teus restos o povo entregar;
e assim uma tumba, por Deus tão olhada,
é alvo de sec'los, se isenta do nada,
e ás bençãos que inspira se torna um altar.

Anathema ao tredo, satanico ferro,
que o peito rasgou-te, brandido por Berro
que fez com teu sangue teu povo gemer!
anathema ás armas que offendem a gloria!
mil bençãos aos mortos que vivem na historia!
respeito aos valentes que sabem morrer!

Se n'este sacrario da prece dos crentes,
descansas, ó Flores, sorrindo aos viventes
que vem tantas vezes por mortos pedir,
espírito augusto, por Deus não me prives
de ver-te, bem sabes que sei que mais vives,
depois que o verdugo pensou te extinguir !

Não fujas o bardo, não fujas o amigo
que adora o sepulchro do heróe que ao perigo
jamais soube as costas no prelio volver !
Tão intimo gozo minha alma não perca;
meu estro se expanda na luz que te cerca;
luz propria dos homens que sabem morrer.

Eu venho d'aquellás incultas paragens
que—ás vidas de muitos tremendas voragens—
á gloria de tantos serviram de umbral ;
que louros brotaram no esplendido estadio
em que se emulava teu fulgido gladio
co'a lança estupenda do inclyto Herval.

Eu venho crestado do sol paraguayoy,
do sol que, ha tres annos, na pugna de Maio,
expoz-te a inimigos que foste vencer ;
eu venho do theatro de scenas horriveys,
do meio de bravos que, em luctas increveys,
pasmaste, e são bravos que sabem morrer.

Por essas planícies que lembram teu nome,
por essas victorias que o tempo não some,
do facho dos dias por esse calor,
espírito alado, se és perto, vem, pouosa
bem junto do bardo que oscila esta lousa
com tanta saudade, com tanto fervor!

Tu, que eras esteio da san liberdade,
tu que eras escravo da patria vontade,
se os braços pedia-te a patria a soffrer,
famoso caudilho das margens do Prata,
vem, mostra-te ao bardo que os livres acata,
se os livres são nobres que sabem morrer.

Ah! vejo-te!... esparzes tão vívidos lumes!...
é outro o ambiente!... respiro perfumes
do mundo em que ha vida sem luctas, sem ais!
Não tens mais as chagas da morte?! As não vejo!
Se as tens, dos meus labios confia, que as beijo...
Mas, foges?! Vae! Chamam-te ao Ceu teus eguaas.

Adeus, ó guerreiro que heróes rememoram;
as justas saudades da patria me imploram
que enxuguem-se os olhos que a patria vão ver!
Adeus! n'este leito, que é mais do que um throno,
da gloria não turbem-te o placido somno
maus vivos que olvidam quem sabe morrer.

Montevideu, 7 de Junho de 1869.

CONTINENCIA

Aos restos do bravo general

JOÃO MANOEL MENNA BARRETO

Y es el sepulcro el templo de su gloria.
MARMOL.

I

Quem vem lá?! Que sons tão lugubres
vibra a musica a chorar!
Quem vem lá?... Já vejo. um préstito
imponente em seu passar.
Pára... avança... se aproxima
do templo... a entrar o anima
o bronze que ao vivo intima,
quando os mortos cumpre honrar.

Perante o cortejo funebre
que vae da prece á mansão
curvam-se, humildes e tacitos,
o cavalleiro e o peão.

Fazem alas rico e pobre,
servo e amo, plebeu e nobre,
porque a Cruz todos descobre,
porque o préstito é christão.

Que vae n'elle?—Um roubo ao tumulto
que tudo ao *nada* reduz,
mas, que não deve em seus ambitos
ossos guardar que dão luz.
Passae, gratidão que louvo,
passae, reliquias de um povo
que, para a guerra tão novo,
já faz á gloria tal jus!

No modesto receptaculo,
que encerra despojos taes,
de um Menna Barreto os creditos
brilham-me como fanaes ;
mas, são phanaes que, entre louros,
do fumo de mil pellouros
surgem, mostrando aos vindouros
as victorias immortaes !

II

Quem dirá que n'este féretro,
—cadaver quasi esqueleto—
vae esse Menna Barreto
que tão denodado eu vi!
Que inercia no cavalleiro
que em seu corsel altaneiro
guiava, como um luzeiro,
leões do Pirebebuy!

E é elle! o mesmo imperterrito
que, ante os muros paraguayos,
na voz despedindo raios
contra o despotico ardor,
se offerecia á metralha,
brincando sobre a mortalha,
embebido na batalha,
qual nas nuvens o condor!

III

Quando de um bravo nos ossos
se concentra um povo assim,
amesquinham-se os colossos
que aos livres tentam dar fim.

Em taes venerandos restos
faz o morto altos protestos
que fazem tremer os máus ;
de taes restos nobres, puros,
formam-se immensos futuros,
sem que empreguem vis degraús.

Heróe de Tayi, na historia
ha de o teu nome fulgir
como o teu berço na gloria
de teus restos possuir ;
e quando a briosa gente,
que os teus brazões não desmente,
buscar-te nos ossos teus,
talvez que elles estremeçam,
sentindo os prantos que desçam
de olhos tão fitos nos céus !

Ah caros restos, lamento
que não possaes ante o altar
animar-vos um momento
e d'além-tumba fallar !
Então que estímulo divo
serieis para o heróe vivo !
no fallar do morto heróe
quanta excellencia vingada
contra a justiça humanada,
que as proprias glorias destróe !

Mas, não. Que digo?.. O impossivel
nos meus anhelos está. .
Contra a crença inexaurivel
turbada a razão não vá.
Que mais quereis, sobre a terra,
homens-aguias, que, p'ra guerra
voando, a morte buscaes?
que mais do que os restos vossos
attestarem os colossos
das victorias immortaes?

—Chegae á Sparta brasilia
restos ungidos da Cruz;
prestaes consolo á familia
que a possuir-vos tem jus!
Sois mais que europeis, sendo ossos,
sois de um cadaver destroços
que o verme já não corróe!
Continencia, heróe, soldado,
da patria a um grande legado
que vae nos restos do heróe!

Assumpção, 11 de Agosto de 1870.

O DESENGANO

Quando nos morre a esperança,
Tambem morre o coração.

A. DE MENDONÇA.

Era em tarde invernosa; era uma tarde
mais lugubre que os pios agoureiros
de mochos que a necropole circumdam.
Era uma tarde morna como o seio
de recente cadaver que os resquicios
contêm da febre em que sumiu-se a vida.

Que tarde aquella! E no entanto o facho
que ao pobre aclara a tortuosa senda
do oneroso trabalho; o facho eterno
inda as chammas de todo não sumira
sob as ondas do lôbrego oceano.

Era uma tarde aquella que presagios
sinistros só trazia a mentes calmas,
no espesso véu que ao firmamento dava
aspecto igual ao de soturnas cryptas ;
e quem os olhos punha em tal cortina
crêr bem podia que, interpondo-a, os anjos
fugiam de mirar a escassa terra.

Era uma tarde complice de crimes
e estímulo a terrificas blasphemias
—das aves no silencio e nos bramidos
do mar que, ha tantos seculos, não cansa
de raivoso rugir d'encontro as rochas.
E co'as vozes do mar—orchestra horrivel !—
os zunidores ventos se casavam,
arreatando o ninho a implumes aguias,
desflorando os vergeis, despindo as varzeas
e de asperos espinhos alastrando
silvestre alfombra a magos pés fadada.

Eu n'essa tarde errava pelos campos,
doido por me afastar quão mais pudesse
dos ostentosos gremios dos felizes
que, em máus prazeres, da miseria zombam.
E assim vagando a êsmo, torturado
por negros pensamentos, fui meus passos
sustar tristonho de um tugurio á porta.

Julguei-a habitação de forasteiros
essa choupana tão sumida e êrnia
na mudez da soidão ; porém, que pasmo
se apoderou de mim, quando lá dentro
um vulto lebriguei que estrebuchava
como em vascas da morte !... Approximei-me...
cada vez mais se debatia o corpo !

Examinando, um rosto achei marcado
pelos toques violentos do infortunio.
Bem moço pareceu-me, inda que rugas
a fronte lhe sulcassem ; mas um buço
—de varonis paixões annuncio apenas—
no labio despontava-lhe ! nos olhos
via-se a adolescencia transluzindo !

Fallei-lhe.... não fallou-me.... de joelhos
tomei-lhe as mãos.... queimavam mais que a cinza
propinqua da cratera do Vesuvio.
Não tardava a expirar, mas n'essa bôcca,
misturado co'as ancias da agonia,
sorriso beatifico pairava.
Não pude, só, mirar tão mesto quadro
e em vão corri.... gritei, pedindo auxilio
para essa alma opprimida no abandono.
Quando volvi, achei-me ante um cadaver,
que ia em breve servir de pasto aos corvos
n'aquelle eremiterio da desgraça.

Ajoelhei-me e orei.... mas quando, oppresso,
ia eu deixar esse recinto, um livro
deparou-se-me.... vi que fôra escripto
com lagrimas acerbadas, vi que o morto
só teve que legar dôres, lamentos
aos que por taes heranças não procuram.

Vós que viveis mais da alma que do corpo,
vós que sondaes o amor e amaes sem penas ;
longe de censurar amargas queixas
que assestou contra a vida um pobre amante,
compadecei-vos delle n'estes carmes
que vos offr'êço á placida leitura :

„—Que faço n'este mundo ? ! Que mais dores
reserva o mau destino a quem tão cedo
privado vê-se de illusões fagueiras ? !

E'-me a vida um deserto ! Almos prazeres
n'um velho eu concentrava e n'uma virgem.
Anhelos de poder, sonhos de gloria
ditoso o coração me inebriavam,
se eu via esses dous entes, se os ouvia.
O velho arrebatou-m'o a dira morte !
Dos meus affectos desdenhando, a virgem
leda entregou-se aos que desdenham d'ella !

Que faço, pois, n'um mundo em que os meus olhos
cegaram para as scenas da ventura,
depois que lacrimosos contemplaram
de idolos taes a subitanea perda,
no altar que só dous idolos erguêra
de funda crença aos incansaveis cultos ?
Pae da minh'alma e dos meus males socio
na doce condolencia em que me ouvias !
Irmão do filho teu na sorte aziaga,
porque comtigo á tumba não levaste
quem na vida, sem ti. morto é sem tumba ?!

Mulher, que julgo morta, inda que tenhas,
prompto sorrir para mendaces olhos,
doloso olhar p'ra quem no olhar não mente !
mulher que foste o unico incentivo
—para os homens soffrer—á flébil alma
que só nos teus encantos se esquecia
de maguas que um sepulchro alimentava !
mulher que amortalhaste inda em nascença
o meu primeiro amor! de carne estatua,
mais fria do que o marmor nos sarcasmos
com que apagaste o ardor de quem te amava
com singular extremo de ternura !
mulher, que assim me foste mais —verdugo—
do que—anjo humanizado-- ! se era pouco
ás tuas ambições todo esse affecto,
em que tornei-me o escravo dos teus passos,
a sombra tua, o cego para o mundo,

quando nos teus meus olhos concentrava
sem que um olhar me desses ! se amor tanto
não te bastava ao desmedido orgulho ;
porque de mim fizeste infantil brinco,
quando inda a tempo quiz furtar-me ao jogo
da fé que me perdeu ? porque assim foste
tão fera em tão seródio desengano ?

No desconforto meu, n'este vazio
em que tacito vivo evitar vivos,
em que mais que um asceta me elimino
dos entes que me acenam, que risonhos,
procuram consolar-me ; n'este empenho
em que só para a morte estendo os braços,
quando ella, ao ver-me, dos meus braços foge
para as vidas ceifar que fogem d'ella ;
n'este equivo da dor que me atormenta,
em que até de mim proprio me horroriso,
quando entro co'a razão no luto d'alma ;
que mais espera Deus, que não me isenta
d'este horrível soffrer em que só vejo
por mudo companheiro o desengano ?!
Ai desengano atroz ! que algido, immovel,
mais dizes, mais me agitas do que as vozes
das ruidosas cidades que lá fervem
n'um turbilhão de illicitos prazeres !

Desengano cruel, que vaes mirrando
um corpo, sem que o cedas á cubiça
dos vermes do sepulchro ! E's como o vento

que, em rajadas horrisonas lascando
de arvore nova os tão folhudos galhos,
deixa o tronco de pé, deixa imprestavel
o vegetal que enorme espaço abrange
co'as extensas raizes, sem que d'elle
possa propicia sombra haver a estrada
em que perpassam olhos que o não miram,
porque já não dá sombra. Oh desengano !

E's para os meus gemidos qual rochedo
que, impassivel no meio dos tormentos
do naufrago a lutar c'as ondas crespas,
no tetrico silencio bem responde
que ao lasso nadador baldado é sempre
pedir soccorro ao seio de um colosso
que em tanta inercia menos pode, ás vezes,
do que o infimo insecto. Desengano,
que por mau fado meu tão cedo entraste
nos dominios de um peito de gigante
em bem pagar o amor e amar o bello !

Oh ! do ciume a vibora, mordendo
tal peito, com seu dente envenenado,
não promovia as ulceras que afundas,
deséngano cruel, porque o ciume
ás dolorosas chagas attrahia
anodinos da esp'rança que, poisando
n'esta alma como um passaro em seu ninho,
com balsamo do çeu matava as dores.

Oh bemdito o ciume que entre maguas
nutria-me a dulcissima esperanza !
Maldito desengano, que não deixas
que more um tal ciume onde hoje habitas !
Que mais queres de mim, que os pés me grudas
quando de sonhos maus desperto e os olhos
volvo para as terrenas alegrias ;
quando a mulher avisto mais donosa
que me acena ou solicita me falla :
quando alguém, que não vê que preso vivo,
pede que eu me encaminhe ás grandes luctas
dos nobres pensamentos ; quando penso
que os que em ferreas prisões afflictos gemem
a castigos perpetuos condemnados,
têm mais d'onde esperar bens d'esta vida
do que eu que so da morte os bens aguardo ? !
Voragem de illusões, ai desengano,
emquanto a Deus se restitúe minh'alma,
restos de um coração reduz a nada !— “

Rio de Janeiro, Dezembro de 1868.

LIVRO III

LYRA

TU E EU

Tu és a fonte a deslizar-se lympada,
eu sou o arbusto a se myrrhar sem agua !
Tu és o espelho das manhãs pulcherrimas,
eu sou a noute em que se espelha a mágoa.

Tu és o lyrio que embellece os comoros,
eu sou o goivo que entristece as almas ;
eu só floreo onde ha saudade e lagrimas,
tu mais floris onde ha mais risos e palmas.

Eu sou o inverno que desnuda as arvores,
tu, primavera que as lisiras veste ;
tu dás mais vida ao peregrino alligero,
eu mais enluto o sepulchral cypreste !

Eu sou dos ermos voador noctívago,
tu és calhandra que aviventa os ermos :
eu vôo, sempre interrompendo jubilos,
tu revigoras com teu canto enfermos.

Eu sou do rio a correnteza sôfrega,
tu da caudal o procurado leito ;
tu és a calma a triumphar dos impetos,
eu corro e luto para me ver sujeito !

Tu és o alvo de olhos mil tão cúpidos,
eu sou o cégo que não quer mais vêl-os ;
tu és a rocha aos vagalhões incolume,
eu Prometheu a me finir de anhelos.

Tu és mais livre que o condor da America,
eu sou o escravo que as algemas beija ;
tu és ás brisas a plumagem morbida,
eu sou o labio que arrufar-te almeja.

Tu és a praia em que mil vagas quebram-se,
eu sou a onda que a teus pés se dobra :
tu és da gloria a mais certa bussola,
eu sou o nauta que, sem ti, sossobra.

Tu és a lua a despontar esplendida,
eu sempre sou aos raios teus penumbra ;
só de um olhar me reconheço automato,
tu és o olhar que os olhos meus deslumbra.

Tu és a rosa de mellifluo calice,
eu sou a abelha—de teu mel sequiosa ;
tu só me feres, se te afago as pétalas,
eu te não deixo, encantadora rosa.

Eu sou da lyra o renascido Tantaló,
tu és a musa caprichosa e linda ;
crente sou eu que só adora um idolo,
idolo és tu de adoração infinda.

Tu, que és a flôr, deixa-me ser teu zephiro ;
eu e tu, anjo, um só viver formemos !
tu és o aroma, eu sou o olfato—aspiro-te—
eu sou o amor, tu és a graça —amemos !

Bahia—1871.

COMO EU TE AMO!

Mulher, eu te amo como fujo o crime!
Por Deus! prendi-me em teu condão de fada!..
Te amo e te quero como á vida o enfermo,
se chega ao termo da tão curta estrada.

Eu te amo e sinto que este amor me basta,
que se não gasta um tão zelado bem;
eu te amo como não calcula o mundo,
que amor mais fundo jámais teve alguém.

Que te amo—crês—como os laureis o bravo
—da fama escravo— a dominar senhores?
como ao seu berço o prisioneiro heroico?
ou como o estoico as bem soffridas dôres?

Cuidas que te amo como á luz o cego?
como o socego a attribulada obreira?
como as soidões o inoffensivo asceta?
como o poeta á inspiração primeira?

Não; que este amor, em seus arroubos, medem
vãos que excedem horisontes d'aguia!
D'alma um Vesuvio em tanto amor se inflamma!
Contra esta chamma onde ha quem possa e apague-a?

Eu te amo como, pela idéa abranjo,
o amor de um anjo que ao infinito desce
para remir um seu irmão, seu gêmeo,
e dar nm premio á contricção da prece.

Como eu te amo! E como póde a terra,
—que o mal encerra em seu voluvel seio—
gozos turbar que são do ceu primicias,
findar delicias do infinito enleio?

Só pelo amor se immortalisa o homem,
por mais que assomem seducções do inferno!....
Mulher, se te ouço—Existe Deus—exclamo;
quanto mais te amo mais comprehendo o eterno.

E se mais te amo do que o genio á gloria,
onde ha memoria de outro amor mais fundo?
Eu te amo como foi por Christo amado,
o perdão dado á ingratição do mundo.

Perdôa, o Christo, á exaltação de um verme,
pois sinto arder-me o coração na luz
com que espancaste do peccado as sombras,
com que me assombras na adorada cruz ?

Filha dos Ceus, por me forrar do crime
foi que preñdi-me em teu condão de fada !
Dest'alma a fé, que em tanto amor se inspira,
porque te aspira desconhece o nada !

Bahia, 28 de Maio de 1871.

A CAPTIVA DE UM SEIO

Como és feliz, com a prisão te invejo,
tão vigiada e placida captiva !
Mais te guarda o pudor, se o meu desejo
na ancia de libertar-te mais se aviva !

E assim captiva, anhelos instigando
rosa louçan, me inspiras tanto apreço,
que eu, para bem caber n'um seio brando,
a Deus que me transforme em flôr já peço.

Outros visam riquezas infinitas,
a fama universal, posthumos louros ;
e eu só quizera estar onde ora habitas
preso entre dous magneticos thesouros.

Em que adoravel carcere, em que asseio
vives, refem do amor, presa ditosa !
Livre eras no vergel, porém n'um seio
prêndendo os olhos meus, inda és mais rosa !

Bemdize a mão que te soltou do galho
só para confundir os teus odôres
co'as fragancias de um collo e n'elle orvalho
dar-te melhor do que o que o nutre as flôres.

Que vale o róscio ante o suor que bebes
no regaço da virgem fresco e puro ?
Que nutrição divina a que recebes
do encerro a que roubar-te em vão procuro !

Mas, rosa, que não vês que á demazia
de alimento e calor succede a morte,
não morras n'esse collo de ambrosia,
sem repartir comigo os bens da sorte.

Consente, ó flôr, que n'alma se me entranhe
a seiva que ora absorves excessiva ;
ou de grata minha alma te acompanhe
na gostosa prisão, feliz captiva !

Em ti os labios meus achem fragancias
da linda virgem—meu amor primeiro ; —
em ti o casto amor compense as ancias
de quem te inveja o doce captiveiro.

Mas que! Recusas e buscando a morte,
mais avida te mostras do almo seio!
Não repartes comigo os bens da sorte!
Feliz captiva, tens de mim receio?!

Ai coração, receba-te o sepulchro,
que a captiva de um seio não persuades;
Quem vive presa em carcere tão pulchro,
foge e desdenha as amplas liberdades.

FADA

(A * *)

Que olhar de fogo que a paixão instiga !
Que niveo collo prommettendo o céu !

CASIMIRO D'ABREU.

Oh florea fada ! em teu regaço pródigo
se a minha fronte se pender... bem vês,
a vida é sonho.., ó meiga fada, acolhe-m'a,
eu sei de certo que te caio aos pés !

THOMAZ RIBEIRO.

I

Não sei d'onde vens. Quem sabe
a origem do sol que offusca ?
Sei que est'alma bem te busca
por mundos em que mal cabe.

Não sei se és anjo ou mulher . . .
Quanto mais ardo em teus lumes,
sei que adorada resumes
a natureza em teu ser.

Olhas-me. os astros se somem !
Sorris-me . . . a rosa emmurchece !
Fallas-me. a terra emmudece,
julgo ser mais do que um homem !

Foges-me. empós de ti corro,
doudo cego sem amparo ;
no vacuo em que me deparo
só vivo a pensar que morro !

Volves. e n'essa alegria
com que a mim volves tão franca
és como a aurora que espanca
a noite lugubre e fria.

Se um teu sorriso me calma
os zelos a que me levas,
teu sorriso entra-me n'alma
como o sol entra nas trevas.

Se cantas, absorto cuido
que Deus manda os céus abrir-me ;
que vou da terra sumir-me,
arreatado em teu fluido.

Como desfaz-se a tormenta
aos brilhos do plenilunio,
assim me fuge o infortunio,
graças á voz que me alenta!

E embebido no transporte
dessa voz que aos céus convida,
não sei se basta-me a vida,
ou se me isento da morte.

Mas comprehendo que nas dôres
mais fundas e mais ignotas
devem cahir essas notas,
como o orvalho cae nas flôres.

II

Ave dos céus, o teu cantar não cesses
e nem te apresses a volver-te ao ninho!
Mas, se este mundo te negar pousada,
tira-me ao nada em que sem fé caminho!

Sem mim não vás! com tuas alvas pennas
varre-me d'alma o doloroso pó!
Sem ti, se ás maguas meu viver condemnas,
p'ra Deus me perco, ao me encontrar tão só.

Mas, não ; tu vens edénisar-me a vida,
nuncia querida, e já p'ra o céu não tornas . . .
Da eterna calma que antegosto embebes !
da luz que bebes que prazer me entornas !

E' Deus que ordena que na terra pare
o doce vôo em que ao finito vens ;
do antro da culpa em teu fulgor se aclare,
do mal nos seios entronisa bens !

Perpassa em todos que ao soffrer se abatem.
teus dons reatem da esperança o laço
nos fracos peitos que de angustia estalam,
que em vão se ralam n'este mundo escasso !

Mortalhas rompa e desemsombre rostos
teu mago influxo que aos mortaes se induz ;
refunde a crença em pervertidos gostos,
rosa que exhalas borbotões de luz !

Povôa, inflora os mais soturnos êrmos ;
d'alma aos enfermos restitue, ó fada,
gratos enlevos que a illusão concentra,
se cuida que entra na eternal morada.

Convença Hamletos teu condão que encerra
a inerme graça que desarma o atheu ;
mas, não te esqueças que entre o céu e a terra,
depois de Deus, quem mais te quer sou eu !

Eu que me entrego á tentação de amar-te
em toda a parte e sem fugir desgostos ;
que burlo o espaço, a solidão, a sorte,
o mundo e a morte ao meu desejo oppostos !

Sol da minh'alma nunca mais te escondas
de quem te segue, celestial pharol !
da vida as scenas são crueis, hediondas
á vista acceza em teus fulgores, sol !

III

Desde que entrei n'esta vida
parece que bem plantados
já vinham dentro em meu peito
os germens abençoados
d'este amor que tem defeito
para imméritos juizes ;
mas, que nas fundas raizes
bem se mostra amor perfeito.

Fada ou mulher, tu bem sabes
o imperio que tens em mim ;
nos outros peitos não cabes,
por mais que occupal-os tentes !

E' bem raro um peito assim
como este meu que, abrazado
pela chamma dos ciumes,
póde inda ser penetrado
pelos despoticos lumes
d'essas meninas ardentes,
que lá dentro dos teus olhos
sempre á ventura me tentam
para cegar-me entre abrolhos !

Se vens de cabellos soltos
sobre os finissimos hombros
captivar-me em puro enleio ;
os meus desejos revoltos
perder-se vão no teu seio !
E n'esse ninho de graças
em que decifrar procuro
n'um segredo angelical
thesouros do meu futuro,
não sei se é contra o meu mal
ou por gozo a um máu desdem,
que em teu seio tens seguro
meu amor, todo o meu bem !

Seja ou bem ou mal, eu te amo,
porque és a musa divina
que de perto me fascina,
que do ardor com que me inflammo
chega a tornar-me uma estatua !

e quando longe retráto-a
pelo amor que me illumina
a exaltada phantasia,
mal que a imagem se me estampa
na mente que se extasia,
até me esqueço da campa
que me espera, muda e fria!

Quando me estendes a palma
d'essa mão nitida e breve
que supera a rosa e a neve;
mão em que buscam depor
meus labios —mudos e ardentes—
n'um beijo a essencia do amor:
eu não sei porque minh'alma
não se liberta de mêdos
para enrolar-se em teus dêdos
e aquecer-se em teu calor!

Quando no baile franquêas,
nos rodopios da walsa,
ás vistas da gente falsa
esse travêso pésinho,
tão subtil e tão medroso
d'alfombra, tão luminoso
qual ponta d'aza de um anjo,
oh quanto a sós me confrânjo,
quanto requeimam-me os zelos,
por ver teu pésinho, ó fada,
alvo de impuros anhelos,
prenda por tantos olhada!

Alegra, doira, aviventa
co'as tuas azas o mundo;
de alheias dôres o fundo
sonda, e terna as acalenta;
ebria de luzes, converte
por tão casta embriaguez
do bello á sagrada chamma
as almas em que não crês!...
Mas, fada, sempre derrama
dos meus olhos na avidez
essas fragrancias que aspira
quem, dês que pensa, te adora,
quem por ti fez-se uma lyra,
e soffre quando o não vês!

Tira-me, ó fada, aos escolhos
da escravidão que me impuz!
tu és a luz dos meus olhos,
e eu já não vivo sem luz!
Se abandonar-me não queres
da morte involto no véu,
e se foges aos prazeres
da terra que abriga o atheu,
seja o Céu onde viveres,
vivamos juntos no Ceu!

TEU SORRISO

Rosa em botão se abrindo
do zephiro ao bafejo
és tu, se ao meu desejo
tu'alma expões sorrindo.

No Ceu em gozo infindo
os anjos não invejo,
se em teu sorriso vejo
o Ceu se resumindo.

Que magico incentivo!
Ao meu olhar captivo
tua bocca é o paraizo.

E eu sei que a gloria existe,
porque ella, ao ver-me triste,
sorrio-me em teu sorriso.

UM SUSPIRO

(A * *)

Je veux, quand je perdrai le jour,
Que mon dernier soupir soit un soupir d'amour.

BACON.

Quando saudades me imprime
o toque da *Ave Maria*,
todo meu ser se annuvia,
gemo, estremeço, deliro ;
mas, das maguas me redime
um suspiro.

Um súspiro que da terra
vôa aos anjos como prece,
e quando a esperança desce
a povoar-me o retiro,
o meu passado se encerra
n'um suspiro.

Val muito mais que a palavra
enlevo em que tanto abranjo,
conductor que busca um anjo,
sem que o perca o terreo giro ;
—filho do ardôr que em mim lavra—
um suspiro.

Quando c'a brisa casado
um suspiro assim me deixa,
de minh'alma não sae queixa ;
que um tal suspiro prefiro
a ver na dôr embargado
um suspiro.

A mocidade é das flôres
e as flôres são dos carinhos ;
mas, quanta vez dos caminhos
de mil flôres me retiro,
porque negam-me os amores
um suspiro !

Se ha morte em suspiros, quero
suspirar morrendo ledô ;
mas tanto anhelô faz medo
á morte a que em vão me atiro !
E ainda assim salvar-me espero
n'um suspiro.

Perfuma as azas da aragem
um suspiro que ella exhala,
e ao pensamento me falla,
e logo carmes desfiro
sentindo os Ceus na passagem
de um suspiro.

Mas, suspiro que assim passa
jamais chega a pertencer-me,
pois que ao cego, mudo e inerme
para o amor, o amor é diro!
Quanto me humilha a desgraça
n'um suspiro!

O impalpavel, o invisivel
me agrilhôa, me fascina!
—um suspiro—me domina
como á creança o vampiro!
té se me avulta o impossivel
n'um suspiro!

Ricos de gloria, é tão bella
a senda vossa! trilhae-a!
Se buscais luz que me attraia,
não busqueis, que só aspiro
unir a um suspiro d'ella
um suspiro.

Um homem por nações morre,
morrem nações por um homem :
quantos por pouco se somem !
mas perdas taes não admiro,
porque a perder-me concorre
um suspiro !

Um suspiro entregue aos ares,
sem dono talvez.... Quem sabe ?
Não, tanto zelo se acabe,
contra a duvida conspiro :
meu será, dentre milhares,
um suspiro.

Já não sou triste, sou forte ;
já contra os fracos protesto ;
meus fitos de hontem detesto ;
mudei de pensar. . respiro !
já não quero achar a morte
n'um suspiro.

Quero dizer-te, ante a lua
della esquecido em teu rosto :
„ — Meu anjo, foi-se o desgosto,
o Ceu nos teus olhos miro ;
quero unir minh'alma á tua
n'um suspiro. — “

Vem a gloria reabrir-me
nesses teus labios de maga ;
vem dar-me um sorriso em paga
das ancias com que te aspiro ;
vem todo o passado ouvir-me
n'um suspiro !

De amor ao cego que veio
lá de tão longe buscar-te,
quando elle as dôres narrar-te
que passou nesse retiro,
por premio exhale o teu seio
um suspiro.

Vae suspiro, amor te manda,
mensageiro da saudade !
Dize a essa esquiva beldade
que se ella não volve, expiro
deste ardor que os Ceus demanda
n'um suspiro !

Quem não suspira mal vive ;
se não suspira, rebenta
o coração que se alenta
da constancia em que me inspiro ;
quanto morto amor revive
n'um suspiro !

De um virgineo, casto enleio
se um suspiro se desprende,
do pudor que após se accende
quantas verdades infiro!
quão lindo trae-se o receio
n'um suspiro!

Medir tentando o infinito,
de si mesmo o atheu duvida;
mas, quando esvae-se-lhe a vida
cansada em tão doido gyro,
restitue-se a Deus constricto,
n'um suspiro!

E eu que ardo tanto em desejos
da celeste recompensa,
eu que requinto na crença
quanto mais teus dons admiro,
eu que disfarço mil beijos
n'um suspiro;

porque hei de morrer querida,
sem ter da ventura a palma?
Não; rindo á morte, em minh'alma
esta fé com que te aspiro
fará jus á eterna vida
n'um suspiro.

SONETO

E no teu seio ser feliz morrendo.

ALVARES DE AZEVEDO.

Das grandezas do mundo os bens não viso,
que em tão precarios bens o olhar não ponho ;
no poder que deslumbra os mais não sonho,
ganho não traz-me o alheio prejuizo.

Do Cresco contra o Job não me utiliso,
da fortuna aos caprichos não me imponho,
do louvor que se abaixa me envergonho,
do vicio que se alteia me horroriso.

Do orgulho no prazer não me recreio,
á gloria que faz victimas não pendo,
e nos brazões sem merito não creio.

Um só desejo nutro em que me accendo :
Quero matal-o em beijos no teu seio,
e no teu seio ser feliz morrendo.

SEU ANDAR

Sem azas a voar um pé de fada.

J. BONIFACIO.

Seu andar tem um segredo
que governa o meu olhar ;
das tentações tenho medo
que origina o seu andar.
Que *donaire* ! quão ligeira
anda, por mais que eu só queira
surprender-lhe o pé subtil !
anda tão leve e tão lesta
como a gazella na aresta
de perigoso alcantil !

Não tendo andar de rainha
nem procurando oblações,
onde quer que ella caminha
arrasta mil adhesões.

Aquelle corpo tão fragil
no airoso andar é tão agil
como a gaivota a voar ;
o seu andar é aereo,
no seu andar ha mysterio
que só Deus póde explicar.

Ella não pisa, resvala
onde entra, por d'onde sae ;
deveras me assusta e abala
Se as vezes finge que cae ;
mas, nivea pomba imitando
que em selva ignota pousando
de chofre ergue o vôo além,
ella, se os passos estuga,
retem-me a adorara fuga
em que me foge o meu bem.

Seu andar é mais suave,
de paz é nuncio melhor
que um giro placido de ave
de manso lago ao redor ;
seu andar é como a brisa
que tão branda se deslisa
na verde alfombra da chan ;
seu andar lembra-me o cysne
que, abrindo as azas sem tisne,
ondúla em fonte louçan.

Como o roscio á flôr traz viço
assim traz nos passos luz
o saltitante feitiço
que a seus pés minh'alma induz.
Elle é sylpho ; o seu pesinho,
como o fugaz passarinho,
burla assaltos de leões ;
pisa ambulantes vaidades,
pisa todas as vontades,
quando perlustra os salões.

E' mais rapida que a abelha
ella entre as flôres a andar,
e ao beija-flôr se assemelha
que beija a flôr sem pousar ;
mas a obreira da colmêa
e o colibri que voltêa
tem azas ; e ella ? {nem pés
e se os tem são tão mimosos
tão pequenos e medrosos
do chão, quanto eu de um revez !

Ella é a nova Atalante
que governa o meu olhar ;
quem, por vél-a, fica amante,
fica escravo ao vél-a andar.

Nem a deidade das caças
do talhe ostentando as graças
com tantas graças andou ;
nem tão magica a presteza
era da paphia belleza
que das ondas se formou !

Nem a fagueira andaluza,
quando tenta seduzir,
tem andar que mais seduza
com mais garbo e sem fingir ;
nem ha pé que mais travesso
mostre ligar menos preço
aos olhos que olham em vão,
porque nil zelos excita,
porque as almas pisa e agita,
sem nunca pisar o chão !

Como á luz de estiva lua,
toda entregue aos beijos do ar,
surge a rapida falua
da côr da espuma do mar,
assim, nesse andar tão lindo,
se ella vem a mim, sorrindo,
parece que do céu vem ;
mas, se os seus passos estuga,
retem-me a adorar a fuga
em que me foge o meu bem.

ELLA

Ella é meu sonho dia e noite lindo ;
idolo infindo é d'este amor só *ella* ;
d'ella é minh'ama que a seguir-lhe os passos
só *d'ella* em braços vida e gloria anhela.

Vejo-a na flôr que *d'ella* tem odôres,
inda que ás flôres *ella* inspire invejas ;
sinto-a, sem vêl-a, e *d'ella* se me acerco,
razão, te perco, e *d'ella* aos pés doudejas.

Mais ouço os labios que mais fallam *d'ella* ;
se atra procella sobre o mundo chove,
quando o sol rompe e traz ao mar bonanças,
lembra as mudanças que *ella* em mim promove.

Qual primavera que em myrrado galho,
infunde orvalho e fructos põe viçosos,
assim um riso que *ella* dá-me ás vezes,
os meus revezes me converte em gozos.

Bem como a lua que da terra—~~avara~~—
penetra e aclara a mais soturna gruta,
assim o olhar que *ella* me atira a mêdo
rasga o segredo que a minha alma enluta.

Quando sacodes, nuncia d'alva, as azas,
e os trilos casas co'a travessa briza,
que val teu canto, si *ella* acorda, canta,
povôa, e encanta as solidões que piza ?

Quando *ella* dorme, todo olhar presume
que um rir de nume lhe acalenta o somno!
Perante o leito em que *ella* fuge aos vivos,
reis, descubri-vos e adorai um throno !

Que valem c'rôas p'ra quem ama aquella,
reis, tão singela com que Deus dotou-a ?
De vós aquelle que mais louros conte
beije-lhe a fronte e lhe respeite a c'rôa !

Ella me adita, quando quer a sina,
ella illumina sem querer, minh'alma ;
se vêm, é sol que em seu fulgor me envolve,
se vae-se, volve a escuridão sem calma

Se durmo, acceso o pensamento véla,
se acordo, é *d'ella* o pensamento amante,
que vendo-a, folga em paraizo aberto
e acha um deserto, se *ella* está distante !

Não sei por *ella* o que é ser *hontem* e *hoje* ;
se *ella* me foge, allucinado pecco ;
tudo m'a lembra e quando exclamo :—E' bella!—
responde-me :—*Ella!*—o enamorado echo !

Ella é das graças divinal conjuncto ;
de anjos transumpto inda ha melhor ?—Não creio.
Para que eu sempre afortunado viva
só *ella*—a diva—tem o honesto meio.

Ella só ? Não. Deus me perdôa a culpa,
que tem desculpa o meu amor tão cego!
Se *ella* é meu norte—a humanisada estrella—
se aos lumes *d'ella* a vida minha entrego,

é que *ella* prova a tua força immensa !
E pois se a crença é pelo amor tão firme,
Deus não consintas que essa estrella maga
possa, aziaga a tanto amor, fugir-me !

PRECE

Deus, ella soffre, abranda-lhe
as ancias do soffrer,
é timida, é mulher,
é flôr que a um sopro finda!
Não lhe emmurcheça as petalas
o mórbido temor ;
ampara, Deus, a flor,
a humana flôr tão linda!

E' ella que em seus jubilos
os miseros contenta ;
é ella que alimenta
de graças meu viver ;
é ella que hoje tacita
os rogos meus inspira ;
Deus, se ella em breve expira,
eu quero antes morrer.

Vêl-a a cerrar as palpebras
d'esta existencia á luz !....
Meu Deus, por tua Cruz
não deixes que eu tal veja !
Se p'ra que a morte poupe-a
força é que morra alguém,
da morte o bom refem
a vida minha seja.

Alija-lhe os martyrios
do seio que é tão debil ;
os ais da virgem flebil
sempre ha de ouvir o Céu,
Deus, que a penar no Golgotha
tocaste n'um suspiro
o sol que no seu giro
em trevas se envolveu !

Pela attricção tão intima
com que te adoro aqui !
pela harpa de David
que só por ti vibrava !
pelas sanguineas lagrimas
que a Virgem desprendeu
na terra que tremeu
dos crimes, cega e escrava !

Pelo concerto altisono
que fazem mil psalteiros,
louvando os teus mysterios,
amando o teu poder!
Deus, pára o suor morbido
que a fronte d'ella aljofra ;
por menos que ella soffra,
põe tantos a soffrer !

Bem sei que nunca ás supplicas
dos tristes surdo estás,
bem sei que allivio dás
aos crentes que te exoram ;
mas, vendo a dôr do proximo
turbou-se-me a razão ;
perdão, meu Deus, perdão
aos olhos meus que choram !

Bahia—1872.

SONETO

Une nos labios teus minh'alma á tua.

ALVARES D'AZEVEDO.

Se queres ver o amor que atheus domina
e os corações mais placidos altera ;
que é para as almas como a primavera
é para as tenras flôres da campina ;

se queres ver o amor que o sabio ensina
e os despoticos impetos modera,
que as abatidas mentes retempera
e os tenebrosos craneos illumina ;

se queres ver o amor que honra o desejo,
que para a eternidade se insinúa,
que aos anjos falla e santifica o pejo ;

se queres ver o amor que tanto actúa,
do mundo separando-me n'um beijo,
une nos labios teus minh'alma á tua !

VALSANDO

Oh paga-me... paga-me os longos martyrios,
os agros delirios
que agitam minh'alma, se és longe, mulher!
oh deixa em teu seio minh'alma captiva!....
não pares, ó diva,
não sustes a valsa que eu posso morrer!

As musicas tentam.... nas luzes te embebes....
das brisas recebes
os beijos dos anjos que esperam por ti!
Valsemos.... valsemos.... teu seio de neve,
tão puro, tão breve,
se aqueça na chamma que eu cego accendi.

Fujamos o mundo, que o mundo precario,
tão sórdido e vario,
desdenha os enleios de santa paixão!
Se escravo perpetuo consentes que eu seja,
dos livres a inveja
verá outro Éden na minha prisão,

Zombando de olhares ardentes de auhelos !....
aperta-me os élos
que sinto em teus braços, que prendem aos Céos!
Quaes vasos que impregna o aroma dos jambos,
perfume-nos ambos
o odôr dos teus labios ao toque dos meus.

Por Deus! não contava que um premio tão justo
me déesses, sem custo,
depois de esquivanças que tanto amarguei!
Lá foi-se o passado nas azas do olvido!
Se fui perseguido
de estorvos, de acintes, d'escarneos... não sei.

Só sei que vincula-me o Ceu nos teus braços;
só sei que outros laços
não ha, cá na terra, que prendam assim;
só sei que em meu peito reclinas teu rosto,
que o fazes por gosto,
em paga do mando que exerces em mim.

Oh! morre, enlêvado por tantas delicias,
quem pelas caricias
de um anjo, até hoje, tormentos passou!
Acaso és a mesma por quem eu suspiro?!
Eu valso ou deliro?!
Se ainda és a mesma, bem outro já sou.

Que noite!.... Bem hajas, amor, que nas voltas
das valsas me sóltas
as azas que o mundo tolhia-me algoz!
Dulcissimo fogo que a mente me abraças;
não queimes as azas
que alteiam minh'alma na valsa veloz!

Se é rapido o gozo que rapido roda,
minh'alma vá toda
n'esta ancia de gozo que anceia morrer....
Que tem que no giro da valsa, minh'alma,
te percas, se a palma
de amor, que almejavas, não se ha de perder?

Ao peso tão doce que eu levo comigo
— não preço que ligo
quem ha que me eguale na terra? Ninguem.
Valsando eu sou aguia ciosa do ninho,
que embarga o caminho
a abutres que tentam roubar-lhe o seu bem!

O' valsa, eu bem sinto que ao Ceu me conduzes!....
expandem-me as luzes!...
nas flôres, na musica embebe-se o ar!
Que arroubos infunde-me, ó valsa, teu fluido!
que santo descuido
dous peitos confunde no mesmo offegar!

As plantas da sylphide amada não mostres,
ó valsa, não prostres
de gozo um sedento, de amor um titan !
Bem antes que eu morra n'um collo tão brando
só quero, valsando,
ver morta esta noite no alvor da manhan !

Mas que?! Desfalleces, ó virgem?! Que anceios!...
Em teus niveos seios
qual roscio no jaspe gotteja o suor,
e ao collo de neve, que enlévos me accende,
tão pallido pende
teu rosto em que ardia tão rubro o pudor!....

Reabre esses olhos que animam, tão bellos,
um mundo de anhelos
na mente do bardo que os sabe entender !
Oh ! deixa em teu seio minh'alma captiva,
não pares, ó diva,
não sustes a valsa, que eu posso morrer !

Agosto—1869..

EXTASIS

Ton doux chant me rappelle
Les plus beaux de mes jours.
Chantez, ma belle;
Chantez, toujours!

VICTOR HUGO.

Que notas
desprende
ten canto
que accende
mil chammas
de amor!
Que arroubos
motiva.
tão doce
magia
que aviva,
captiva
desejos
sem dôr!

Que escravos
que aditas !
que *bravos*
que excitas
aos entes
descrentes
da vida
que finda,
feitura
tão linda,
tão presa
dos Ceus!
Que trinos
suaves,
que as aves
seduzem,
e o impio
reduzem,
e calam
atheus!

Se ha graças
que prendam
vontades
mais fortes ;
que accendam
transportes
sem ancias,
sem dores ;*

que sejam
melhores
que insontes
frangancias
de um riso
indeciso
de virgem
paixão ;
são estes
alentos
que infunde
teu canto ;
celestes
momentos
aos vivos
captivos
de magoas
incríveis,
de fragoas
terríveis,
nascidas
sem causa,
sofridas
em vão !

Oh canta,
mitiga
tristezas
tão fundas !

Amiga
dos risos,
liberta
da dor
as -almas
que, ouvindo
teu canto
bemvindo,
coberto
de palmas,
superam
seus trances
e esperam
que as lances
p'ra sempre
no encanto
das calmas
do amor!

Corina,
que mudas
a sina
dos tristes!
não creio
que illudas,
com phrazes
mendazes,
o bardo
tão cego,

tão cheio
de ti!
Segredos
não guardo
no enleio
suave
que nutres
aqui!
Abutres
dos zelos,
mordei-vos,
fugi!
Anhelos
tão bellos,
prendei-vos,
sorri!

Que gratas
mudanças!
que esp'ranças
de chofre
crescidas
em mim!
Que amante
não soffre
de amores
provanças,
nos êrmos
do olvido,

p'ra ver-se
remido
de tantos
rigores,
por cantos
assim ?!

Mas, pára
teu canto,
donzella
tão bella ?!
Avara
te fazes
das notas
ignotas,
que animam,
sublimam,
as phrazes
do amor ?!
Não cales
taes dotes ;
minh'alma
tão calma
não votes
á dôr !

Não cedes ?
Não cantas ?

Não vedes
prazeres
de ouvidos
que encantas!
Não queres
a palma
d'est'alma
sem par?
Por vel-a
sem arma,
só feres
a pobre,
só buscas
roubar-m'a,
fugindo
de amar?!

Teus labios
abrindo,
quaes rosas
mimosas
aos beijos
da luz,
reata
teu canto
tão santo,
tão lindo,
que mata
—de amores—

altivos
gigantes,
e os entes
que o pedem
—captivos
amantes—
ao éden
conduz!

Setembro de 1871.

UM BEIJO

Se os beijos têm veneno
se ha beijos homicidas,
quizera ter cem vidas
e vezes cem morrer.

THOMAZ RIBEIRO.

Nos agros trances da vida
que vale um beijo? que vale?
Quem já foi beijado falle;
quem não beijou não decida
contra os effeitos de um beijo
que não se nega ao desejo.

Uns dizem que o beijo é fogo,
e no fogo não se queimam;
que não tem gosto—outros teimam—
um beijo dado sem rôgo;
mas, são os máos julgadores
incansaveis beija-flôres.

Quando o amor n'um peito lavra,
um beijo a tempo bem dado
previne muito peccado,
invalidando a palavra;
e o segundo de um tal beijo
mata um sec'lo de desejo.

Meus geometras, meus sabios,
respondei pela sciencia:
Onde ha mais doce tangencia
que dois labios em dois labios?
Pois figura tão buscada
produz um beijo e mais nada.

Naturalista sublime,
que aprendes tanto na flôr,
se julgas sempre um favor
quando o orvalho se lhe imprime,
mal não julgues quem se ufana
de um beijo na flôr humana.

Guerreiro que nas pelejas,
pela gloria fentras beijado,
oh não fiques indignado
côntra um beijo, inda que o vejas;
de amantes contra a fraquesa
de um beijo não faças presa.

Nautas, que do mar sanhudo
zombaes em longas viagens,
e gostaes das homenagens
que rende o mar quasi mudo,
quando, em presença da lua,
beija ancioso a praia nua;

se amaes o que é bello, ó nautas,
da terra amando o socego,
não censureis amor—cego
ladrão de bôcas incautas—
que em horas de noites calmas
prende n'um beijo duas almas.

N'um galho as aves se beijam ;
beijam-se as feras nas grutas ;
o solo em gratas'permutas
beijam plantas que vicejam ;
dos bosques densos a fronde
beija o sol, quando se esconde ;

beijam o rio as estrellas ;
beija o rio as verdes relvas ;
os seios das invias selvas
beija o genio das procellas ;
beijam-se as aguias na serra,
as nuvens beijam a terra.

Se até no fundo das aguas
beijam-se os vermes, não vejo
que exista fôgo n'um beijo,
que um beijo suscite maguas!
Na mulher, obra sublime
de Deus, dar-se um beijo é crime?

Crimes faz quem beijos nega,
por hypocrita disfarce,
ou quem foge de apossar-se
de um beijo que se lhe entrega.
Padres, se um beijo traz damno,
deixae-me morrer no engano.

Na virgem que, olhando calma,
nos afugenta d'escolhos,
quando a alma sobe-lhe aos olhos,
quando Deus entra-lhe n'alma,
quem logra um beijo pousar
sentę que beija um altar.

Medicina, que impotente
és tanta vez contra o tédio,
n'um beijo tens o remedio
para curar de repente;
um beijo prostra os atletas,
um beijo refaz poetas.

Qual o mais forte dos elos
que, invisível, agrilhôa?
Um beijo—nota que sôa
vibrada por dois anhelos;
ante-gosto dos consorcios
que, muita vez, traz divorcios.

Move guerras, sendo imbelle,
não é bôca, porém falla,
um beijo que a furto estala
em labios que fogem d'elle;
e os labios, ardendo em pejo,
desafiam novo beijo.

Tyrannos do sentimento,
que haveis tão largos dominios,
longe os velhos raciocinios
contra o filho de um momento,
de um beijo contra a delicia
que só tachaes de malicia!

Meus platonicos amantes,
deixae theorias loucas
para em angelicas bôcas
fruir nectareos instantes.
Prolongae, Faustos, as vidas
nos labios das Margaridas!

Um beijo nunca é demais ;
desarma horrendos ciumes ;
a essencia de mil perfumes,
que trescalam mil rosaes,
vem n'um beijo a quem no mundo
emprega bem um segundo.

Se certa virgem quizer
minha vida por um beijo,
eu, por matar meu desejo,
ficarei prompto a morrer.
Mas a vida vale menos
que um beijo em labios de Venus.

A traição é crime enorme
que inspira a mais dura pena ;
mas, quem a traição condemna
de um beijo dado em quem dorme,
quando quem dorme é belleza
que os acordados despreza ?

Achando eu facil ensejo
de tocar em bôca de anjo,
deponho a lyra que tanjo
para aos céus voar n'um beijo ;
se alguem na terra buscar-me,
beije assim, que ha de encontrar-me.

Mas, a sorte que me segue
dos beijos tão bem me veda
que eu, buscando quem m'os ceda,
só encontro quem m'os negue.
E assim, por tanto anhelar,
hei de morrer sem beijar?

Ricos os que ao céu voaram,
levando um beijo por guia!
Feliz de mim, se algum dia
achar o que elles acharam:
—no amor da mulher—verdade,
n'um só beijo a eternidade.

Bahia—1869.

ARROUBO

Ange aux yeux pleins d'etincelles,
Femme aux jours de pleurs noyés,
Prends mon âme sur tes ailes,
Laisse mon cœur à tes pieds!

VICTOR HUGO.

I

A' doce voz dos passaros
una-se a voz do amor,
para sagrar-te um cantico
perante o creador.

Na virginal aureola,
que te circumda, está
a obra mais esplendida
do sol de Jehová!

Ouve do escravo supplice
a grata confissão !
acceita a pobre dadiva
que váe n'um coração !

Perante o céu do tropico,
e o sol quasi a morrer,
e as flores que rodeiam-nos,
e tudo que tem ser ;

perante o mar tão placido,
prompto a lamber teus pés,
e as auras que, afagando-te,
perguntam quem tu és ;

minh'alma te diz—amo-te !
rendida ao teu fulgor ;
e, quanto es mais seu idolo,
mais crê no eterno amor.

II

Amor, qual sinto, indomito
ninguem sentiu ; só eu !
amor que, os céus abrindo-me,
de um teu olhar nasceu.

E hoje, feliz automato
dos meigos olhos teus,
nos raios que dardejas-me
bemdigo a luz de Deus.

Depois que esse revérbero
da luz divina entrou
na mente que tão avida
os olhos teus gravou,

minh'alma, vendo attonita
o fogo que a invadiu,
toda vertida em jubilos
p'ra os olhos teus fugiu.

Cerraste, em fuga, as palpebras,
ficou minh'alma a sós....
e a triste, sem invólucro,
foi do teu rastro após.

E quando seguir tímido
tua sombra pretendi,
achei-me só co'as lagrimas,
sem alma e já sem ti !

III

E agora que, solícita,
restituir-me vens
no teu sorriso angelico
os meus perdidos bens ;

recebe a exigua dadiva
que vae n'um coração !
Mas, se um falsario julgas-me
de amor na confissão,

pergunta á flor que expande-se,
e á flor que murcha cáe,
e ao mar que me ouve tacito,
e ao sol que lá se esváe ;

pergunta d'essas arvores
aos troncos que abalei
co'os passos meus precipites,
co'os prantos que chorei ;

pergunta ás brisas trêfegas
das limpidas manhans,
e á carpideira aligera,
saudosa das irmans ;

pergunta á eterna lampada
nocturna que lá vem,
que tanto illuminava-me
para o escondido bem!

á persistencia do atomo
que vive, cresce e ri;
a quem soffreu sem balsamos
pergunta o que eu soffri!

IV

Mas foi-se a dor, e o jubilo
voltou contigo a mim!
Quem não olvida angustias
ante uma volta assim?

Agora o escravo humilimo,
que padeceu tão só,
—que te não vás—implora-te
de rastos pelo pó.

O' mensageira próvida
de celestial candor,
em teu regaço acolhe-me
para eu morrer de amor!

Bem vês que a vida é vortice
das crenças.... Por quem és !
tira-me d'este bárathro,
arranca-me ao revez !

Fada; em teus olhos languidos
abre-me a redempção ;
enche co'as azas fulgidas
a minha solidão !

V

Do pó resurge, ó Phidias,
retoma o teu cinzel !
rasga a mortalha historica,
acorda, ó Raphael !

esquece, ó Tasso, o carcere
e a tua Leonor !
torna a afinar a cythara,
Petrarcha, para o amor !

Glorias da fama italica,
d'arte invejados reis,
ante o esplendor da America
inertes não fiqueis !

Vinde entregar-vos, cúpidos
á musa senhoril,
do bello ao vivo archetypo
no seio do Brazil !

Mas não... ficai-vos ! Lastima
virieis inspirar,
sem nunca terdes animo
para taes dons copiar.

O metro, a tela e o marmore
baldam-se aos lumes teus !
Fada, os teus olhos magicos
quem reproduz ? Só Deus !

Deus que, me ouvindo victima
da humana expiação,
fez-te o resumo vívido
da eterna inspiração !

Linda e propicia interprete
da graça divinal,
dá-me o efficaz antidoto
ao toxico infernal !

Mordeu-me a serpe rábida
contra a isenção do amor !
Sane um teu beijo as ulceras
do incauto sonhador !

VI

Longe os grilhões asperrimos
do exílio em que penei !
Longe as insomnias lôbregas
que, por te amar, provei !

Longe o pesado ergastulo
opposto ao meu porvir !...
Foram-me as horas—seculos—
nas ancias de fugir !

Adeus, desvios complices
de abysmos da razão !
Burlando os vossos obices
salvei meu coração !

Adeus, verdugos sôfregos
de perpetuar-me a cruz !
Soltei-me alfim das ténèbras,
corro á prisão na luz.

Leva-me, estrella esplendida
em forma de mulher !
nos raios teus absorve-me !
confunde-me em teu ser !

Sim ! deslumbrado eu perca-me
na luz que me salvou !
Para eu viver mais proximo
de Deus, contigo vou !

E diga o mundo incredulo,
sem ver onde eu me fôr :
—Tanto elle amou que, extatico,
sumiu-se em tanto amor !

Bahia—1872.

RECORDAÇÕES

Tu es dans tout, tu es tout pou
moi. Au delà de ces lignes bleues
qui encadrent le ciel autour de ta
demeure, il n'y a rien dans l'uni-
vers dont je me soucie sans toi,
comme, il n'y a rien que je ne
puisse supporter à cause de toi.

GEORGE SAND.

Era uma noite de fadas,
em que as almas encantadas
por musicaes talismans,
para o Infinito adejavam,
e em seus vôos se encontravam
como se encontram irmans.

Eram threnos de Bellini,
caprichos de Paganini,
que os echos a seduzir,
prendiam tantos ouvidos,
rendendo tantos descritos,
abrindo tanto porvir !

Era o condão da harmonia,
da eterna soberania
que as proprias feras seduz ;
era o espantalho das dôres ;
era um concerto de flôres
co'as melodias e a luz.

Era o ar de um novo éden
cheio d'enlevos que pedem
a eternidade no olhar !
Qnanta vontade captiva !
Cada bella era uma diva
e cada peito um altar.

Ah Canova, quem me déra
a inspiração que inda impera
do teu genio, artista rei,
e esses contornos tão raros
gravar no marmor de Paros
como na mente os gravei !

Eram da terra essas bellas
com vozes de philomelas,
com seraphico sorrir?
Não ; quasi eram meteóros,
que Deus tornava canóros
para os atheus confundir !

Que incentivos n'essas notas !
e quantas paixões ignotas
ardiam por se mostrar !
quanto ditoso protesto
na comprehensão de um só gesto,
na eloquencia de um olhar !

De puro amor que antegostos !
quanta promessa n'uns rostos
que inspiravam tanta fé !
quão bem cabidos receios
de um leque em subtís meneios,
na prompta fuga de um pé !

Era o numen da harmonia
que embalava e que incendia
os virginaes corações ;
se o pejo os labios collava,
como o silencio fallava
ás encontradas paixões !

Do meio d'esses affectos
de tanto extasi repletos,
cercados de tanta luz ;
do meio d'esses primôres,
d'esses cantos, d'essas flôres,
em que olhos e ouvidos puz ;'

destacou-se aos meus anhelos,
já me excitando mil zelos,
já me perdendo a razão,
uma sylphide... uma fada...
uma estrella humanisada
que ateou-me n'alma um vulcão.

Era a imagem seductora
do meu ser, chegava a hora
da minha prisão sem fim ;
com tal afinco prenda-me
que de mim mesmo esqueci-me,
cego de amor, ai de mim !

Tinha uns olhos, tinha uns labios
tão convincentes, tão sabios
na traducção do sentir !
Bemdisse o meu captivo
n'esse rosto feiticeiro
que transformou-me o porvir.

Que talhe, que rir, que acenos,
que ademanes! Deus, por menos,
quantos amor turba mais!
Entreguei-me em corpo e alma,
vendo que tão linda palma
disputavam mil rivaes.

Mas, logo vi no seu collo
contra mim armado um dolo
irresistível, cruel;
cruel, porque arfava em pejo,
fugindo á tenção de um beijo,
burlando o melhor pincel!

Se ella me olhava, eu temia
fital-a; se ella fugia
meus olhos, eu, todo olhar,
buscava amor n'esse collo,
como a agulha busca o pólo,
como o vento busca o mar.

E absôrto e sôfrego e cego,
já chorando o meu socego
perdido n'um laço tal,
eu pedia a Deus, que ao menos
a voz d'essa casta Venus
de amor me désse um signal.

Ella cantou... que magia!
tão suave as faixas do dia
o rouxinol não attráe!
Era garganta de prata,
tão doce como a cascata
que á noite entre flôres cáe.

Era um canto de queixumes,
que plangente de ciumes
fez-me ciumes sentir;
foi tal canto que ainda hoje,
quanto mais ella me foge,
mais cuido esse canto ouvir.

Ella calou-se, e o concerto
findou-se logo! quão perto
era eu d'ella; mas, Deus meu!
de mim já não era eu dono...
fugiu, roubando-me o somno,
a mensageira do Ceu!

Busquei-a como se busca
a salvação; quanto offusca
á vista o primeiro amor!
busquei-a n'um desatino,
qual sem rumo o peregrino,
da noite exposto ao rigor.

Quanto a esperança conforta !
Como um cão postado á porta
do senhor, fui-me tambem,
guiado por meus pezares,
pedir consolo a seus lares,
sem nunca escutar-me alguem.

Ella dormia e eu velava ;
eu co'a saudade chorava ;
ella sorria aos irmãos
que, para afagar-lhe o somno,
de um leito faziam throno,
beijando á rainha as mãos.

Eram-lhe os anjos em torno...
Que amparo, que paz, que adorno
tinha o dormir d'essa *huri* !
E eu, cego d'ella e captivo,
privado como hoje vivo,
sempre desperto era alli.

Cansei d'esperar.... parti-me....
Nenhuma tristeza exprime
o meu tão triste volver.
Revi-a.... mas que revezes
não soffri, por tantas vezes,
revendo-a sem visto ser !

Cada vez mais ella foge !
Como foi hontem é hoje,
será, como hoje, ámanhan
este amor que, qual abutre,
me devora e que se nutre,
nutrindo a esperança van !

Saudoso os echos acordo,
sempre que a noite recordo
primeira em que me offusquei.
Essa estrella, anjos, que attráe-me,
como hei de prender ? Guiaê-me !
Como fugil-a ? Não sei.

Sei que, se a vejo, me perco,
sei que, se d'ella me acerco,
some-se o mundo p'ra mim ;
sei que essa filha do Empyreo
foi e é causa do martyrio
d'este amor que não tem fim.

Assumpção—Agosto de 1869.

NUNCA !

—Nunca!—Eis a idéa fixa em que o passado abranjo!

—Nunca!—a idéa fatal que o cerebro me queima!

—Nunca!—a sentença atroz dictada por um anjo
ao desespero vão de um cégo amor que teima!

Do lodo sáe o verme e entre jasmins se enrosca;
raios infunde o sol na sordida espelunca;
o tenue vegetal se entranha em pedra tosca;
só nunca o meu amor n'alma ha de entrar-te? Nunca?!...

Se já cansada estás de ouvir-me as queixas, diva,
e os suspiros que solta est'alma que dominas,
nunca mais digas—nunca—á misera captiva
que em teus olhares bebe inspirações divinas!

Quando, em trovões bramindo, a rábida procella
gigantes da floresta açoita, encurva e trunca,
porque é que me não rouba á dôr que me flagella,
já que aos protestos meus só me respondes -- nunca?!

—Nunca!—é o frio sarcasmo ao vivo sentimento!
Se vou mostrar-lhe o ardor do anelo que em mim lava,
—Nunca!—ella diz-me e foge! Ai, Deus, por meu tormento
dóe mais que o ferro em braza a gélida palavra!

Diz o bravo : „Mulher, para eu zombar da sorte
que de feridos mil da guerra os plainos junca,
basta dizeres—Quero—e affrontarei a morte...
mas, se eu morrer por ti, nunca me esqueças, nunca!“

Eu, que cégo de amor, pareço-te um espectro,
sem á gloria ter jus na lyra que mal tanjo,
por ti juro vencer a morte com meu plectro,
se juras nunca mais dizer-me—nunca—ó anjo!

Rio de Janeiro—1872.

DESCRENÇA

Vae... de quanto coração
Em peito d'homem batia
O mais valente quebraste,
Pois com tanto amor podia
Todo o amor que lhe inspiraste.

ALMEIDA GARRETT.

Fugiste outra vez... fugiste
dos meus olhos, com receio
de que eu, no mais puro enleio
de amor a que não resiste
coração avêssio ao dó,
te pedisse um beijo, um só!

Mas, porque te foste assim,
se eu minhas dôres calava,
e nem os olhos alçava
aos teus, ingrata mulher,
chorando o que me faltava,
medroso de te offender?!

Não!... foi de orgulho a cegueira
que de mim te separou!
Mas, não sendo a vez primeira
que taes escarneos provou,
minh'alma, n'um desvario
no mais ermo dos retiros,
quasi morreu de suspiros,
indo gemer no vasio
que a tua ausencia deixou.

Baldado era o lastimar-me,
e até desbriou, bem sei,
por quem jamais soube amar-me
de amor nas provas que dei;
mas, no cruel desengano
em que tão fraco me achei;
sequioso de um teu sorriso,
chorei sem prantos, chorei
como chorava, coitado!
o homem primeiro tentado
pelo inimigo do bem,
depois que se viu privado
das mil doçuras do Edén!

E fiquei sósinho e mudo,
qual o tristonho viajor,
que, sem rumo e socios, erra
nos desertos areaes!
E tu, longe dos meus ais,
foste inspirar outro amor,
em ti levando-me tudo,
em mim só deixando a dôr!

Nem me dava lenitivos
a fresca brisa da tarde!
nem já meus olhos tentava
o melhor dos attractivos
—o sol que a morrer beijava
do bosque as flóridas tranças!
Ai, tão pobre de esperanças,
immovel como um covarde
que ás tempestades da vida
descre de um seguro porto,
não pude, em tal desconforto,
alienar-me das maguas,
ante o murmurio das aguas,
e as harmonias suaves
que vibra a orchestra das aves!

Emfim do lôbrego encêrro
tirou-me a força do acaso....
e o fundo sondando ao erro
em que por gosto incorri,
meus pobres olhos serenos
para outros quadros volvi,

buscando uma estatua ao menos,
em vez da graça animada
que, me deixando sem nada,
por entre escarneos perdi.

Perdi! perdido me vejo,
della a buscar uma cópia;
e n'este incrível marasmo
em que de mim mesmo pasmo,
em que a morte só desejo;
por mais risos que me tentem,
por mais olhos que me chorem,
por mais bôcas que lamentem
meu viver pesado e amargo;
leio sombras n'esses olhos,
percebo ardís n'essas bôcas,
veneno evito em taes risos,
e reputo indoles loucas
essas que julgam de escolhos
erguer-me ao placido seio
dos amores que sonhei.

Impossivel! Entre as scismas
que ensombram meu pensamento
no mundo em que já não creio;
só por olhar-vos, mulheres,
tenho indiziveis momentos,
em que, odiando os prazeres,
de todas tanto receio
quanto de uma confiei!

Dae mil indultos ao bardo
que—por amar—tanto soffre !
Não vêdes que elle de chofre
perdeu tudo que era seu ?
Não vêdes que elle sem culpa
foi— de um anjo pelas azas —
do inferno atirado ás brazas,
quando ia entrando no céu ?
Sabeis o que é ter um cofre
de caricias sempre aberto
no mais terno coração ;
e ver todas as caricias
só pagas pela irrisão
mais atroz do que as sevicias,
que imprime o duro azorrague
nas costas do humilde escravo
que, por mais que implore e afague,
não convence o máu senhor ?
Pois, tal foi a minha sina !
e vós, que a historia me ouvistes,
soffrei o triste dos tristes
nas tristes queixas de amor.

18 de Janeiro de 1869—Assumpção.

PERSEVERANÇA

De ti só queres privar-me,
mas, eu sei melhor querer ;
por mais que fujas de amar-me,
hei de amar-te até morrer.

Já que em vida é minha sorte
que eu não possa amado ser,
para eu ser feliz co'a morte
hei de amar-te até morrer.

Fechas-me o teu paraiso !
Sempre mostras que és mulher....
D'este amor premios não viso ;
hei de amar-te até morrer.

Se te imploro condolencia,
minha dôr é teu prazer!
Sublimando a paciencia
hei de amar-te até morrer.

Ingrata, por toda a parte
a tua sombra hei de ser;
hei de morrer por amar-te,
hei de amar-te até morrer.

Se em soffrer-te, amor, sou firme,
a fé me ajuda a soffrer;
para da culpa eu remir-me
hei de amar-te até morrer.

Se me amasses um só dia,
fôra um dia o meu viver;
como o teu odio porfia,
hei de amar-te até morrer.

Quando, accêsa em raiva, corras
a duas vidas perder,
hei de amar-te até que morras,
hei de amar-te até morrer.

Bahia—1871.

SONETO

Os dias na esperança de um só dia

CAMÕES.

Que te fiz eu, amor, para que insistas
em torturar-me o peito que dominas?
Quando alegras os máos e os patrocinas,
só me arredas do bem, ou me contristas!

Dos que te dobram louvas as conquistas,
veneno ao que dobraste só propinas!
d'elles os vãos para a gloria animas,
e nem dás que na gloria eu ponha as vistas.

Como o pobre cultor que, afflicto arando,
no arado exhaure a vida em van porfia
co'a terra em que só cardos vê medrando,
assim, por bem de amor que ao mal me guia,
nutro pezares mil e vou gastando
os dias na esperança de um só dia.

SONETO

Para matar de amor quem de amor morre

JOAO DE LEMOS.

Como illudida estás, quando presumes
um coração ferir que não governas!
Inda que tenhas seducções eternas,
em mim não lograrás mover ciumes.

Quando cuides prender-me em teus queixumes,
um surdo encontrarás ás queixas ternas;
são falsas as razões que irada externas,
és para mim qual rosa sem perfumes.

Se na desgraça á que hoje me condemnas
pensas, voluvel, que inda o pranto jorre
de olhos fechados da ventura ás scenas,

vem tarde o teu poder que nescio corre
para opprimir quem já curtiu mil penas,
para matar de amor quem de amor morre.

SEM TI

Oh deixa-me morrer! Ave do pólo!
quiz em teu brando seio me aquecer;
tu me negaste o abrigo do teu collo....

Oh deixa-me morrer!

B. SEABRA.

Foi-se a esperança, o incentivo
que edenisou-me o viver!
E hoje não sei como vivo,
sem teu amor, sem te ver!
Porque, ao ver-te, não morri,
para não morrer sem ti?

Sem ti que faço eu no mundo,
se o mundo encerras p'ra mim?
D'este carcere profundo,
em que me debato assim,
porque inda não me remi,
para não chorar sem ti?

Como a rainha do espaço
busca o ninho recobrar,
meu amor em teu regaço
quiz mil venturas buscar.
Mal que o vôo desprendi,
fiquei sem azas, sem ti !

Sem ti vexa a liberdade
mais que a dura escravidão ;
sem ti me punge a saudade
da minha doce prisão !
Por amor tudo perdi
só para achar-me sem ti ? !

N'este exilio desanimo
como a plantinha sem sol,
como o cego sem arrimo,
como o nauta sem pharol !
Meu sepulchro vejo aqui,
porque me vejo sem ti !

De tantos virentes louros
que ao meu futuro plantei ;
de tantos nobres thesouros
que á minha gloria almejei,
só falla o que não previ :
—esta descrença, sem ti !

Minha luz era em teus olhos,
meu paraizo em teu lar;
e hoje ando cego entre abrolhos
pelo crime de te amar!
Pelo amor que te pedi,
fiquei sem alma e sem ti!

E agora n'este deserto
em que na morte só creio,
do meu sepulchro tão perto,
quão longe estou do teu seio,
não choro os bens que frui
nos meus anhelos sem ti!

Choro, ao sentir-me sem calma
para calcar meu revez;
choro a falta de minh'alma
que deixei presa a teus pés;
choro, emquanto o mundo ri,
por ver que eu peno sem ti!

As dores não pagues, diva,
que me fizeste amargar;
basta já sêres captiva
de um peito incapaz de amar!
Não saibas quanto eu soffri,
sem gloria, porque sem ti.

Basta de queixas ; ao menos
cesse o corpo de soffrer ;
não leve a brisa os meus threnos
aos teus ouvidos, mulher !
Para a desgraça nasci ;
morrerei n'ella sem ti.

Quero morrer, que a saudade
já me entorpece a razão ;
ter quero ao menos vontade
da morte na aspiração ;
mas, alma que em dôr nutri,
não posso morrer sem ti !

Mulher que amei, louco e cego,
deixa minh'alma volver ;
deixa que eu morra em socego,
já que foi lucta o viver !
Devo morrer qual nasci :
—com Deus—embora sem ti !

OS OLHOS DA MORENA

Morena, morena,
dos olhos traidores,
se encontro os teus olhos,
vejo os meus senhores ;
 vejo os meus senhores
 negando-me um *sim* ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, morena,
da vida os escolhos
incolume affronta
quem vive em teus olhos.
 Quem vive em teus olhos
 não mates assim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Teus olhos, morena,
mais prendem que algemas ;
bem leio em teus olhos
de amor dous poemas.

De amor dous poemas,
não feches-me assim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, morena,
no olhar que me volves
que dizem teus olhos ?
me accusas ? me absolves ?

Se accusas, ingrata,
não sejas assim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, morena,
porque me fascinas ?
Não vês que em teus olhos
me perdes, traquinas ?

Me perdes, traquinas,
em ancias sem fim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, morena,
minh'alma não queimes
na luz de teus olhos!
não olhes! não teimes!
Não olhes, não teimes,
que matas-me assim;
morena, morena,
tem pena de mim!

Morena, morena,
teus olhos radiantes
são dous feiticeiros,
dous negros diamantes.
Dous negros diamantes
não ceguem-me assim;
morena, morena,
tem pena de mim!

Morena, os teus olhos,
mais tredos que as ondas,
a paz arrebatam
das mentes que sondas.
Das mentes que sondas
se queres máu fim;
morena, morena,
tem pena de mim!

Morena, em teus olhos
me ensina confortos ;
mais sabem que sabios
teus olhos tão mortos.

E se olhos tão mortos
dão maguas sem fim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, em teus olhos
tão grandes, tão fundos,
concentram-se encantos
de esplendidos mundos.

De esplendidos mundos
não prives-me assim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, morena,
teus olhos acalma !
Teu gosto é que eu fique
sem olhos, sem alma ?

Sem olhos, sem alma,
não deixes-me assim ;
morena, morena,
tem pena de mim !

Morena, se mentes
no olhar que me entranhas,
o céu não perdôa
mentiras tamanhas.

Mentiras tamanhas
não tentem-me assim;
morena, morena,
tem pena de mim!

Bem sabes, morena,
meu sancto desejo :
—um beijo em teus olhos,
a gloria n'um beijo.

A gloria n'um beijo
não negues assim ;
morena, morena,
tem pena de mim!

E agora, morena,
meus olhos te pedem
em teus meigos olhos
as chaves do Eden.

Taes chaves não negues
ao teu Bernardim ;
morena, morena,
tem pena de mim!

Já foges, morena,
Fugir-me não deves.
Cravada em teus olhos
minh'alma não leves!
Minh'alma não leves
deixando-me assim;
morena, morena,
tem pena de mim!

E a linda morena
sumiu-se qual fada!...
São de outro seus olhos,
fiquei-me sem nada.
Fiquei-me sem nada...
Que sorte ruim!
Cegou-me a morena
sem pena de mim!

Rio de Janeiro — 1871.

AI CRIANÇA!

Não posso amar-te... não devo
que esse amor fôra um delirio ;
para o tumulto já pendo,
e tu mal desces do empyreo.

Que distancia nos separa !
Entre nós que fundo abysmo !
Só de innocencia resplendes,
e me ensombra o scepticismo.

Fallas . gemo ; em nossos labios
oh que influxos tão diversos !
Deus faz-se ouvir por tua bôcca .
rouqueja a morte em meus versos.

Que máu fado! não nascemos
um para o outro, creança!
Sorris-me... o céo vejo; e tremes,
quando me alegra a esperança!

Para os extases divinos
tens os teus olhos rasgados,
e eu pelas visões da culpa
já trago os meus empanados!

Como a lua em manso lago,
o pudor em ti se espelha,
e ante esse brilho, humilhada,
minh'alma sente-se velha!

Sou inverno, és primavera;
sou crepusculo, és aurora!
Perto de mim não te expandas,
que o teu fulgor me devora!...

Não sabes que o sol dissipa
a nuvem que mais negreja?
A nuvem sou; não me acabes,
luz que ao sol causas inveja!

Foge-me, pois, que de espectros
foge a leda meninice!
Do meu viver a amargura
estranha á tua meiguice.

Não me afagues mais, creança,
não mais procures o bardo....
Como hade, sem damno ao lirio,
no lirio enrolar-se o cardo ?

Como um disforme, ao mirar-se,
de si mesmo se horrorisa,
assim minh'alma em teus olhos
—de espanto—se martyrisa !

Em quem não sonha o que sonhas
não craves teus olhos tanto,
por mais que o peccado burles,
como as chammas o amianto.

Mas, se insistes em que eu seja
de olhos taes um digno alvo,
vê se Deus dá que a memoria
eu perca, e encontres-me salvo !

Salvo de um longo passado
que á tristeza me condemna,
por mais que eu te escute e veja
tão meiga, linda morena.

E assim receio, embebido
n'essa tua transparencia,
que me castigue o futuro
nos temores da innocencia,

quando a tu'alma, os desgostos
reflectindo da minh'alma,
turve-se, como ante o vulto
da procella a lympha calma.

De um peito assim lacerado
pelo agulhão dos amores,
rosa em botão, foge e abrir-te
vae longe das minhas dores !

Rio de Janeiro—Dezembro de 1871.

—

AMOR DE MÃE



De tanto andar pobre enérmãs,
—érmãs—
por sendas agras, escuras !
a meio inútil recorres,
—corres—
sem achar o que procuras.

Erroneo marco demandas,
—andas—
sem ver que embalde te cansas ;
sem ver que a razão transtornas,
—tornas—
cuidando que mais te avanças.

Foge á chuva que te molha,
—olha—
o abysmo de que te acercas!
Um palmo só te separa,
—pára!—
por quem buscas não te percas!

Não te arranques os cabellos
—bellos,—
soltos no collo tão alvo!
As anciás, que tens, acalma,
—alma—
que anhelas teu filho salvo.

Descansa em teu Deus, socega,
—cega—
que em vãos clamores me assustas;
vaes assim ficar possessa,
—cessa—
de ter suspeitas injustas!

Volta, ó mãe, ao teu albergue;
—ergue—
teus olhos á Mãe do Christo;
até que desponte a aurora
—ora—
que o menino ha de ser visto.

Talvez pára entre valverdes
—verdes—
dos teus carinhos o dono
vinha ao lar se apropinquando
—quando—
cahiu nos laços do somno.

Se á esperança o peito cerras,
—erras.—
Quando bradaste: — A criança
roubaram mãos inclementes? —
—Mentes—
disse o echo a dar-te esp'rança.

Em fera, mãe, te convertes ;
—vertes—
um pranto que é já peccado.
A Virgem, que aos pés te aguarda,
—guarda—
é do teu anjo transviado.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Depois que as urzes revolve
—volve—
a mãe lacrimosa e afoita ;
quando, de andar alquebrada,
—brada—
pelo filho, a chuva açoita.

Zune o vento que a suspende !...
—pende—
para o chão a semimorta . . .
tenta erguer-se, alfim consegue.
—segue—
e recáe do colmo á porta. . .

as deveis forças concentra . . .
—entra—
de rastos no escuro asilo . . .
palpa o leito a padecente . . .
—sente—
no leito um corpo tranquilo ! . . .

O inerte corpo interroga,
—roga—
que venha aclaral-o a aurora,
e ao raio, que traz desgraças,
—Graças !—
brada . . . ao brado o filho chora !

Sôfregos beijos maternos
—ternos—
estancam logo esse pranto;
qual cecém presa á bonina,
—nina—
a mãe seu unico encanto.

Mas, a noite empallidece;
—desce—
a aurora da serra aos visos..
Que dous felizes aquelles!
—Elles—
no somno casam dous risos!

Rio de Janeiro—Julho de 1871.

ONZE VERSOS

TRADUZIDOS DE ALPHONSE KARR

Se não me amas, cruel, põe termo aos teus rigores.
Por mais que trine ao pé do seu musgoso ninho,
idyllios não me vota o doce passarinho.
A's flôres que pelo ar derramam seus odores
pouco importa que eu ame ou que não ame as flôres.
Sob este céu azul, tenda eterna, a fulgir,
os bens de um mutuo amor não me é dado fruir.
Pois, não me ames, porém, deixa-me amar, por Deus,
esse halito, essa voz maviosa que me encanta,
como amo a flôr, como amo o passaro que canta
—e os teus olhos azues como o azul dos ceus.

Bahia—1872.

O BARQUEIRO

—Adeus, Amelia querida,
minha vida,
meu thesouro e bem maior!—
Dizia assim, já saudoso
do lar de que se partia,
o barqueiro venturoso
que—adeus—a custo dizia
ao seu amor.

—Querida, Amelia, que sonho
tão risonho
meus olhos priva dos teus?
Acorda, indolente, acorda
nos braços de quem te chama,
e ao coração que transborda
de amor na sagrada flamma
dize um adeus!—

Dormia, placida, Amelia,
 qual bromélia
rosciada pela manhan ;
é o barqueiro que a chamava,
pondo um beijo em seus ouvidos,
resposta alguma alcançava
de uns labios enrubecidos
 como a roman

— Adeus, linda, o sol não deixa
 que mais queixa
te faça o barqueiro aqui.—
E o barqueiro dos extremos
seu barco desatracando,
pondo nas vogas os remos,
coitado ! lá foi remando,
 fôra de si.

Depois que vê longe o amante,
 radiante
salta Amelia de prazer. ..
só veste as alvas anagoas....
corre á praia, a praia explora,
e, rindo, se atira ás aguas
em que amor por ella chora !
 Oh ! que mulher !

Brincas co'as mádidas tranças
e não canças
de nas aguas te mirar !
Amelia, vê que aos encantos
das fórmãs que tens de Venus
mandando o sol beijos tantos,
póde excitar pelo menos
zelos ao mar.

E Amelia, nova sereia,
toda cheia
dos seus contornos gentis,
cada vez mais se mirando
ante o sol da madrugada,
quando ia as aguas deixando,
quasi que fica afogada ;
mas, Deus não quiz.

Qual tocada sensitiva,
pensativa
Amelia entrou no seu lar ;
mas, de chofre em susto o sangue
ás niveas faces lhe assoma !...
Sente ella, sem que se zangue,
fria mão que a mão lhe toma
para beijar.

—Meu Deus, tão tarde!—Achas tarde?!

Deus me guarde
de vir mais cedo por cá.
—Para aquelle que aborreço
finjo dormir, se me chama;
por ti, que jamais esqueço,
desperto, a ver se na cama
teu corpo está. —

—Sou teu, a teus pés me traze;
uma phrase
de amor me diz outra vez,
Amelia! Eu te amo, eu te quero
como ao sol que vi primeiro...
E nisto o rosto severo
se apresenta do barqueiro
que diz:— Talvez.—

Um raio que então cahisse
e partisse
um dos amantes alli,
não causára mais assombros
do que o barqueiro indignado,
tirando os remos dos hombros
e a rugir:— „ Eu deshonrado
não fico aqui. “

Então no acanhado espaço,
braço a braço,
deu-se lucta de leões,
e, da raiva no transporte
os dois rivaes incendiados,
promettiam só co'a morte
separar-se, ôntre rugidos
de maldições.

De subito um ai desprende
e se estende
ferido um d'elles no chão....
Emfim do trahido o ferro
no peito cravou-se em cheio
de quem, por sina ou por erro,
se apossou do bem alheio
n'um coração.

Então, vendo inanimado,
castigado
seu rival que inspira dó,
o barqueiro, á Amelia olhando,
disse: —, As mais baixas mulheres
fujam de ti ; morre, quando
de ti mesmo asco tiveres !
Deixo-te só.—

E arremessando-se ás aguas,
suas maguas
foi o barqueiro afogar ;
e co'a face inda risonha
disse, quando agonisava :
— „ As nodoas de tal vergonha
não lava o pranto, só lava
o fundo mar. “ —

Bahia—1870.

—

NO ALBUM

DE UMA SENHORA VOTADA A'S BELLAS-ARTES

Na Grecia o genio de Péricles
melhorou do genio a sorte ;
mas, nesse empenho tão forte
das artes o protector,
em tantas obras magnificas,
que hoje inda vivem na historia
não trabalhou pela gloria
inspirada em casto amor.

Mais que taes obras o estimulo
— accêso n'alma de Sapho
só dos anjos pelo bafo
que varre ignavas paixões —
fez brotar de escassos ambitos
mil esplendidos baluartes
que attestam nas bellas-artes
o poder de homens-nações.

Então viu-se o influxo magico
da bella e remida Eva ;
viu-se o que póde e ao que leva
a inspiração feminil ;
viu-se quanto a musa hellenica,
deixando grato vestigio,
fez da mulher um prodigio
que exempla a seculos mil.

Foi ella—a Venus de Phidias,
a diva Helena de Homero—
que disse aos homens :—Eu quero
das artes a redempção.—
E logo á vontade atiloqua
na obra cumpriu-se a idéa,
mais feliz que a Galatêa
do grande Pygmalião.

E logo em applauso unisono
levantou-se o Capitolio,
mais imponente que o solio
dos mais imponentes reis !
E dos mais severos arbitros
premios ganhava Corina,
dando na bôca divina
confôrto, exemplos e leis !

.....

Senhora, no teu espirito
propenso ás artes e ás letras,
nos modos com que penetras
do bello arcanos, bem vi
que era offender-te a modestia
tecer-te encomios agora,
porém a lyra, senhora,
quiz, e eu cego obedeci.

Bem vês que no esboço rapido,
traçado em tão fraco engenho,
as glorias que lembrar venho
hoje te cabem tambem;
perdôa, pois, se n'um impeto
de tão justo enthusiasmo,
fallei da mulher com pasmo,
resumindo n'ella o bem.

Mas, a influencia benefica
da belleza feminina,
pintada em Sapho e Corina
pelo meu tosco pincel,
val mais em tí, ser tão lucido,
que de amor scepticos prostra,
quando o amor em ti lhes mostra
dons de Corina e Rachel.

·Montevideo, 15 de Janeiro de 1869.

A MARIPOSA

Foge da luz, mariposa!
Porque has de morrer na luz?
Porque evitas a penumbra?
Que desejo te deslumbra?
Que mau destino te iuduz?

Mas és surda! como insistes
no teu designio fatal!
Doudo insecto, porque teimas?!
Não sentes que já te queimas?
Não vês que afagas um mal?

Não busques as proprias cinzas,
não tentes a morte assim,
não rodeies quem te ameaça,
não te acerques da desgraça,
não te separe de mim !

Que! da mão que te protege
te assombras ?! Que ingratidão !
E's qual a moça inconstante
que, illudindo o escravo amante,
se escravisa á vil traição.

Mas, o traidor tão buscado
busca a victima tambem ;
e essa luz, que te fascina,
—immoval—muda-te a sina,
—de longe —perde-te ao bem.

E's o Tantaló com azas ;
vôas ao gozo e o não frues !
Como te illude a esperança !
Não vês que o fogo te alcança
as lindas azas azues ?

Mascarado pela chamma
o infortunio te seduz ;
foge da chamma, socega !
volve á sombra, alada cega,
que é tua desgraça a luz !

Como as humanas vaidades
que, ardendo por se mostrar,
roubam as glórias alheias
e, de um fatuo brilho cheias,
morrem, sem brilho deixar ;

assim, doudejante insecto,
queres na luz te perder,
e no ardor, em que te abrazas,
tentando a morte co'as azas,
só vóas para morrer !

Do cazúlo em que eras presa
Deus soltou-te á immensidão ;
lagarta de hontem, que adejas
pelo infinito, hoje almejas
vencer a luz ; que ambição !

Te has de perder por ingrata !
Feia inveja te conduz ;
invejas os pyrilampos,
e a luz volátil dos campos
ser queres, martyr da luz.

Sobre a flor, durante o dia,
luzes sem competidor,
e, á noite, ficas de ciume
cega, porque o vagalume
se destaca em torno a flor !

Como o noctivago insecto
queres, á noite brilhar,
mas, vendo que a luz te falta,
vens á chamma, que te exalta,
um pouco de luz roubar.

Não se fez tudo p'ra todos;
quem tudo quer, nada tem;
não te indisponhas co'a sorte,
não rodeies tanto a morte
na luz que o teu mal contém!

Sem azas ter de amianto
não burlas da chamma o ardor.
Sae d'esse intento maldito,
distráe-te pelo infinito,
emprega as azas melhor!

Foge da luz, mariposa;
porque has de morrer assim?
Não afagues quem te ameaça,
não te acerques da desgraça,
não te separe de mim.

Mas que! Censurar-te devo
eu que, teimoso tambem,
ando a lutar contra o fado,
do meu socego privado,
em busca de um falso bem?

Não ; que, se vejo essa virgem,
em torno do seu fulgor
perde meu ser toda a calma ;
pois, mariposa, minh'alma
é mariposa do amor.

Vôa, mariposa, vôa,
tentada por essa luz !
Talvez que eu morra primeiro
que tu, neste captiveiro
que fascinado me impuz.

Bahia—1872.

MUSA CONSOLATRIX

VERSOS ESCRIPTOS NO ALBUM DE UMA EXEMPLAR VIUVA

Mais do que o escôpro de Phidias,
mais do que o pincel de Apelles,
teus olhos, sem que reveles
na voz as penas que tens,
estampam n'um rosto candido
lumes de egregia belleza,
pondo graça na tristeza,
na dôr inspirando bens.

E sabes tu porque, tacita,
resumes o céu nos olhos?
sabes da culpa os escolhos
porque evita quem te vê?
E' que essa fonte de lagrimas,
em que a saudade inda banhas,
suavisa angustias tamanhas
de quem na morte só cré.

A morte, que envolve em ténèbras
o amor de quem vive amando ;
a morte, que fez que ermando
no mundo vivas assim,
a treda morte entre um tumulo
e tu'alma hoje se prostra,
porque o teu pranto lhe mostra
que o teu amor não tem fim.

E'—-n'esse influxo benéfico—
teu viver um santo exemplo !
Mais do que a prece n'um templo
voando aos braços da Cruz,
teu semblante abranda os reprobos,
revigora animos gastos,
dando enlêvo aos seres castos,
como á terra o sol dá luz.

Da viuvez bem haja o thalamo
que exempla a futuros noivos !
bem haja o orvalho dos goivos
no pranto dos olhos teus !
humanada sarça biblica,
bem haja a dôr que te alenta
e as chammes de amor augmenta
nos gélos da viuvez !

Buscando de azas seraphicas
uma penna haver, com ella
a minha musa singela
quiz o teu nome escrever,
porque és um sublime estimulo,
rôla viuva, que pousas
—pedindo ninho—entre as lousas
que abalas com teu gemer.

Não te encerres viva no ambito
frio e estreito dos sepulchros,
quando os raios do sol pulchros
te acompanham na viuvez!
Morre, quando o eterno Arbitro,
que á san virtude dá premios,
dos anjos chamar-te aos gremios
onde o esposo em sonhos vês.

Bahia, 26 de Dezembro de 1868.

A VIOLETA

Por mais occulta que vivas
no mais humilde canteiro,
te denuncias no odôr,
modesta flôr;
e contra o bom jardineiro
requintando a brisa em zelos,
te rouba para os cabellos
da feiticeira donzella,
como tu suave e bella
ao casto amor.

Tão tenra, como impões tanto
às grandes almas, flôrinha!
Feiticeira do jardim,
porque és assim?

Oh se sempre fôsses minha
como és da virgem formosa,
em cujo regaço a rosa
preteres, linda violeta,
quem fôra melhor poeta?

Mas... ai de mim!

Cuido que foges meus labios
e recusas meus carinhos,
se, ancioso de te beijar,

digo no olhar :

— Só a rosa tem espinhos
contra quem avido a toma.
Em tudo sê qual no aroma
ao bom ladrão, flôr mimosa,
que vem da animada rosa
te libertar.

Bem que evites concurrencias,
creio que tens, flôr dilecta,
no grande mundo animal
uma rival.

Nem vae erro de poeta
n'esta crença. A creatura
que na innocencia é tão pura
quanto a violeta no odôr,
se a fôrma não tem da flôr,
n'alma é-lhe igual.

Por tal simile tão vero,
ó violeta, não te aggraves
comigo. Se és pelo odôr
tão suave, ó flôr,
não reputo menos suaves
—fragrancias que d'alma exhala
quem, quando suspira ou falla,
sempre é tão meiga e tão casta
que os máus desejos afasta
do peccador.

Já vês que sou teu amigo,
violeta, e que te prefiro
ás vistosas flôres mil
que, tão subtil,
beija a abelha em doido giro.
Oxalá que ornes-me a campa,
ante a lua que se estampa
em tão fecundas bellezas
na melhor das naturezas,
no meu Brazil.

Rio de Janeiro—1872.

PORQUE CHORAVAS?

Porque choravas? Meu jubilo
converteu-se logo em pena,
mal que teus olhos, morena,
lacrimosos, triste vi !
Porque choravas ? Meu idolo,
d'essa altura em que te adoro,
crês tu, por ver que não choro,
que o teu pezar não senti?

Porque choravas, tão tacita,
buscando esconder o pranto ?
Sorrias, folgavas tanto....
e de repente, anjo meu,
nuvem de magua tão íntima
velou-te a face tão bella,
como as sombras da procella
o brilho enturvam do ceu.

Cuidando que aos jardins célicos
ias volver, rosa minha,
vi tão pobres, sem rainha,
da terra os gratos vergeis !
Não imaginas quão sófrego
fiquei de saber a origem
d'esses orvalhos que affligem,
d'essas lagrimas crueis.

Qual papoula fresca e mádida,
que á mingoa de sol descóra,
tal, humana irman da aurora,
pallida vi-te ! Não sei
como os teus olhos tão róridos,
em que perdi toda a calma,
tanto abrazaram minh'alma
quando enxugal-os busquei.

Não chores mais, bem que balsamos
sejam tuas lagrimas, anjo,
á dôr em que me confranjo,
quando me assusta o prazer ;
quando, ante voluveis animos,
tanto gozo lhes infundes
que, inculpada, me confundes
no zelo em que vivo a ardeç.

Porque choravas? Oh dize-me!
Quem te fez chorar, morena?
Para o inferno se condemna
alma que ás dôres te induz.
Se ha quem não te poupe a lagrimas,
morra, apenas o avistares,
para que dos teus olhares
—não toldem prantos—a luz.

Porque choravas? As duvidas,
em que me debato, extingue!
Se queres que alguém te vingue,
em vingar-te acho prazer;
se fui causa involuntaria
do teu desgosto, responde!
por castigo, dize, aonde
deve o culpado morrer?

Cri, presentindo-te as lagrimas,
que ias ser outra Nióbe;
olhar que a teus olhos sóbe
n'elles ver não póde a dôr.
Florinha animada, as ancias
não sabes que me pungiram,
quando os meus olhos te viram
no orvalho perdendo a côr!

Não chores mais, porque attonito
pões-me, ao ver-te assim chorosa !
Sei que o roscio alenta a rosa,
mas o teu viço é demais.
Do mal não gerou-se a lagrima
para a verteres, morena ;
chorem máus, que é justa a pena,
inflore o roscio os rosaes.

Mas, se os teus prantos, ó idolo,
quer Deus que eu veja mais vezes,
o bardo affeito aos revezes
mitigue os pezares teus ;
e resumido em dous osculos
meu ser, que embeveces tanto,
dos teus olhos séque o pranto
ao calor dos labios meus.

O PRIMEIRO BEIJO

TRADUÇÃO DA POESIA DE GUILHERME BLEST GANA.

Lembranças d'aquella idade
de innocencia e de candor,
não turbeis a soledade
de minhas noites de dôr;
ai!
passai, passai,
lembranças d'aquella idade!

A prima era bem bonita :
Eu não sei por que razão,
ao recordal-o, palpita
com violenciá o coração.

Era, é certo, tão bonita
tão gentil, tão seductora,
que em pensar só n'isso agora
uma como que illusão
dentro em meu peito se agita,
e até a fria razão
me diz: era bem bonita !

Ella, como eu, já contava
quatorze annos, me parece ;
mas, minha tia affirmava
a quem ouvil-a quizesse
que só treze ella contava.
Reservo á tia essa gloria ;
pois que na minha memoria
jamais a prima envelhece,
e sempre está como estava
quando, pelo que parece,
já seus quatorze contava.

Quantas horas, quantas horas
vivi ditoso a seu lado !
Passámos tantas auroras
correndo juntos no prado,
ligeiros como essas horas !
Nos amavamos ? O ignoro.
Só sei o que hoje deploro,
que jámais hei olvidado :
Que em praticas seductoras,
quando eu me achava a seu lado,
p'ra mim dormiam as horas !

Do como um beijo lhe dei
é bem peregrina a historia.
Força é confessar, guardei
té hoje a grata memoria
do como um beijo lhe dei.
Pela prima acompanhado,
como o par por Deus creado
(cuja innocencia é notoria)
um dia n'um bosque entrei,
e alli começou a historia
do como um beijo lhe dei.

Crescia uma linda flor
ao pé de um despenhadeiro ;
mirando-a com tanto amor
diz-me a prima: „ Companheiro,
morro por ter essa flôr! “
A colhel-a me atirei,
mas subito escorreguei .
Ella, um grito lastimeiro
dando, cheia de terror,
corre até o despenhadeiro . .
e eu levanto-me co'a flor.

Duas lagrimas de alegria
rosçaram seu rosto bello ;
Vida minha ! “ ella dizia,
dos braços formando um élo
com infantil alegria.
Fogo e gelo senti eu
no abraço que ella me deu

O que era? Não sei dizel-o,
mas um beijo nos unia,
deixando em seu rosto bello
duas lagrimas de alegria.

Depois. . . Borrascoso mar
é nossa pobre existencia.
Eu tive de me ausentar;
e aquella flor da innocencia
ficou-se á beira do mar.
D'este mundo entre os enganos
hei vivido muitos annos,
e, apezar da experiencia,
costumo ás vezes clamar:
—Dita da minha existencia
ficaste á beira do mar!

Lembranças d'aquella idade
de innocencia e de candor,
alegrai a soledade
de minhas noites de dor;
ai!
chegai, chegai,
lembranças d'aquella idade!

Rio de Janeiro—1872.

A DOENTE (8)

Poesia oferecida ao meu amigo

ROZENDO MONIZ BARRETTO

Disseram que estás doente.
Doente?! Não acredito.
De certo a inveja, que mente,
Para ver-me louco... afflicto
Essa mentira inventou.
Havias ficar doente
Só porque um raio da lua
—Atrevida e namorada—
Deixou-te a face beijada,
E a face te desmaiou?

De mais... a culpa foi tua ;
Pois, commigo sempre esquivava,
Não te esquivaste da lua :
E agora foi muito altiva
Gabar-se aos astros do ceu
De que mil beijos te deu !...
Bem feito : a culpa foi tua.

Mas—fallemos seriamente :
Devéras estás doente ?
O teu physico padece ?
Sentes febre ? arfa-te o seio ?..
Não é possível, não creio...
Na minha duvida insisto :
Pois uma estrella adocece ?
Não me dirás como é isto ?!

Ah ! agora me recordo !
Estás doente ;—é verdade :
Encontrei-me co'a *saudade*
N'um baile a chamar por ti !
Quem me dá noticias *d'ella* ?
Da formosa das formosas ?
Dizei-me, lirios e rosas...
Dizei-me que a não perdi. “

„ Era a rainha das festas ;
Das nossas noites a estrella;
E agora—todos sem vel-a...
Tudo nesta escuridão !
Voaria d'este mundo,
E na esphera resplendente
Suspira agora contente
Junto a um astro.... seu irmão ? “

E uma voz mysteriosa
Disse á gemente *saudade* ;
„ Como ha de agora a *formosa*
Deixar o placido ninho,
Se está doente... e saudosa
Do seu paternal carinho ? “

..... ..

E todos se dispersaram,
E as flôres emmurchecêram ;
E as harmonias cessaram,
E os labios emmudecêram ;
E dos meus olhos - a fio—
Duas lagrimas corrêram !

E ouvi n'um jardim a brisa...
(Ouvi... não me engano,—ouvi...
E as palavras aprendi...)—
A brisa dizia á rosa :
„ Não sabes, florinha bella,
Está doente a *formosa!* “
—E qual a doença *della?*
Pergunta, chorando, a rosa!

... ..

Bem vejo que estás doente,
Mas não me atrevo a curar-te;
Só podia bem tratar-te
—Ou avesinha innocente,
Ou anjo que Deus quizesse
Por teu companheiro dar-te!

Estás doente—é verdade;
Mesmo doente, mimosa!
Mas que doença teimosa
Que tanto te martyriza?
—Eu faço a mesma pergunta
Que a rosa fizera á brisa.

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA.

RESPOSTA

Ao brandiloquo poeta e meu amigo

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA

Bardo, a linda está *doente* !
Em tal doença *acredito*.
Sei que a inveja hoje não *mente*
se out'ora, por ver-te *afflicto*,
de longe tanto *inventou*.
Tua musa está *doente*
e tanto que, triste, a *lua*
—de que ella é tão *namorada*—
por máus zephiros *beijada*
vendo-a, no céu *desmaiou*.

Injusto és na queixa *tua* !
Se ella foi contigo *esquiva*,
bardo, queixa-te da *lua* ;
da lua que, d'ella *altiva*,
tanto beijou-a do *ceu*
que da luz, que em beijos *deu*,
fez cega escrava a alma *tua*.

Bem sabes que *seriamente*
fallo-te d'essa *doente*.
O teu coração *padece*?
As dôres de estranho *seio*
em ti se reflectem? *Creio...*
Mas tambem—perdao se *insisto*—
creio que um astro *adoece*.
Pergunta a Deus como é *isto!*

N'um baile, bem me *recordo*,
doeu-me a triste *verdade!*
quando co'a viva *saudade*
fundo amor luctava em *ti* ;
eras o automato d'*ella*
—a rainha das *formosas*,
e ella, em consulta co'as *rosas*,
dizia:—Tudo *perdi...*

„ Peno, emquanto animo as *festas*
„ dos que me chamam *estrella*
„ Ai mundo! augmentas sem *vel-a*
„ minha interna *escuridão!*

„ Não comprehendes, nescio *mundo*,
„ que ante a luz mais *resplendente*
„ eu, que me finjo *contente*,
„ nas magoas não tenho *irmão*. “

Bardo, uma voz *mysteriosa*,
te interpretando a *saudade*
lhe exprobro: „—Virgem *formosa*,
„ que te crês—ave sem *ninho*—
„ porque és do céu tão *saudosa*,
„ se tens da terra o *carinho*?! “

E no chão se *dispersaram*
as rosas... e *emmurchecêram* ;
e os afagos *cessaram*
das auras que *emmudecêram* ;
mas, da rosa humana—*a fio*—
orvalhos d'alma *corrêram* !

Chorou ella até que a *brisa*
tão mansa trazer-lhe *ouvi*
confortos em que *aprendi*.
O celico effluvio á *rosa*
perguntou: „—Tão pura e *bella*
„ disputam-te anjos, *formosa*,
„ co'a lua, invejosos *d'ella* ;
„ e a sorte lamentas, *rosa*?! “

.. .. .

Se vês que a amada *doente*
não póde d'alma *curar-te*,
pede a Deus para *tratar-te*
no teu amor *innocente!*
Só Deus, bardo, se *quizesse*
poderia allivios *dar-te*.

Conscio, pois, da *sã verdade*
com que amas a *flôr mimosa*,
nem te assustes da *teimosa*
doença que a *martyrisa*;
nem te esmoreça a *pergunta*
feita á rosa pela *brisa*.

Bahia—1872.

AO CORAÇÃO

Coração, porque palpitas,
porque palpitas em vão?!
LAURINDO RABELLO.

Ai coração, que dentro em mim te agitas,
qual furibundo e encarcerado doudo!
Porque teimoso o meu socego evitas?
Porque ha de a parte poder mais que o todo?!

Cego, descansa em teu carnal encerro!
Que mais esperas d'este mundo ignavo?
Ai coração! emquanto exprobro um erro,
escravo sou de um miserando escravo!

Baldado o tempo em que te influes no lume
d'essa paixão que te enfraquece e apouca!....
Corróe-te o abutre do infernal ciume,
quando azas tomas da esperança louca!

E assim mordido pelo atroz abutre,
quão mais propendes ao fatal desvio,
mais o meu mal contra a razão se nutre
por bêm de amor que te corrompe o brio.

Pobre ludibrio de cruel vontade,
que em teus impulsos vaes levar-me a abrolhos;
para livrar-te da fallaz beldade,
se for preciso, arrancarei meus olhos.

Ai coração! da inexoravel diva
eia! inda é tempo de forrar-te ao jugo!
Foge os desdens da formosura altiva,
despreza o anjo que se faz verdugo!

Mas que! não me ouves?! Incuravel surdo
que ao desespero em tal surdez me arrastas!
e achas que é tudo que te digo—absurdo—
sem ver que, erroneo, da razão te afastas!

O olhar só sentes que— certa seta
de amor—uns olhos contra ti despedem!
e o mago olhar, a que surgi poeta,
abre-me o Inferno onde procuro o Eden!

Julgas que minto, coração? Protestas,
quando asseguro que—por ti—recebo
magua e prazer nas sensações honestas
com que na chamma d'esse olhar me embebo?

Cala-te, martyr, que te finges ledo,
quando mais soffres de insanaveis chagas!
silencio, fraco! de um sorriso tredo
és tão captivo que a traição afagas!

Não sabes, tonto, que a lethal inercia
suffoca enlevos do mais forte amante!
Para Camões chamou-se a dôr—Nathercia—
para Beatriz serviu de espectro o Dante!

Crês que inda pôdes recobrar a calma
em que de amor te suppuzeste isento?!
E' tarde! é tarde, coração!... minh'alma
presa é contigo a singular tormento.

Ai coração! se mais do que a cabeça
contráes os damnos d'este mundo ignavo,
mata-me ou morre! e que tal mundo esqueça
que escravo eu fui de um miserando escravo.

Bahia—Setembro de 1872.

LIVRO IV

MUSA FACÉTA

RAZÕES DE DEFEZA

A ROGO DE UM PACIENTE DE AMOR

Pedi-te um beijo, fugiste ;
fugiu-me a razão, busquei-te.
Tive o beijo . . . e ficas triste
por tão insonte deleite ?
Razão não tens de queixar-te,
como a não tive ao beijar-te.

Porque, pois, tão triste assim,
mal que revivo n'um beijo ? !
porque attribúes só a mim
culpa só de um bom desejo ?
Que mal te fez esse arroubo,
se não tens culpa no roubo ?

Roubei-te um beijo—é verdade—
mas o ladrão foi o amor ;
se houve na traição—maldade,
mal não queiras ao traidor ;
nada perdeste, e o culpado
nada possui do roubado.

Longas horas de tormento
decidiram-n'o a tal furto ;
mas ai ! tão maduro intento
deu-lhe um triumpho tão curto !
Porque esse beijo á traição
durou tão pouco ao ladrão ?!

Qual passaro engaiolado
que ás mãos que o roubam do encerro
se escapa e deixa o logrado
a maldizer-se do erro,
tal sumiu-se-me o teu beijo,
sem matar o meu desejo !

Castigar-me queres hoje
por crime já castigado ?
por um beijo que assim foge,
mal que se sente roubado ?
Pois quem chora o seu desazo
paga por culpa do acaso ? ?

Duas penas soffrer não póde
o mesmo corpo, querida.
Por bem de amor quem me acode
contra o bem de minha vida,
contra a que—supposta victima—
quer ser a juiza legitima!?

Quantos crimes perpetrados
contra o socego de amor!
Que remissão de peccados
anda ahi contra o pudor!
E eu provar dura sentença,
porque beijei sem licença!

Se queres que eu restitua
um beijo que é d'alma a essencia,
toma d'est'alma que é tua
toda a futura existencia.
Pague o meu amor de sobra
a quem sem amor o exprobra.

E se anhelas n'um momento
indemnizar-te do beijo,
mais veloz que o pensamento
satisfaço-te o desejo;
ao teu pudor levo a calma,
pondo em teus labios minh'alma.

N'um beijo, que assim resuma
meu passado e meu porvir,
não sobreviva nenhuma
das magoas do teu sentir;
um beijo pague outro beijo,
melhor moeda não vejo.

Já foges, sem ver que deixas
de ressarcir-te do roubo?!
Foge, mas cala essas queixas
que inspirou-te um puro arroubo;
deixa-me entregue aos meus threnos
mas, sem despeitos ao menos!

Com teus nacarados labios
não tentes mais os meus olhos.
Elles me fujam tão sabios,
qual destro nauta os escolhos;
mas, se é teu gozo o tentar-me,
hei-de sem culpa vingar-me.

Contra o pudor que te cerca
levarei justa vingança,
já que esperas que eu me perca
sem que me dês a esperança!
Tua sombra em toda parte
hei-de mil beijos roubar-te.

LOUREIRA

Que olhares, que gestos, que pulos, que modos!
Ser bella pr'a todos
é só seu desejo, seu gosto, seu fim!
Rainha dos bailês, chamando os vassalos,
só quer arrastal-os
só busca pisal-os
com seu sapatinho de branco setim.

E todos rodeiam-n'a, e todos se julgam
senhores da diva, e todos divulgam
seu grande poder!
E ella, enlevada no orgulho disforme,
não foge á mentira, não pensa, não dorme,
só para os falsarios nos olhos prender!

Eu vi-a embebida nas luzes do theatro....
no meio de quatro !.
e os quatro demonios julgando inda pouco,
um quinto attrahiu !
A todos deu corda, a todos no leque
seu rosto escondia, e um d'elles, moleque,
fez-lhe uma carêta, que a fatua não viu !

E ella entendia que todos a amavam,
que todos fallavam
com férvido impulso de candido amor ;
e, bem confiada nos mimos da face,
um só Lovelace
não viu nos demonios que o publico via !
Coitada ! sorria !
e o riso estridente cansava-me dor.

Aquelle pescoço não 'stava um momento
parado ! Cem vezes mudára de assento,
se fosse preciso cem vezes mudar,
com tanto que os moços a vissem direito
dos pés á cabeça, e um certo tregeito
dos labios, bem perto, podessem lhe olhar.

A orchestra calou-se ; attenta p'ra o drama
calmou-se a platéa.... Quem diz que a moçoila
podera um momento soffrer de mudez ? !

De costas p'ra scena, co'os hombros mimosos
tirava um vizinho — do somno profundo ;
o bom do vizinho, finorio, era sonso,
porém da *loureira* p'ra o riso jucundo
tornou-se mais tarde boneco de engonço
nas mil artimanhas jocosas que fez.

N'um baile encontrei-a, e o mesmo displante
lhe achei no semblante,
no olhar, na palavra, na mão e no pé!
Os taes borboletas, á cauda attrahidos,
mentidos suspiros, requebros mentidos
lhe davam, jurando
que só lhe faziam protestos de fé.

E ella, tão fatua, tão cega, tão varia,
da jura precaria
fazendo o seu garbo, fingindo sentir,
dizia p'ra todos co'os olhos em jogo :
—De amores constantes não creio no fogo,
no logro dos homens não hei de cahir.—

Chamou-se ás quadrilhas, ás polkas, ás valsas ;
e os titeres anchos de luvas e calças
dansavam, dansavam com tal phrenesi,
que eu mesmo, indignado de tantos pinotes,
só vendo Hottentotes
nos bons dansarinos, da sala apartei-me,
n'um canto assentei-me,
e o baile esquecendo, de enojo dormi.

Mas eis que despertam-me as vozes rouquenhas
d'aquelles macacos, sahidos das brenhas
p'ra o gremio da moda, com ar de gentis ;
e um d'elles, pensando que eu 'stava dormindo,
p'ra os outros sorrindo,
lhes disse: — Que moça ! que moça *coquette* !
Desdenha de tudo, em tudo se mette,
a todos promette,
e um beijõ me dava, e eu, parvo, não quiz ! —

— Enganas-te ! — o outro responde: — E' mentira !
D'aquella menina, que o mundo admira,
as graças só tive, só tive o penhor ;
mas eu não sou doido que agora me prenda
nas saias de renda
d'aquella capêta com azas de amor ! —

Por fim o terceiro fallou n'este gosto :
—D'aquella belleza no vívido rosto
só leio perjurios tremendos por vir.
Meu Deus, que tolices !
Que olhar, que momices !
Estende, nos bailes, de amores a réde,
e como não pôde fisgar o seu peixe,
se a gente lhe falla, responde: — Me deixe ;
não posso convir. —

E em vís gargalhadas os *dandys* rompendo,
sahiram correndo
em busca da linda *loureira* infeliz !...
Porém já não 'stava no baile, jazia
nos lares paternos, e nescia dizia :
— Não devo casar-me ; não quero prender-me
n'um laço de ferro ;
eu sei quanto valho, 'stou moça, não érro ;
bem que elles queriam, eu fui que não quiz. —

Rio de Janeiro—1868.

FOGO E GELO

RECITATIVO A DUO PARA OS AMADORES

Escuta, amor, que em meus grilhões bemdigo !...

—Falla comigo?—

Por piedade, escuta!

Com teu poder que escravizou-me a vida....

—S'tou bem servida!—

Eu não resisto á lucta.

Da morte o bardo em teu fulgor se esqueça....

—Não me aborreça.—

Em teu olhar fagueiro

despede ao triste o seu melhor consolo....

—Não seja tolo.—

Meu amor primeiro!

Se a mim te chegas, meu penar se applaca....

—Forte matraca!—

Por ti só me inflammo!

Os gozos passam contra amor tão breves!

—Morreu o Neves!—

E não crês que te amo!

Quero tocar da escravidão a meta!

—Sempre é poeta!—

No teu seio almejo

matar anhelos que abrazaram Dante....

—Não se adiante!—

Abre-me o céu n'um beijo!

Como evitar este fatal supplicio?!

—Busque outro officio.—

D'este amor a origem

sabes qual foi? consentes que eu recorde-a?

—Misericordia!—

Os labios meus te affligem!

Pois no delirio em que ardo e me consumo....

—Tome outro rumo.—

te incommodo, ó diva?!

Crês que a constancia que me arrasta é pouca?

—Cale essa bôca!—

Sempre a mesma altiva!

Mas ouve!.... attende á voz de amor que chora!

—Já vou-me embora!--

Caprichoso encanto,
não fujas.... cede aos rogos meus!.... Sê minha!

—Que ladainha!--

Nem te abala o pranto?!

Por ver-me afflicto contra mim te zangas!

—Chore pitangas.--

Que fatal desdem!

Dos vivos corro á sepulchral voragem....

—Boa viagem —

Deus te ajude!

—Amen.—

Rio de Janeiro—1872.

O LEQUE

Cantem outros a magica influencia
das sedas que farfalham,
esculpturaes contornos prohibindo
aos olhos da malicia ; vão cantando
o gosto de elegantes caprichosas,
mais vario nos matizes do que as galas
que traja o firmamento ; louve as modas
quem pretende o louvor das damas todas.

Eu não ; gosto de olhar, mas nada lucro
do chiste dos adornos ;
exprobro ás vezes, em silencio, o emprego
de inuteis arrabiques ; não me agrada
velha, que nos vestidos quer ser moça ;
moça, que em mal trajar velha parece ;
fujo os balões, que dizem ter feitiço,
e os corpos mais esguios que um caniço.

Da moda as transições bem se assemelham

—na razão das mudanças—

aos saltos dos politicos em moda.

Se um penteado cáe, porque a modista

só novidades quer, ministros cáem

porque o voluvel rei quer nova gente ;

se impera a rubra côr, liberaes velhos

viram casaca e tornam-se vermelhos.

No variar continuo da vaidade

por modelos do luxo,

sorprende-me a firmeza com que fica

sobranceiro aos caprichos da elegancia

o leque salutar, o ameno leque,

— preso, que em mãos de um anjo excita invejas ;

mas, que é victima, ás vezes, dos lamentos

da *carcassa* que o move aos quatro ventos.

Venha da China ou do Japão, o leque

é sempre bem aceito ;

quando a indomavel chamma do ciume

lavra ao calor de estrepitoso baile,

bons refrigerios traz' o prompto leque

á dama que o meneia ! Forte escudo

é bem vezes o leque ao máu desejo

de quem busça roubar de frente um beijo.

O leque é dos amores bom correio,
 quando pula, na dança,
da mão da dama aos labios do janota.
E nesse grato enleio de triumpho
com que o amima e oscúla quem o alcança,
que desengano atroz provém de um leque
aos que desejam só que elle se quebre,
porque de um cégo zélo ardem na febre!

Da voluvel nas mãos, o leque é sempre
 pára-raio de olhares,
que nos templos, nos bailes, nos theatros,
flammejantes se cruzam, procurando
a vista dominar da que olha a todos.
Se ella ouvil-os não quer, faz do seu leque
tapa-ouvidos: se ouvir lhe apraz, esconde
no leque a bôca, e ao segredar responde.

De uma virgem, nas mãos, medroso é o leque,
 immoavel qual a dona,
se o franco amor lhe sobressalta o pejo.
E o tímido aos valentes que de esforços
impõe, sem que lhes deixe uma esperança!
Feliz quem, n'esse leque a mira pondo,
faz serio estudo n'elle, a ver se o entende,
até que prende a linda mão que o prende.

Nas mãos de uma franceza, o leque é franco,
aos que um leque supplicam,
julgando que das mãos de uma rainha
colhem, para beijar, o amado sceptro.
De uma ingleza nas mãos o leque é frio
como os eternos gélos da Laponia ;
se a bem do amor ha traste que não peque,
é nas Ilhas Britannicas o leque.

Nas mãos da brazileira é vario o leque,
às vezes quasi inerte,
às vezes mais veloz que um corropio.
Uma conheço que, irritada, um dia,
por gracejos estupidos de um tolo,
para bem responder ao pé da letra
com seu leque poupou, findando enredos,
na cara do sujeito os cinco dedos !

Da hespanhola nas mãos, quasi que falla
o feiticeiro leque ;
tem talisman ; é mascara ; é telegrapho ;
é bisarma offensiva e defensiva ;
vae com ella p'ra mesa, sem que coma ;
jaz no leito ao pé d'ella, sem que durma ;
pousa no piano em que ella os dedos poussa,
e some-se com ella sob a lousa.

De um leque tanto gosta a Andaluzia,
 quanto de uma andaluza
gosta quem vê-lhe os olhos matadores.
O leque é a manivela da Hespanhola,
quem quer tocal-a, toca-lhe no leque ;
da Sevilhana o leque não socega,
por mais que essa Atalante esteja calma.
O leque em mãos hispanicas tem alma !

De um casquilho nas mãos faz nojo e raiva
 o leque mais bonito ;
fez-se o leque sómente para as damas,
que dão-lhe vida e emprestam-lhe attractivos
nas correntes magneticas dos dedos.
Maldicto quem maltrata um leque de anjo ;
abençoado o impávido moleque
que das mãos de um janota arranca o leque.

O leque já me fez rir de mim mesmo,
 quando eu, por um descuido,
beijos depondo em leque de matrona,
beijar suppunha o mais virgineo leque.
Quando olhos puz na virgem que acenou-me
com seu leque tão outro, envergonhei-me....
da mão cahiu-me o enganador abano....
e ri-me a disfarçar o triste engano !

Ostentações não quero em meu sepulchro ;
 não quero que os vaidosos
doirem-me a campa, especulando á custa
de quem nome não tem ; não quero as honras
que na mansão dos mortos nada exprimem ;
só quero que uma virgem, lastimando
ao pé de mim da vida minha o córte,
me abrande com seu leque o ardor da morte.

Rio de Janeiro—1871.

QUEIXAS DE UM CALOURO

Trago a cabeça escaldada
por amor que não me deixa!
Todo bem me desagrada,
oh! tanto fogo me vexa!
não posso viver assim!

Ai de mim!

Ai de mim que, por não vê-la,
me torno incapaz de tudo;
quando me foge essa estrella,
fico bronco para o estudo!
Quando este amor terá fim?

Ai de mim!

Todos disfarçam, esquecem,
se amor os está mordendo;
mais as forças me fallecem,
e cada vez mais me prendo!
Porque sou tão fraco assim?
Ai de mim!

Quantos desprezam pelo ouro
tudo que amor lhes inspira!
E eu—nos amores calouro—
não transijo co'a mentira.
Antes de tempo amar vim,
ai de mim!

Se ella ri-se, estou risonho;
se ella é triste, eu nem respiro;
se falla, tremo e suspiro,
se foge, fico tristonho.
Sou de amor um manequim!
Ai de mim!

Sou nos bailes estafêrmo!
Se ella nem dansa comigo!
A's vezes finjo-me enfermo;
se um galanteio lhe digo,
ella responde-me assim:
—Ai de mim!—

Os moldes vivos da moda,
os casquilhos de mais fama
todos lhe fazem a roda,
porque todos ella inflamma!
e eu me escondo como um chim!

Ai de mim.

Se em bem vestir-me capricho
e envergo um novo casaco,
murmuram todos:— „ Que bicho!
Parece mesmo um macaco!
Luvras de côr de alecrim ! “

Ai de mim!

Se me entristeço e não fallo
e n'algum canto me metto,
dizem muitos:—Dóe-lhe o callo,
ou rulina algum soneto
o jocoso Bernardim.—

Ai de mim!

E ella, surda e cega a tudo
que soffro da gente fatua,
foge de mim que, tão mudo,
por vel-a, torno-me estatua.
Quem já teve amor assim!

Ai de mim!

DIALOGO

— Lembras-te ainda, Luiza,
do tempo em que eras pequena?
Eu te dizia: „ Morena,
o teu marido hei de ser. “
E respondias: „ Quem sabe?
Veremos, quando eu crescer. “
Luiza, essa quadra amena
já te sahiu da lembrança? —

— Não me lembro; co'a mulher
não tem que ver a criança. —

— Lembras-te, quando brincavas
com meus soldados de chumbo
e me dizias: „ Me incumbo
de arrumar os cavalleiros “
e, dos que mal arrumavas
quando eu via algum quebrado,
ralhava logo comtigo,
tendo em troco um — malcriado — ?
Já te não lembras, querida,
ou é mentira o que digo ?

— Não me lembro ; a um tal passado
muita importancia não ligo. —

— Não te lembras de que andavas
de collo em collo saltando,
formosas damas beijando,
por lindos moços beijada ?
E se o cabello enfeitavas
só com dous laços de fita,
toda a gente enamorada
dizia: „ Como é bonita ! “

— Não me lembro. Hoje estou moça,
e n'esse tempo era nada.

— Não te lembras d'esse dia
em que eu, galgando a ladeira,
fui tomar-te a dianteira
só para furtar-te um beijo ?
Não te lembras da alegria
com que matei meu desejo ?
Não te lembras do teu pejo
que raivoso me dizia :
„ Eu vou contar a papae “
e eu respondia : „ Pois vae ? “ —

— Não me lembro. Que aproveitamento
em lembrar o que é mal feito ? —

— Lembras-te, quando eu voltava
da mais cruel das eschololas,
como esconder-te buscava
nas mãos as manchas tão rubras
da execranda palmatoria ?
E me dizias, risonha,
bem informada da historia :
„ E' bom que as mãos não descubras,
se inda ha nas faces vergonha. “
Já te não lembras, judia ?

— A improficua palmatoria
já me sahiu da memoria. —

— Não te lembras de uma tarde,
em que ao ver-te mais crescida,
eu deixei-te enfurecida,
porque me ouviste exclamar ;
„ Que pernas de saracura !
como está feia a emprôada ! “
A pilheria foi tão dura
que desataste a chorar.
Não te lembras ? !... Não forcejo
memoria tão deslembrada. —

— Não me lembro se era feia,
mas tão mudada me vejo ! —

— Não te lembras, porque vives
só lembrando os que te esquecem,
não te lembras dos que descem
a lembrar tempos inuteis ;
só te lembras de atrevidos
janotas parvos e futeis,
que, na impostura embebidos,
só se lembram das moçoilas
para fazer-lhes affrontas ! —

— Pois bem ; só lembro esquecidos,
e não tenho a quem dar contas. —

OS ARRUFOS

(CANÇÃO)

Eu que não acho incentivo
das loureiras no disfarce,
sou dos arrufos captivo
se o meu bem vejo arrufar-se.

Como indicio bom do zelo
só maldizem dos arrufos
almas que medram no gelo,
ou refinados Tartufos.

Se ella se arrufa comigo
e—seu tormento—me chama,
a mim mesmo ufano digo:
Quem não se arrufa não ama.

Como indicio bom do zelo, etc.

Como entre perfume e espinhos
mais cubiças nutre a flor,
entre arrufos e carinhos
mais nos tenta o cego amor.

Como indicio bom do zelo, etc.

Formosa que almeja escravos,
não se mostre sempre a mesma;
enjôam continuos favos,
enfada a perpetua lesma.

Como indicio bom do zelo, etc.

Falle embora a gente fatua
contra arrufos de mulher;
mas, não te faças estatua,
se o meu amor te offender.

Como indicio bom do zelo, etc.

Se ella me franze o sobrolho
porque aponto os meus rivaes,
mudo, humilhado me encolho,
mas fico querendo-a mais.

Como indicio bom do zelo, etc.

Depois da procella a calma ;
depois do arrufo um sorriso l...
Por taes mutações n'est'alma
se renova o paraizo.

Como indicio bom do zelo, etc.

Por mais que seja batido
não perde o ouro o valor ;
coração que é bem querido
não teme arrufos do amor.

Como indicio bom do zelo, etc.

Se da linguinha de prata
atira em tempo uma chufa,
não perde, quando maltrata,
feiticeira que se arrufa.

Como indicio bom do zelo, etc.

Se contra os firmes amantes
o arrufo é treda manobra,
não faz honra aos assaltantes
moça que a tudo se dobra.

Como indicio bom do zelo, etc

E' toda fel, se arrufada,
—diz o esposo mais fiel—
mas, quando se desenfada,
desfaz-se em mim toda mel.

Como indicio bom do zelo, etc.

Entre arrufos bom proveito
colhe amor contra a razão.
Fuja de arrufos com geito
quem foge de ter paixão.

Eu bem que sinto dizêl-o,
embora o neguem Tartufos :
São sempre indicios de zelo
os mais tremendos arrufos.

Bahia—1872.

RIXAS DOMESTICAS

Acalenta este menino,
Isbella, que me atormenta!
—Só diz a mana: acalenta!
e eu louvo o seu bom destino.
—Mas, se a creança te quer
e de mim foge, mulher?!

—Ai meu Deus! dae-me um esposo,
p'ra que eu socegue tambem.
—Já vem a mana, já vem
com seu ataque nervoso!
— Ah! se não quer que eu me zangue,
é melhor beber-me o sangue.

—P'ra que berra e fica rouca
a mana, sem causa alguma?!

—Para que não me consuma
quem só busca ver-me louca.

—Se é pirraça que me faz,
case-se e deixe-me em paz.

—Já não casei com fortuna,
porque,—inda solteira—a mana
disse : Contra quem te engana
é bem que já te premuna....

—Porque não casaste, Isbella ?

—Porque cahi na esparella.

—E depois que achei marido ?

—Não casei porque não quiz.

Podera ser bem feliz,
e choro o não ter querido.

—Mulher, porque não quizeste ?

—Porque o velho era uma peste.

Depois achei n'um concerto
um famoso rabequista,
que, inda hoje, quando me avista,
fica logo boquiaberto.

—Porque deixaste a rabeça ?

—Porque o dono era careca.

—E além d'esse achaste outro ?
—Um caixeiro de cobrança,
mas que, entrando em qualquer dança,
pulava mais do que um potro !
—A festa então desmanchou-se....
—Porque o noivo deu-me um couce.

Depois pediu-me um tenente
que era uma dama no rosto.
Já estava tudo disposto,
mas, desfez-se de repente....
—Desfez-se por teu agrado ?
—Porque o noivo era casado.

Tambem um letrado achei
que bem fallava e escrevia ;
—que era mui rico—dizia,
porém ao pasto o lancei.
—Porque desprezaste o rico ?!
—Porque era de penna e bico.

—Achei mais tarde um doutor,
um deputado, um lavrante,
um piloto, um estudante....
—E não tomaste o melhor,
achando tantos e taes ?!
—Não, que tanto era de mais.

—Ai, meu Deus, quando eu livrar-me
d'estes alheios peccados....

—Só na mansão dos finados
onde Isbella hade esperar-me.

—A mana tem bons rompantes!
Cuida então que eu morro antes?!

—E' natural, é mais velha....

—Sou mais velha, mas, a morte
—moço ou velho, fraco ou forte—
todos puxa pela orelha,

—Ha excepções, não são todas;
mais cedo morrem as doudas.

—Já começa me insultando
a mana, porque é casada!
Seja por Deus, se lhe agrada
que eu viva embalde penando!

—Ora, Isbella, que tolice!

—Ai Deus meu! que foi que eu disse?!

—Disse que matal-a vou....

—Oh mana, que falso enorme!

—Não grite, a creança dorme....

—Para ninal-a aqui estou.

—Sinto já dôr de cabeça,
Isbella, não me aborreça!

Deixe-me em paz que Severo
censura-me, quando eu rixo.
—Meu cunhado não é bicho ;
não vou, não vou, que não quero.
Quando eu tiver meu marido,
verás um homem polido.—

E a tão rabujenta Isbella
não tem casado até hoje !
Não sei se elles fogem d'ella,
ou se ella é quem d'elles foge.
Diz um : Casará um dia.
Diz outro : Ficou p'ra tia.

Rio de Janeiro—1872.

O BALÃO E AS SENHORAS

Leitores, vou tomar luto
por mais um que já morreu ;
das novidades da côrte
foi a que me surpreendeu!
Que desgraça, que vazio
deixa o defunto no Rio!
Que funesta abolição !
Para os meus olhos, que magoas !
Estão de cima as anagoas,
cahiu por terra o balão !

Qual foi a causa da morte ?
Quem primeiro o desprezou ?
Quem d'esse mundo de pannos
as graças malbaratou ?

Respondam, que estou em chamma
para acerar epigrammas
contra a erronea opinião;
não acho nada agradável
tornar-se quasi impalpavel
uma dama sem balão.

Contava tantos sectarios
e foi maltratado assim!
Mas a vingança tremenda
hoje começa por mim.
Eu declaro em pleno dia
que não ligo poesia
e que não presto attenção,
á rigorista da moda,
que nos salões pula e roda
sem a roda de um balão.

Eu, sem ver balão, não vôo
para as cadeias de amor;
d'essas *nymphas escorridas*
corre qualquer trovador;
da mulher a realza,
sem balão, morre, e a firmeza
dos homens no coração;
a musa fica tão fina,
tão bisonha e pequenina
sem o bojo de um balão!

N'este paiz nada vinga!
Não sei onde irá parar
esse vaivem dos costumes,
esse gosto de mudar!
Dizem que são do progresso ;
e eu de gritar não cesso
que só retrogrados são ;
já nem respeitam velhice ;
por uma nova tolice
deitam p'ra fóra o balão !

Mas, se estão firmes no gosto,
que agora abraçam, tão máu
de ficarem reduzidas
quasi á magreza de um páu,
nutram-se, minhas senhoras,
de modas innovadoras
que não accendem paixão,
que, emquanto dobram os sinos,
eu direi — morram, meus hymnos !
Requiescat. Amen. Balão !

Rio de Janeiro—1866.

PAE E FILHA

Posso dansar esta valsa,
papai? — Não póde, menina.
A tal dansa é muito falsa,
e os mais fortes desatina.

— Sou d'este baile o estaférmo!
Não sei o que faço aqui....
— Ingrata, apesar de enférmo,
aos teus rogos accedi.

— Para todas as quadrilhas
tenho pares tão ruins!

— Rosa entre cardos —mais brilha
do que rosa entre jasmims.

— Papae, velhos, como aquelles,
tão feios quem póde amar?!

— Os moços mudam de pelles,
velhos não têm que mudar.

— Os taes velhotes jarretas
não passam de comilões.

— Que queres? Não são patetas
que só vivem de illusões.

— Veja.... agarram-se ás bandejas
como asnos ás mangedouras!

— D'elles o commodo invejas.
Se comes um pouco, estouras.

— Porquê? — Porque o espartilho
dous proveitos não produz.

Quem na cintura é junquillo
sustenta-se de ar e luz.

— Mas, papae, n'esta quadrilha
deixe-me ao menos a escolha!

— Da cama ao socego, ó filha,
queres que eu já te recolha?

—E' um rapaz mui galaute....
olhe.... aquelle que alli vae!
— Tem-me cara de tratante....
— Papae, deixe!... —Qual papae!

— Se dá-me o braço o Maduro,
de mil irrisões sou alvo :
dizem uns : „ Que claro escuro ! “
dizem outros : „ Que papalvo ! “

— Menina, faze aos bonecos
ouvidos de mercador,
porque esses fructos tão pecos
só nutrem o proprio amor.

Segue á risca o meu conselho ;
foge do vicio ao contagio.
„ Agua nova em pote velho
sempre é melhor “ diz o adagio.

— Mas, papae, lá vem o moço
que pede tanto a quadrilha !
— Eu tomo o negocio em grosso,
e acabo o pagode, ó filha.

— Veja : está qual uma estatua !
tem mêdo até de acercar-se !
— O' filha, não sejas fatua,
não creias em tal disfarce.

Cortem-me antes o pescoço,
mas eu não sou João Fernandes.
— Consinta, papae, que o moço
deita-me uns olhos tão grandes!

— Tem uns olhos tão sinistros
que nem o posso encarar.
— E' primo de dous ministros...
— Ah! então pódes dansar.

Rio de Janeiro—1871.

A VIUVINHA BEATA

Era innocente e bem linda;
não tinha os seus quinze ainda,
mas dava já que fazer
aos que, vendo-a na janella,
por mais que fugissem d'ella,
não deixavam de a rever.

Era um mimo essa pequena
tão risonha e tão morena,
tão seductora e tão chan !
dos olhos nos vivos lumes
instigava mil ciumes,
tentava mais que Satan !

Foi um dia, e a morenita,
tão donosa e tão bonita,
sahiu da prisão do lar,
e—ás lindas causando inveja—
entrou na visinha igreja,
poz-se tão calma a rezar!

Co' a reza toda entretida,
toda no padre embebida
de olhos tão fitos em Deus,
parecia indifferente
a todo e qualquer vivente
que buscasse os olhos seus.

Do organ ás ultimas notas
levantaram-se as devotas
dizendo baixinho *Amen.*—
A morenita assim disse,
e, por mais que ao mal fugisse,
sempre ouviu dizer:—Meu bem!—

Ficou logo tão corada!
Mas que resposta deu? Nada
poude á graça responder.
Não quiz profanar o templo,
não quiz dar um feio exemplo,
seu tempo não quiz perder.

Mal que ella se viu na rua,
abaixando a fronte sua
por causa da tentação,
não sei de quem, não sei onde
ouviu dizer:—Não responde ? !
Quer casar comigo, ou não ?—

Teve a moça um calafrio!
logo as lagrimas em fio
beijaram-lhe a fina tez! . . .
teve mêdo da resposta
mas, não foi de quem não gosta
essa eloquente mudez.

E, passados trinta dias,
recheiados de alegrias
que ninguem pode pintar,
a morenita beata
á igreja mostrou-se grata,
na igreja foi se casar.

Desde então teve preguiça
de ouvir a comprida missa
que tantas vezes ouviu ;
e enlevada no consorte,
nem se lembrou mais da morte,
nem mais aos Santos pediu !

Por acaso, ou por castigo,
ou por zombar do perigo,
o esposo as azas bateu,
deixando triste e sosinha
na viuvez a rolinha
que tantos gostos lhe deu.

Bem mettida no seu canto
chorava, chorava tanto
que a todos causava dó;
por mais sol que houvesse, ou chuva,
sempre ia á egreja a viuva
por seu defunto orar só.

Um dia orou muito e, quando
foi do templo se apartando,
do templo á porta parou,
para saudar n'um instante
ao devoto mais constante
que a breve mão lhe beijou.

A boa da viuvinha
só entregava a mãozinha
aquelle devoto bom,
porque o via tão singelo,
porque, sendo moço e bello,
não seguia o grande tom.

Horas inteiras ficava
o devoto a orar!. orava!.
orava de coração,
só á espera da viuva
que já descalçava a luva
para dar-lhe o beija-mão.

Houve frequencia no beijo
c, acceso em casto desejo,
disse o devoto uma vez:
— „Meu anjo, que tanto choras,
queres encher bem as horas
de quem mal nunca te fez?

„ Se queres, a ti me ajunto
para chorar o defunto
e enxugar os olhos teus;
sc queres, dize, que eu qucro,
e confio em Deus e espero
que nos ate os laços Deus!“ —

A viuva enterneceu-se
tanto e tanto que perdeu-se
no caminho para o lar;
do devoto pelo braço
de amor outra vez no laço
cahiu, sem nunca o pensar.

Não ha ninguem que hoje a veja !
Foge até de entrar na igreja
quem sáe assim da viuvez ;
mas, dizem linguas de prata
que outra vez teremos beata,
se ella enviuar outra vez.

Rio de Janeiro—1872.

O CASQUILHO

Arrastando a bengalinha
pela rua do Ouvidor,
de pernas enchendo a rua
vae o casquilho doutor.
Não tem que ver, direitinho
vae ao balcão do Moutinho,
do Souza ou do Castellões
saber noticias do dia
e alegrar a companhia
como rei dos toleirões.

Esse vivo figurino
que ás moçoilas lindo assoma,
supprindo as faltas do espirito
com demasias de aroma,

onde quer que chega e falla
os seus contendores cala
e dos parvos na razão
mais inflúe do que o dinheiro,
que n'um dia é taverneiro
e n'outro dia é barão.

Tem o casquilho uma lingua
que, a primar no disparate,
as thesouras só respeita
do *coiffeur* e do alfaiate.
Quando discorre em politica
acha que é sempre rachitica....
do povo queixa-se emfim,
não tanto quanto do barro
que ás vezes de velho carro
lhe cáe no fresco botim.

E o casquilho aos seus ouvintes,
sempre mostra—no que diz—
ter menos verniz na cara
do que nas botas verniz.
Elle nasceu para nobre;
enquanto durar-lhe o cobre
ha de em seus trajos impôr,
e por mais que algum casmurro
o queira tomar por burro,
sabe elle e bem que é doutor.

Em S. Paulo e no Recife,
comquanto avêso aos direitos,
esse estudante da moda
colheu enormes proveitos.
Ordenações e Pandectas
e outras obras predilectas
sempre evitando, o rapaz
provou que um mortal não erra,
se aos livros declara guerra
e os foge, vivendo em paz.

Agora, que um pergaminho
tem o casquilho, não cansa
de arrotar serios estudos,
citando os genios da França;
em taes citações se apura,
mas sapateiros mistura
com Voltaire e Beranger,
e assim é de crer que afouto
—longe da patria—um tal douto
falle em versos do Raunier.

Mas o casquilho, que esforços
a bem da moda não poupa,
visitar a Europa almeja
só para comprar mais roupa.

Quer ver se póde, em dous mezes,
macaqueando os francezes,
vir de lá como um francez,
e—de um só sem discrepância—
cá dos balcões da elegancia
ser o elegante freguez.

Lá vae o nescio casquilho
embellezado em si mesmo,
que, andando só p'ra mostrar-se,
finge sempre andar a esmo.
Duas idéas não liga
d'alma em favor, porém briga
e certo fica de mal
com quem ás modas opposto
censura faltas de gosto
n'um casquilho sem rival

Rio de Janeiro—1872.

A UM SAPATINHO

Saltaste-me aos olhos, tentando-me os labios,
de um pé buliçoso de sylphide, ó ninho !
O mais opulento dos reis não invejo,
e invejo-te a sorte, feliz sapatinho !

Thesouro adoravel ! ó casco mimoso
da esquiva gazella que foge ao carinho !
Como ella aos meus rogos de chofre se escapa,
assim lhe escapaste do pé, sapatinho !

E's tão precioso que só por colher-te,
se expondo a malicias, o casto pézinho
de sob o vestido, subtil, deslisou-se
até recalçar-te, fugaz sapatinho:

Que asseio te habita, ditosa morada,
mais limpã e mais alva que a alvura do arminho !
Bem como o casúlo do sérico insecto,
teu dono accommodas, gentil sapatinho.

Tu és a corolla de um pé todo aroma.
Que aroma e corolla de flôr sem espinho !
Se o pé se me occulta, franquêa-te ao menos
e vem de meus beijos te encher, sapatinho !

Serei mais que os gregos heróes que libavam
em taças custosas o chyprico vinho,
se um dia alentar-me do nectar dos anjos,
bebendo na copa de um tal sapatinho.

E' sempre manhosa fidalga a botina,
apraz-lhe de alfombras um liso caminho ;
tu sobre declives ou planos te ageitas,
mostrando-te a todos, plebeu sapatinho !

Se deixas, ó virgem, o fervido baile,
cansada do humano voraz borborinho,
ao pé, que agitou-se nas valsas tão doidas,
que allivios encontras no teu sapatinho !

Na hora em que ao leito convida-te o somno
nas colchas macias de nitido linho,
e conscia dos sonhos, que ledos te aguardam,
tranquilla descalças o teu sapatinho ;

aos pés do teu leito, guardado por anjos,
mulher, quem me déra ser um passarinho,
e então me aquecendo n'esse almo envoltorio,
do pó sacudir-me no teu sapatinho !

E quando despertas, co'as lindas madeixas
revoltas nas graças do mór desalinho,
porque é que não posso, captivo de amores,
calçar de joelhos o teu sapatinho ?

E em paga do gosto com que te eu servisse
ao pé tão rosado, tão quente e nuzinho,
que mal te viria, se um beijo estalasse
na fôrma animada de teu sapatinho ?

Se a mão tão buscada de esposa me negas,
reprima-me as queixas na bôca o pézinho
que pisa minha alma, que instiga-me os zelos,
se folga aninhado n'um tal sapatinho.

E quando eu, ralado de inuteis anhelos
fugir d'este mundo precario e mesquinho,
em prova do escarneo com que me supplantas
vá sobre o meu feretro o teu sapatinho.

Bahia—1871.

NOTAS

NOTAS

IGNOBILIS IDÉA

(1) AO BENE MERITO ABOLICIONISTA O EXM. SNR. VISCONDE
DO RIO-BRANCO

Seria ingrato a minha, não já como amigo particular e admirador do talento, mas como brasileiro, se n'uma poesia inspirada pela idéa da escravidão deixasse de render homenagem ao magnifico trabalho do bizarro e veneravel estadista que, pela promulgação da lei de 28 de Setembro de 1871, já pertence á historia.

O visconde do Rio-Branco, attentas as difficuldades que superou e as circumstancias especialissimas em que deu batalha aos emperados inimigos da grande idéa, gravou na memoria da patria um titulo que por si só basta para constituil-o bemfeitor da humanidade, tornando-o portanto refractario ás armas da critica apaixonada que, impotente contra as esplendidas carreiras, não cessa de exprobrar nos homens predestinados quaesquer ligeiros tropeços ou desvios a que não escapam os mais habéis e bem intencionados politicos.

Isto posto, em que pese a adversarios pouco generosos, que são capazes até de negar a sobreexcellencia do sol como foco de luz, é in-

contestavel que José Bonifacio e o visconde do Rio-Branco marcam dous acontecimentos importantissimos nos fastos politico-sociaes do Imperio, avultando o primeiro como illustre martyr da Independencia em prol de seus irmãos, e o segundo como imperterrito bravo da caridade em favor de seus semelhantes.

A' fé que sinto a insignificancia da minha offrenda—na dedicatoria que fiz—e a insufficiencia de recursos, que me deixa em divida com tantos philantropicos espiritos que, no parlamento e na imprensa, antepondo os interesses da nação ás differenças e melindres de partido, acompanharam o gabinete de 7 de Março na magna questão da reforma do estado servil.

Não commetto, pois, uma inconveniencia em agrupar aqui—n'um quadro digno de palmas immorredouras—preclaros cidadãos que, se adunando sob o labaro do progresso, acabaram, no dizer de um inspirado parlamentar, com—*a pirataria exercida em roda dos berços, nas aguas lustraes do baptismo.*

D'entre esses tão lucidos intellectos quão louvaveis corações se destacam, em abono dos partidos militantes, os senadores viscondes de Souza Franco, de Nicheroy e Inhomerim, conselheiros Octaviano, e Nabuco; e os deputados monsenhor Pinto de Campos, conselheiro Junqueira e desembargador Alencar Araripe.

A PARAGUAYA

(2) Para que alguns espiritos malevolos não attrbuam ao poeta instinctos ferozes sobre o cadaver do tyranno, declaro *a tutti quanti* que estes versos foram inspirados muito antes da morte de Lopez.

A muitos que suppuzerem desaccordes com o fanatismo do Paraguay em favor do seu despota as maldições que ponho na bôcca de uma paraguaya, declaro tambem que não produzi taes estrophes por mero capricho de imaginação, mas, sim, pela impressão que me causaram lamentos, exprobrações e lagrimas de tantas desgraçadas,

victimas da furia do dictador nas agruras da peregrinação das Cordilheiras.

Que muito é que d'entre tantos milhares de infortunadas orphans e viuvas paraguayas exista uma digna de individualisar as idéas palpitantes do meu canto ?

SAUDAÇÃO

(3) DE BARROS E DE BARBOSA

Reflro-me ao denodado e memoravel 1º tenente A. Carlos de Mariz e Barros, ferido mortalmente dentro da casamata do encouraçado *Tamandaré*, por occasião do ataque do Itapiru, e ao bravo capitão de mar e guerra Eliziario José Barbosa, que na passagem de Curupaity, quando commandante desse mesmo vaso de guerra, recebeu, no mesmo recinto, um estilhaço de bomba que lhe fez perder um braço.

Que pasmosa coincidência ! E' assim que o genio da morte, no empenho de destruil-os, irmana pelo sofrimento os fidalgos d'alma, dilectos da gloria.

Barbosa glorificou ainda mais com seu sangue o posto de honra indelevelmente marcado pelo sangue de Mariz e Barros, digno filho do visconde de Inhaúma. Para tal commandante finado tal successor vivo. Indecisa entre esses dous jovens officiaes, a historia contemporanea, chorando por um e sorrindo para outro, não sabe dizer qual o mais distincto.

(4) O leitor attento verá que entre os numeros com que fiz chamadas de notas no correr do meu livro, não figura aquelle com que abri esta nota. Por um descuido do compositor vale-me agora tal omissão de numero para lamentar com o meu paiz o sentidissimo passamento do benemerito capitão de fragata Augusto Cesar Pires de Miranda.

Quando lhe dirigia versos apologeticos no theatro da guerra, quão longe estava eu de crer que taes versos, impressos em livro no remanso da paz, não seriam lidos pelo galhardo successor de Barbosa, no commando do *Tamandaré*!

E' justo que a memoria da patria, encarnada nos posteros, cobrindo com feixes de louros a modesta sepultura do bravo de Riachuelo e de Humaitá, ensine ou imponha aos governos futuros ainda mais consideração aos que se sacrificam pela dignidade nacional.

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

(5) SARCASMOS INSPIRADA AO REI ASSOMBRO

Alludo a Napoleão I, que qualificou de utopia a applicação do vapor aos diversos e multiplos ramos de progresso physico e intellectual das nações.

Essa aguia da guerra, se ainda vivesse, quanto se arrependeria de tal qualificação!

HUMAITÁ

(6) QUE ENTREGARAM-SE A'S FORÇAS DA RAZÃO

Fui testemunha ocular do edificante espectáculo offerecido, no dia 5 de Agosto de 1868, pelo desfilarmento dos prisioneiros que o exercito imperial fez na peninsula do Chaco, depois do abandono da famigerada Humaitá e dos combates titanicos com que se honraram muito os vencedores nos vencidos. Refiro-me, pois, a esse inolvidavel dia, que representa uma bella pagina de gloria para as armas brasileiras sob o commando do venerando marechal duque de Caxias.

HOMENAGEM

(7) DEPOIS DOS HORRORES DO BARBARO EXEMPLO

Alludo ao crudelissimo assassinato praticado, na pessoa d'esse caudilho heroico, por alguns bandidos assalariados, instrumentos vivos de nefanda politica, que n'uma das ruas mais publicas de Montevidéo, conseguiu realizar tão grande ultraje á civilisação e ás leis do paiz.

A DOENTE

(8) Antonio Augusto de Mendonça é um dos mais suaves e conscienciosos poetas lyricos que conta o Brasil entre seus filhos vivos. No seio da minha idolatrada Bahia nenhuma lyra, hoje se afina melhor para o amor, nem com tão amena delicadeza castiga os defeitos da sociedade viciosa e ridicula.

Tentado pela poesia cujo titulo ençabeça esta nota, não me pude furtar ao vivo desejo de responder pelos mesmos consoantes aos carmes saudosos e dulcissimos com que o poeta, reconhecido á soberania da formosura realçada pelos fulgores do espirito, chora a falta de tão predilecta musa, rainha dos bailes, emparaizadora dos lares e cubiçada hospede dos jardins.

O meu irmão d'alma que me perdôe o arrojo com que tentei acompanhar-o na harmoniosa e seductora pesquisa. Perdôe, porque tambem debaixo dos pulchros raios da lua estiva scintila o trétego pyrillampo, antes por homenagem que por acinte ao copioso brilho do astro que magnetisa os amantes.

INDICE

INTRODUÇÃO

DEDICATORIA

LIVRO I

HARPA

	PAG.
A' Bahia	1
A Moema	8
Homenagem ao <i>inlyto marechal visconde de Pelotas</i>	13
A liberdade.....	21

II

	PAG.
A Ernesto Rossi.....	26
Hosanna.....	30
Voto de gratidão A S. A. o Sr. Conde d'Eu.....	39
A Arthur Napoleão.....	43
Ignobilis idéa.....	49
A Adelaide Ristori.....	57
Aos operarios.....	61
A Carlota Carozzi.....	65
Adeus a Maurity.....	67
Parabens.....	71
Væ prostitutæ.....	76
O jogo.....	80
Dous de Julho.....	85
Adeus de Ristori ao Brasil.....	91
Adeus a Adelaide Ristori.....	94
A Paraguayá.....	96
Saudação ao bravo commandante Pires de Miranda.....	101
Ave, imperator.....	106
Bartholomeu de Gusmão.....	115
Versos recitados no collegio <i>Abilio</i>	122
Humaitá.....	125
O herôe. <i>Ao legendario Osorio, marquez do Herval</i>	136

LIVRO II

LYRA

Threnos.....	145
Gonçalves Dias.....	153
Visita a necropole.....	162
Saudação á memoria do visconde de Inhaúma.....	166
Ao passamento de <i>Faustino Xavier de Novaes</i>	170
Homenagem <i>Sobre o tumulo de D. Venancio Flôres</i>	173
Continencia.....	177
O desengano.....	182

LIVRO III

ALAUDE

	PAG.
Tu e eu.....	193
Como eu te amo.....	196
A captiva de um seio	199
Fada.....	202
Teu sorriso.....	210
Um suspiro	211
Soneto. <i>E no teu seio ser feliz morrendo</i>	217
Seu andar.....	218
Ella.....	222
Prece	225
Soneto. <i>Une nos labios teus minh'alma á tua</i>	228
Valsando.....	229
Extasis.....	233
Um beijo.....	241
Arroubo	248
Recordações.....	257
Nunca	265
Descrença.....	267
Perseverança.....	272
Soneto. <i>Os dias na esperança de um só dia</i>	274
Soneto. <i>Para matar de amor quem de amor morre</i>	275
Sem ti	276
Os olhos da morena.....	280
Ai creança.....	286
Amor de mãe	290
Onze versos.....	295
O barqueiro.....	296
N'um album.....	302
A mariposa.....	306
Musa consolatrix.....	310
A violeta.....	313
Porque choravas.....	316
O primeiro beijo.....	320

	PAG.
A doente. Poesia de A. A. de Mendonça	324
Resposta	328
Ao coração	332

LIVRO IV

MUSA FACÉTA

Razões de defeza	337
Loureira	341
Fogo e gelo	346
O leque	349
Queixas de um calouro	355
Os arrufos	362
Rixas domesticas	366
Dialogo	368
O balão e as senhoras	371
Pae e filha	374
A viuvinha beata	378
O casquilho	384
A um sapatinho	388
NOTAS	393

Erratas

PAGS.	ERROS.	CORRECÇÕES.
4	Tú	Tu
5	»	»
34	emvão	em vão
35	epizodios	episodios
37	acclarae	aclarae
46	mais calmas,	mais calmas
47	Vestaes,	vestaes
»	tropheus	troféos
54	opprobrio	opprobrio
65	Carlotta	Carlota
78	nas rosas d'essa bocca	na rosa etc.
98	se applaca	se aplaca
99	de punhal	de um punhal
107	assentou-se	ausentou-se
115	á morte dos que martyres	à morte dos martyres
124	as cultas da nações	as cultas nações
»	almejas	almejaes
126	frustaram	frustravam
129	vem ouvir-me dizer-me	vem ouvir-me, dizer-me
150	trindade archétypica	a trindade archetypica
176	As não vejo!	Não vejo!
187	vivo evitar vivos	vivo a evitar vivos
»	n'este equulo	n'este equuleo
188	c'as ondas	co'as ondas
192	entre mais risos	entre mais riso
205	Do antro da culpa	O antro da culpa
212	Quando c'a brisa	Quando co'a brisa
»	que um tal suspiro	que um tal suspirar
220	Elle é sylpho	Ella é sylpho
224	divinal conjuncto ;	divinal conjuncto.
»	de anjos transumpto	De anjos transumpto
230	ardentes de anhelos !...	ardentes de anhelos,
240	ao éden	ao Eden
258	novo eden	novo Eden
273	por toda a parte	por toda parte
»	morrã, meus hymnos	morrã meus hymnos.

E outros que o leitor esclarecido corrigirá.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).